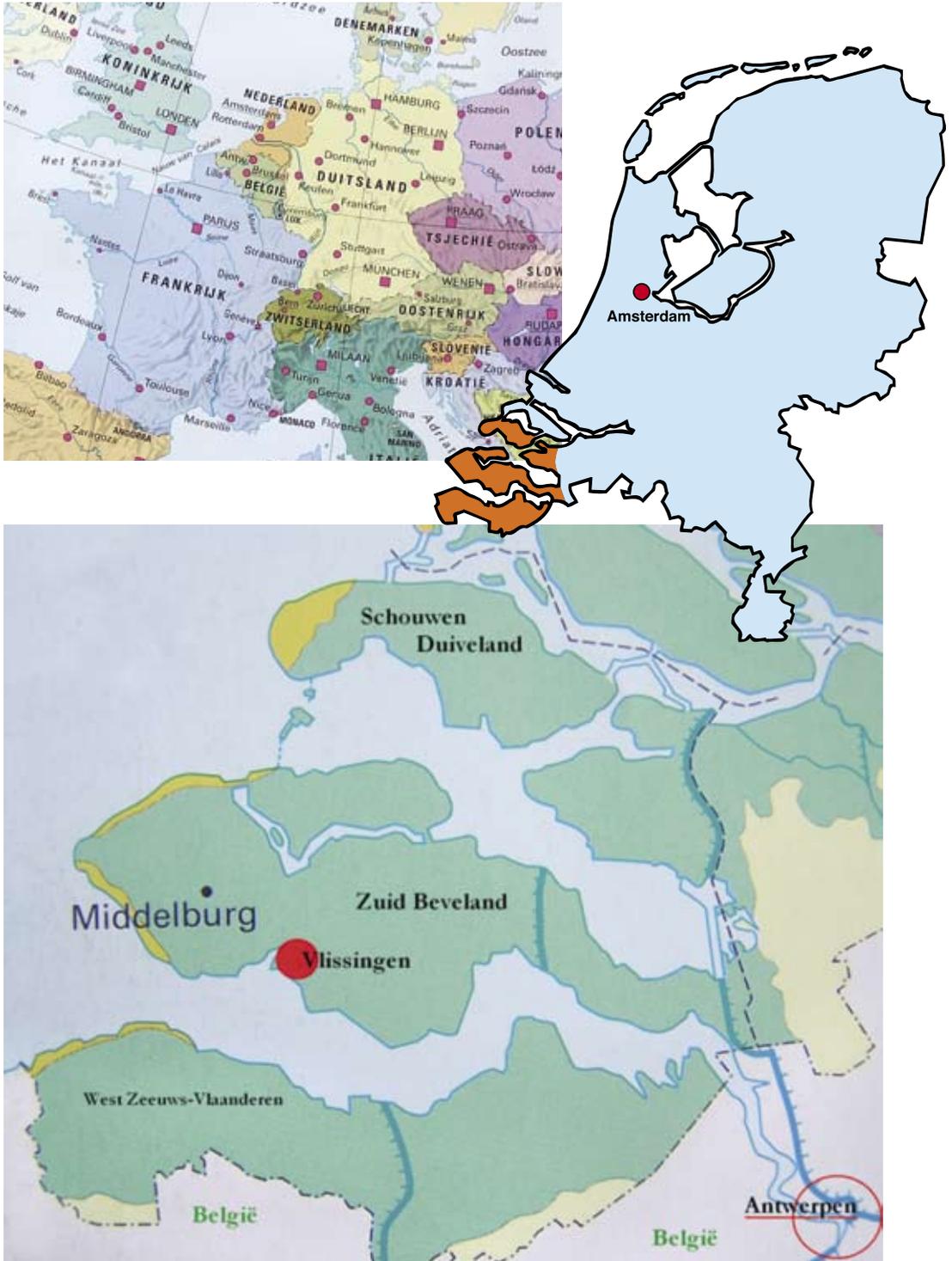


Os Capixabas Holandeses

Uma história holandesa no Brasil

Ton Roos e Margje Eshuis

*Tradução da língua holandesa
“Op een dag zullen ze ons vinden”
Ruth Stefanie Berger*



Europa – Países Baixos - Zeeland

Introdução

“Nós conhecemos a nossa história através das que nos foram contadas à luz de velas ou lamparinas pelos mais idosos. Eles nos falavam sobre a Holanda, sobre a longa viagem que fizeram e sobre os primeiros anos no meio da mata”, conta Abrão Laurett, na pequena cidade de Santa Leopoldina.

A partir de 1858 até 1862 mais de 700 holandeses emigraram para o Brasil. Tiveram a coragem de deixar a terra natal na província Zeeland e assinaram um contrato com a promessa de que receberiam terras, haveria trabalho suficiente para todos e boas possibilidades para o futuro de seus filhos. A realidade era bem diferente.

A maioria foi parar no estado do Espírito Santo, entre morros íngremes cobertos com mata virgem, com plantas e animais desconhecidos. Debaixo de um sol escaldante para o qual a pele branca dos emigrantes não estava preparada, tiveram que construir uma nova existência. Uma tarefa gigantesca para pessoas que vinham dos Países Baixos, dos polders (terras que foram drenadas e ficam protegidas por diques) muito planos, onde o horizonte é infinito, o ar e as nuvens que pairam sobre as pastagens são impressionantes e o espaço é enorme.

Eram pequenos grupos que, assim como várias outras famílias europeias, embarcaram em navios em Antuérpia e emigraram para o Brasil. Essa se tornou uma emigração esquecida e eles, um povo esquecido.

Smoor, Boone, Louwers, Krijger, Heule, Theunisse, la Gasse, Schijve, Valkenier, são apenas alguns nomes de ‘holandeses, descendentes dos imigrantes de Zeeland’ no estado do Espírito Santo. Na colônia Santa Leopoldina os pioneiros de Zeeland construíram a própria comunidade chamada Holanda. Mas também no sul do Espírito Santo e no extremo norte na divisa com a Bahia, no vale do Rio Mucuri eles começaram uma nova vida.

Ainda restam poucas lamparinas em Holanda. Na maioria das casas hoje se vê a iluminação fria da televisão. As histórias dos pioneiros não são mais contadas e estão ameaçadas de caírem no esquecimento. Os descendentes conhecem muito pouco a própria história, se autodenominam holandeses, mas quase nunca ouviram falar de Zeeland. Com este livro, queremos manter vivos os relatos das famílias de Zeeland no Espírito Santo, porque a história não é feita somente de grandes momentos de governos ou membros do clero, mas principalmente de pessoas que tentam construir sua sociedade. Para não esquecê-los e fazer jus a sua luta por uma nova existência registramos aqui todos os nomes. Muito se perdeu de sua história: artigos antigos, documentos, fotos e anotações foram levados para os túmulos ou destruídos por insetos. As histórias que ainda eram contadas em Holanda e nossa experiência no período de 1976 a 1983, quando trabalhamos na comunidade de Holanda, formaram a base para mais pesquisa. Eles vivem em meio a descendentes de pomeranos, alemães, suíços, austríacos e brasileiros. Não

foi fácil encontrar os nomes dos holandeses nos arquivos, uma vez que estes frequentemente eram registrados como alemães ou pomeranos. A história dos holandeses no Espírito Santo ainda não havia sido escrita. Esperamos que, com este livro, possamos colaborar com o relato dessa história e, quem sabe, algum capixaba holandês se anime em aprofundar um pouco mais esta pesquisa.

Estamos muito agradecidos pela confiança que tivemos dos Holandeses Capixabas, pelos seus relatos e, às vezes, recordações emocionantes, pelas fotos e documentos antigos que colocaram a nossa disposição e pela contribuição de Anivaldo Kuhn, sempre muito envolvido com a história dos holandeses.

Os funcionários do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo (APEES), em especial Cilmar Franceschetto, nos estimularam e ajudaram a compilar os dados históricos.

Estamos agradecidos a Frans Buysse, que em 1981 fez uma pesquisa na Comunidade Holanda para os seus estudos em antropologia e nos permitiu o acesso a esse material.

Agradecemos aos nossos amigos e amigas no Brasil e na Holanda, em especial: Ronald Mansur, jornalista de A Gazeta em Vitória, que acompanhou o projeto com muito interesse e ofereceu material espontaneamente; Gerard van de Velde de Zuidzande, conhecedor da língua e história da Terra de Cadzand; Dennis van Tiel, Rob e Huub Zeeman, Joyce e Deborah Neys, fundadores da Fundação Holandinha em vista, que nos ajudaram a encontrar o caminho e nos apoiaram na realização do livro.

Nosso profundo agradecimento especialmente para o jornalista e escritor Stijn Jaspers pelas idéias e conselhos valiosos dados durante a redação do livro.

O nosso muito obrigado também a nossa amiga Ruth Stefanie Berger que traduziu “Op een dag zullen ze ons vinden” para a versão em português “Os Capixabas Holandeses”.

Ton Roos e Margje Eshuis (Antônio e Margarida)

Índice

Introdução	3	10. O período do café	69
Apresentação	6	‘Zoetementos’	69
I Ficar ou partir	7	Vendas e ‘vendistas’	70
1. Invasores de Zeeland	7	Jogos e divertimentos	71
No Amazonas	7	Euforia em Santa Leopoldina	72
Na Baía de Todos os Santos	8	Contato com a Holanda	76
Em Pernambuco	8	Uma nova capela	77
No Espírito Santo	9	Oração de Ano Novo	80
2. Espírito Santo	10	A venda, o centro econômico	82
Colônias às margens dos rios	10	A crise do café	84
ACC	12	11. Indo para novas terras	85
3. Crise em Zeeland	14	12. O período da mandioca	89
Febres brasileiras	15	Embaixo, em cima e atrás do morro	89
4. A Deus dará	19	Preso nas mãos do ‘vendista’	92
Terra a vista	22	A igreja dividida	93
II Em situação precária	25	Deus sabe o que faz	95
5. Colônia Rio Novo	25	São João de Garrafão, a ‘terra fria’	99
Visita de Dom Pedro II	28	Holandeses marcantes	99
Visita do barão suíço	28	Grupos de base	101
Ajuda para uma família holandesa	30	13. Saindo do isolamento	103
Rio Novo do Sul	32	Ações	105
6. No Vale do Mucuri	33	A casa comunitária	107
Colônia Militar do Urucu	34	Visita do embaixador	109
Companhia do Mucuri	35	Pastor e lavrador	110
Grito de socorro ao consulado	38	14. A grama pisada volta a se erguer sempre	111
“Veja o sofrimento dos holandeses”	39	Holanda e Holandinha	111
Um aviso	40	Santa Leopoldina	115
Descendentes	41	São João do Garrafão	116
III A comunidade Holanda	43	De volta à Terra de Cadzand	117
7. Colônia de Santa Leopoldina	43	Epílogo	118
Nada de terras grátis	48	15. Os Capixabas Holandeses	120
8. Enfrentando a mata	50	Nomes, datas e fotos antigas de famílias	122
Tendo escravos como mestres	52	Anexos	
As primeiras casas	54	1. Folheto da Associação Colonial do Rio Novo	145
Ilustres visitas	56	2. Contrato de travessia	150
Não há mais terras para os holandeses	60	3. Colônias no sul do Brasil	152
9. Lutando por uma comunidade própria	60	4. Recenseamento do Brasil de 1920	155
Médicos dos pobres	62	Bibliografia	157
Calvinistas e Luteranos	64	Fotos e ilustrações	159
Capela e escola em Holanda	66	Diagramação	160

Prefácio

Resultado de dedicada pesquisa em busca da história de vida de um povo, TON ROOS e MARGJE ESHUIS, presenteiam brasileiros e holandeses com o livro “Os Capixabas Holandeses, uma história holandesa no Brasil”.

Decifrando motivos e razões que levaram os holandeses a migrarem, e destacando as dificuldades dos primeiros anos da chegada aqui no Brasil, o presente livro retrata o caminho dos colonos holandeses que se localizaram em grande parte no município de Santa Leopoldina, em especial nas comunidades rurais de Holanda e Holandinha, sendo os obstáculos do início da vida por aqui enfrentados com muita coragem e determinação. Com este livro, a geração atual de descendentes de holandeses terá a oportunidade de resgatar a sua história de vida e a sua auto-estima.

Hoje, no coração desses descendentes, que ainda têm na agricultura sua principal atividade econômica, nascem novas perspectivas de vida com o resgate da cultura, da história, e com a obra de asfaltamento da estrada para Holandinha, que atrairá inúmeros turistas e visitantes em busca das belezas naturais da região.

Como pai da pequena Ana Elisa Lahass Rocha, uma das tantas capixabas descendentes de holandeses, sinto uma grande alegria em testemunhar e apoiar o resgate da história dos holandeses no Espírito Santo. Obrigado TON ROOS E MARGJE ESHUIS.

*Santa Leopoldina, 14 de julho de 2008.
Fernando Castro Rocha,
Prefeito Municipal.*

Ficar ou partir

1. Invasores de Zeeland

No sudeste da Holanda está localizada a província de Zeeland, intimamente ligada com o mar. A província tem boa parte de sua área abaixo do nível do mar e através dos séculos sofreu enchentes que modificaram sua paisagem. Os “Zeeuwen”, como são chamados os habitantes da província, retomavam suas terras do mar, que muitas vezes invadia grandes extensões da província, construindo diques através dos quais os polderes (terras drenadas e protegidas por diques) eram formados. Dessa forma, as ilhas e penínsulas se ligam e conseguem, ter a sua disposição pequenos portos para a pesca. Os polderes que secaram possuem um solo de barro muito fértil, ideal para a agricultura. O mar é, ao mesmo tempo, amigo e inimigo dos Zeeuwen. O brasão de Zeeland retrata um leão que luta contra as ondas e os seguintes dizeres: “Luctor et Emergo” (Luto e emerjo).

Através da navegação os Zeeuwen têm uma longa história com o Brasil. Já em 1560 se arriscaram nas costas brasileiras e estiveram envolvidos em todas as invasões holandesas no Brasil. Navegadores de Zeeland disfarçavam seus navios como se fossem mercantes portugueses para conseguirem atracar em um ou outro porto.

No Amazonas

Em 1616 um grupo de colonizadores de Zeeland parte do porto de Vlissingen com o “Gouden Haan” (Galo de Ouro), um pequeno e rápido veleiro, e tem o rio Amazonas como destino. O capitão Pieter Adriaenszoon tinha como missão subir o rio Amazonas até onde fosse possível, contactar os moradores ribeirinhos, fazer negócios e procurar por ouro e pedras preciosas. Os Zeeuwen, juntamente com holandeses, são os responsáveis pelas primeiras colônias holandesas no Brasil. Na chegada eles recebem a ajuda dos índios que, com suas canoas, transportam os mantimentos do veleiro para as margens do rio. Durante os meses seguintes mais navios com colonizadores chegaram. No entanto, depois de um ano



O brasão de Zeeland

Os navios mercantes holandeses Petrus e Paulus



os colonizadores são descobertos. Um espião relatou aos portugueses “ter visto três embarcações holandesas navegando rio acima e que alguns comerciantes circulavam entre os moradores das vilas com mercadorias e estes já falavam muito bem a língua dos índios.” Seis anos depois os holandeses, juntamente com outros intrusos, foram expulsos da região do rio Amazonas. Os povoados são destruídos. O veleiro “Gouden Haan” é levado para terra e incendiado. Com um dos últimos navios os soldados fogem para alto mar e deixam os colonos em situação desesperadora.

Quando, em 1621, a Companhia das Índias Ocidentais (West Indische Companhie – WIC) é fundada, um dos empreendedores, Jan de Moor, não havia esquecido os 70 colonizadores nas margens do Amazonas. Ele pede que os dirigentes da WIC retirem essas famílias de sua difícil posição. Os dirigentes atendem ao seu pedido e ordenam que eles sejam levados de volta. Em 1623 os sobreviventes dessa aventura colonizadora às margens do rio Amazonas chegam sãos e salvos ao porto de Vlissingen.

Na Baía de Todos os Santos

A Baía de Todos os Santos é vista pelos senhores da WIC como o coração do Brasil. Os senhores da WIC decidem atacar o Brasil para poderem importar açúcar e pau-brasil. Em sua opinião a população indígena reagiria bem a amizade dos holandeses, uma vez que a população branca vinda de Portugal os explora terrivelmente. Duas vezes por ano criminosos de prisões portuguesas são despejados no litoral da Bahia. Em 1623 é lançado na Holanda um livro de Dierick Ruiters intitulado “Toortsche der zee-vaert” que certamente influenciou a decisão da WIC de invadir Salvador. O livro desse autor de Zeeland possuía dados interessantíssimos sobre o Brasil e principalmente sobre todos os pontos importantes e caminhos de acesso à cidade. Os portugueses prenderam Dierick Ruiters no Rio e tentaram transferi-lo para Pernambuco. Mas ele acabou chegando à Baía de Todos os Santos. Depois de sua libertação escreveu esse livro que se tornou um ótimo guia militar. Os navios da WIC partem para Salvador, que é tomada no dia 10 de maio de 1624. A invasão não durou muito tempo. Quase um ano depois, na Páscoa, surge na costa uma frota de 52 navios. Num primeiro instante os holandeses pensaram que seria a já esperada segunda frota que viria para ajudá-los. Mas, para seu espanto, os navios que apareceram tinham a bandeira espanhola. Os espanhóis abriram fogo provocando pânico e desordem. Um tamborileiro é enviado até o capitão espanhol na tentativa de negociar, mas teve como resposta: “Abram as portas da cidade imediatamente.”

Em Pernambuco

Os veleiros da WIC partem em direção à costa sul-americana e esperam a passagem de navios portugueses e espanhóis car-

regados de riquezas para interceptá-los e saqueá-los. A carga é de ouro, prata, açúcar, sal e também de pau-brasil. Em 1630 a WIC conquista Pernambuco, que passa a ser chamada de Nova Holanda. Johan Maurits, conde de Nassau_Siegen é nomeado governador e a sede do governo é Mauritsstad (atual Recife). Essa invasão parece tornar-se um grande sucesso para os comerciantes de Zeeland. O comércio de escravos, no qual os Zeeuwen têm um papel importante, ganha grande impulso a partir de então. Isto era necessário, pois os holandeses queriam colocar novamente em funcionamento os moinhos de açúcar conquistados dos portugueses, mas a maioria dos escravos havia fugido, o que tornaria tal tarefa impossível. Maurício de Nassau foi pressionado a conseguir “éban vivo” suficiente para esse fim. A princípio, os holandeses calvinistas condenam o comércio de escravos, mas as vantagens comerciais são grandes e alguns teólogos importantes começam a dizer que o comércio de escravos não está mais contra os princípios calvinistas desde que seja feito somente com não-cristãos. O domínio holandês vai até o ano de 1654.

No Espírito Santo

Também na costa do Espírito Santo aparecem os piratas holandeses e de Zeeland. O ataque mais sangrento foi o de 1625. No dia 12 de março eles invadem Vitória sob comando de Piet Heyn. Os sinos da igreja tocam e a população é convocada para se defender. Não somente os soldados portugueses, mas também os civis de Vitória, os padres jesuítas e um grupo de índios liderados pelos caciques Japi-Açu e Gato Grande defendem sua cidade e lutam contra os holandeses que são obrigados a recuar. Dois dias depois uma nova tentativa é feita com 300 homens. Eles querem chegar à cidade alta de Vitória pelas escadas. Lá mora Maria Ortiz, uma mulher de 20 anos de idade que organiza, juntamente com outras mulheres da vizinhança, uma defesa bastante original. Será que ela sabia do ataque? Será que ela conseguiu arrancar esse segredo de algum soldado de Piet Heyn durante uma visita noturna? Quando os homens de Heyn começam a subir as escadarias, as mulheres jogam água fervente, paus, pedras e carvão em brasa pelas janelas nas cabeças dos soldados. Dessa forma elas impedem que os holandeses cheguem ao ponto estratégico de Vitória na cidade alta. Assim, se ganha tempo e um esquadrão de soldados sob o comando de Salvador Correia de Sá chega para salvá-los. Estes conseguem derrotar e expulsar Piet Heyn da baía de Vitória. A rua onde Maria Ortiz conseguiu deter os holandeses hoje em dia se chama “Escadaria Maria Ortiz”. Ela é considerada uma heroína desde então. Ao mesmo tempo, na Holanda, Piet Heyn ainda é considerado um homem com um pequeno nome, mas de grandes atos.

Depois de quinze anos os Holandeses surgem de novo na costa do Espírito Santo. Sob o comando de coronel Coen eles tentaram



Os Holandeses querem conquistar o Convento da Penha

escalar o monte da Penha. Conta a lenda no Brasil que eles retrocederam porque uma grande armada veio do céu para defender o convento contra os bárbaros Holandeses. O santuário transformava-se em poderoso castelo defendido por um esquadrão de soldados, enquanto, a pé e cavalo, descia muita gente, com as armas luzetas e bem preparadas. Entretanto, a ermida estava deserta e a própria imagem de Nossa Senhora fora removida cautelosamente para o convento de São Francisco, em Vitória. No Convento da Penha existe um quadro que retrata essa invasão dos holandeses. Em 1653 os piratas holandeses aparecem mais uma vez. Ajudados por um traidor português, eles conquistam o Convento da Penha, o saqueiam e levam figuras de santos, obras de arte e escravos. Duzentos anos depois da expulsão dos holandeses do Brasil, famílias de Zeeland partem novamente com destino ao Espírito Santo. Dessa vez não para roubar, saquear e fugir, mas para tentar construir uma nova vida.

2. Espírito Santo

Colônias às margens dos rios

A primeira proposta sobre a necessidade de se colonizar o Espírito Santo foi feita no dia 3 de maio de 1825 pelo Padre Marcelino Pinto Ribeiro Duarte. Segundo o padre e político, a menor das províncias do novo reino oferece ótimas condições para o estabelecimento de colônias às margens dos seus rios. De acordo com ele, os índios não têm importância alguma para o comércio, e a agricultura e os escravos estão ficando caros demais já que

o transporte deles pelo mar está muito controlado. Ele propõe importar casais e assentá-los às margens dos rios, porque estes são o caminho para o interior. Ele mesmo chama as margens do Rio Doce de “o paraíso do Brasil”. Esses casais e famílias podem formar colônias, cultivar os morros ainda arborizados e construir uma infra-estrutura. Os grandes fazendeiros podem arrendar pedaços de terra para si.

O Espírito Santo conta então com 24.000 habitantes, dos quais 12.100 são escravos da África. Metade da população é negra. A outra metade é formada de índios “civilizados”, mestiços e portugueses. Por isso, o governador Rubim acha necessário “branquear” a população. “Nós temos que aumentar o número de brancos na população desse país” diz o governador. Isto é possível permitindo a entrada de brancos europeus não-portugueses, mesmo que muitos não sejam católicos, mas protestantes.

Depois da independência no dia 7 de setembro de 1822, começa uma onda de milhares de emigrações para o Brasil e o “branqueamento” da população tem início.

Entre os anos de 1813 e 1887 são criadas dez colônias no Espírito Santo:

1813 – Colônia Agrícola de Santo Agostinho, às margens do rio homônimo. Atual município de Viana. Foi a primeira colônia oficial agrícola criada no Brasil logo após a chegada da família real.

1847 - Colônia de Santa Isabel, às margens do rio Jucu, colônia oficial;

1855 - Fransilvânia, às margens do rio Doce, um projeto particular iniciado, mas que logo foi à falência;

1854 - Colônia Rio Novo, às margens do rio Novo, colônia particular até 1861 quando então é encampada pelo Governo Imperial e se torna oficial;

1856 - Colônia Santa Leopoldina, às margens do rio Santa Maria da Vitória, colônia oficial;

1865 - Colônia Piúma, às margens do rio Iconha, colônia particular;

1867 - Colônia Juparaná, às margens da lagoa Juparaná e do rio Doce, colônia particular;

1874 - Colônia Nova Trento, em terrenos do italiano Pietro Tabacchi, atual Município Aracruz.

1879 - Colônia Castello, às margens do rio Benevente, colônia oficial;

1887 - Colônia Santa Leocádia, às margens do rio São Mateus.

(dados extraídos da base de dados do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo)

ACC

Para recrutar famílias na Europa, é criada pelo ministro Luiz Pereira de Couto Ferraz a Associação Central de Colonização (ACC), através de uma lei no dia 2 de abril de 1855. A ACC é composta de acionistas nacionais e estrangeiras e tem como objetivo importar imigrantes pelo mar, agricultores, fazendeiros e artesãos, que queiram vir ao Brasil por conta própria ou por meio de subsídios.

Do Estatuto da Associação Central de Colonização:

(Decreto 1854, 2 de abril de 1855 do ministro Luiz Pereira de Couto Ferraz)

Art. 3: Tem por fim: a importação de emigrantes morigerados, agricultores e industriais, que espontânea ou subsidiadamente queiram vir para o Império.

Art. 4: Suas operações serão:

1. Promover e avaliar a emigração, convidando, engajando, transportando e tratando de estabelecer os colonos, e encarregando-se da encomenda dos que tiveram vir por conta do Governo, Companhias, ou Particulares, mediante contratos.
2. Abrir correspondência com negociantes nos países estrangeiros e com as Companhias e Sociedades de emigração e colonização ali estabelecidos.
3. Ter a bem dos interesses da colonização agentes nos diferentes países, donde convenha atrair a emigração.
4. Solicitar ao Governo Imperial as necessárias providências para que tais agentes sejam coadjuvados pelos Consulares Brasileiros.
5. Procurar a conceituar a emigração para o Brasil.
6. Comprar terras devolutas, distribuindo as a colonos por meio de arrendamento aforamento ou venda em prazo determinado por cada lote de 250 mil braças quadradas.
7. Estabelecer navegação para o transporte dos colonos dos pontos de partida até o desembarque definitivo nos lugares de seu destino.
8. Ter um lugar apropriado para o desembarque e acomodações onde sejam recebidas e tratadas convenientemente enquanto não acharem destino, dando-lhes: casa e comida por preço razoável, dirigindo, facilitando-os ao seu emprego no país.
9. Fazer adiantamento de despesas que solicitarem aos proprietários ou colonos.

Art. 5: A colonização se fará em regra por famílias, e especialmente agricultores.

A ACC começa a se divulgar nas cidades portuárias da Europa. Eles estimulam a emigração para o Brasil assegurando que o transporte, assentamento e acomodação dos emigrantes são organizados e pagos pelo governo, por empresas ou particulares. O Contato é feito com comerciantes e escritórios de emigração



Mapa Espirito Santo



Zeeland, o celeiro da Holanda

no exterior. A associação irá, na chegada dos emigrantes, cuidar da recepção, acomodação e alimentação por um preço justo e também acompanhá-los até o seu destino. A ACC também irá, se necessário, emprestar dinheiro para qualquer custo extra que os emigrantes possam ter.

Para estimular os grandes proprietários de terras, é discutida uma proposta de lei na Assembleia do Espírito Santo durante a sessão do dia 23 de julho de

1856, na qual uma compensação financeira seria dada aos fazendeiros que trouxessem colonos da Europa.

3. Crise em Zeeland

A Terra de Cadzand na província Zeeland é cantada como o celeiro da Holanda. Batatas e beterrabas são os produtos mais importantes. Em 1845 a colheita de grãos foi um insucesso e também o das batatas, numa situação agravante. Trigo e batatas eram os mais importantes produtos naquela época. Para os lavradores, as batatas são a principal fonte de alimentação e as poucas que ainda existem são exportadas. O trigo é caro demais. Esse fato ocasiona irregularidades e conflitos com os agricultores. Desemprego e salários muito baixos são a consequência e acabam levando as pessoas à pobreza e à miséria. Os cidadãos nobres vêem essas pessoas pobres como mendigos, anti-sociais e fisicamente incapazes pelos quais algo tem que ser feito. A igreja, que tem como uma de suas obrigações a ajuda aos pobres, não tem sido capaz de reduzir o sofrimento dos seus fiéis mais necessitados. West Zeeuws-Vlaanderen passa a ser considerada uma área-problema pelo governo devido à crescente inquietação social.

Gerard van de Velde, nascido em Cadzand em 1930, conhece bem a história de West Zeeuws-Vlaanderen:

“Depois de 1840 tudo aqui desabou. Foi horrível. Em toda a Holanda a situação era péssima. Batatas eram o principal alimento. Então, quando além de tudo tivemos a praga nas batatas, que nos trouxe dois anos de colheitas fracassadas, a situação ficou insuportável. Bandos andavam pela nossa região procurando por comida e onde ainda havia uma ou outra batata no chão, eles as roubavam. No inverno eles invadiam fazendas à procura de alimentos. Depois da colheita, tudo era armazenado nos sótãos. Com um espeto eles faziam buracos no sótão e, os grãos que escorriam eram apanhados em sacos. As pessoas roubavam por causa da fome. Por causa da pobreza são criadas escolas de tecelagem e de costura em Sintepier, como

era chamada Nieuwvliet antigamente, e também em Groede e Sluis. Quando você é obrigado a escrever uma carta para a igreja pedindo esmolas, você se torna muito dependente dela. Não pode mais se expressar com toda a liberdade porque os fazendeiros estão em toda a parte. Eles fazem parte da administração da igreja, da diaconia, da administração das escolas. A crise se tornou tão insuportável que principalmente famílias com crianças resolveram partir.”

‘Febres brasileiras’

Nesse período de crise, Brasil tenta atrair cada vez mais famílias para as colônias recém-criadas. O esforço da Associação Central de Colonização tem resultado. A propaganda feita chega às cidades portuárias da Europa. Os escritórios de emigração em Antuérpia recebem esclarecimentos do consulado brasileiro. Em vários grandes jornais europeus aparecem as propagandas. Panfletos da ACC são distribuídos pelo escritório de recrutamento e agência de emigração Beaucourt em Paris. Esse escritório contratou outro escritório de emigração em Antuérpia, o Steinmann&cia para conseguir famílias na Bélgica e na Holanda. Oficiais de recrutamento circulam pelas cidades com os panfletos de propaganda da ACC.

Associação Central de Colonização para o Brasil
debaixo da proteção do Governo Imperial Brasileiro

Direção Geral, II. Beaucourt – Paris

Emigração para o Brasil

Faz-se saber a todas as famílias que quiseraem segurar a sua prosperidade para o futuro que uma companhia vem de formar-se, tendo por fim mandar para esta terra extravagantemente fértil emigrantes comuns. Lá chegados, a companhia cederá a cada um 100.000 braças quadradas de terra *já cultivada*, como assim *morada, lugares para animais* e outras *pertinências, instrumentos de agricultura* e gado de toda a *qualidade!*

Carpinteiros, pedreiros, marceneiros, etc., podem ganhar lá *pelo menos* 13 francos por dia, e além disso *trabalhar nas suas terras.*

Do Comar os emigrantes são acompanhados até o seu destino, e na chegada ao Rio serão recebidos pelos agentes da companhia, bem tratados e introduzidos de lá nas suas terras, dando-lhes todas as instruções necessárias para a agricultura. Para dar idéia das vantagens que os emigrantes terão nesta terra, e cuja explicação miúda fora muito longa, diremos simplesmente que lá a caça e a pesca, que em qualquer outra parte é severamente proibida ou tem de ser paga muito cara, é um divertimento franco e proveitoso ao colono.

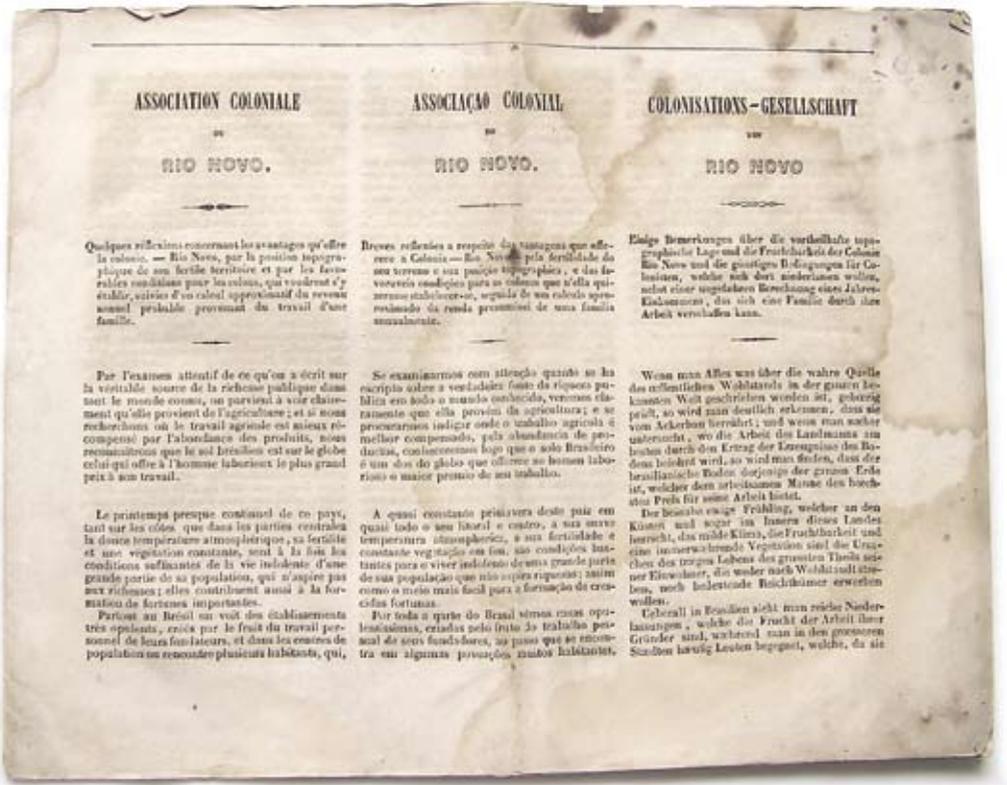
Aqueles que queiram aproveitar-se desta ocasião favorável mandem alistar-se sem demora, porque a companhia obriga-se só por 50.000 pessoas e a primeira partida está fixa o dia 25 de março. Cada pessoa crescida tem de depor como segurança somente a quantia de 65 francos, que lhe será restituída na sua chegada; e, se traz meninos menores de dez anos, só 52 francos.

Para gozar de todas as vantagens nomeadas e não nomeadas se há de pagar à companhia só no segundo ano uma quantia proporcionalmente pequena.

Além dos panfletos da ACC, extensiva propaganda é feita em português, francês e alemão para a colônia particular de Rio Novo, no Espírito Santo. Esses panfletos são distribuídos pelos escritórios de emigração Beaucourt em Paris, Steinmann em Antuérpia e Paravicini na Suíça. Também a companhia “Hansa” em Hamburgo publica essa propaganda. Com descrições bastante pitorescas são apresentadas as inúmeras vantagens de se instalar na colônia Rio Novo.

Do folheto de Caetano Dias, da Associação Colonial do Rio Novo:

- O império do Brasil está de braços abertos para receber milhares de indivíduos e famílias que vivem em absoluta miséria no momento. Eles terão uma vida ótima e desfrutarão do abençoado solo brasileiro. Vocês não têm meios para fazer essa mudança? Pois bem, eu mesmo ou por intermédio de terceiros, ofereço a vocês esses recursos que poderão ser pagos de volta sem pressa com o fruto do seu trabalho. Às margens de rios do Espírito Santo existe uma colônia criada sob a administração da Associação colonial do Rio Novo. Essa colônia está preparada para receber em seus braços todas as pessoas de ambos os sexos, vindos da



O folheto de recrutamento para a colônia Rio Novo em três línguas

Europa e que queiram fazer parte da população dessa colônia. Falta a vocês coragem de tomarem a decisão de deixar sua terra natal? Pois bem, veja a sua terra natal como um lugar impossível de criar com qualidade tantas crianças e reconheça que vocês devem sentir a mesma dor pela qual muitos outros já passaram antes de vocês: a de ter que deixar o lugar no qual vocês nasceram para finalmente poderem usufruir, pelo resto dos seus dias, das vantagens que esse grande país tem a oferecer.-

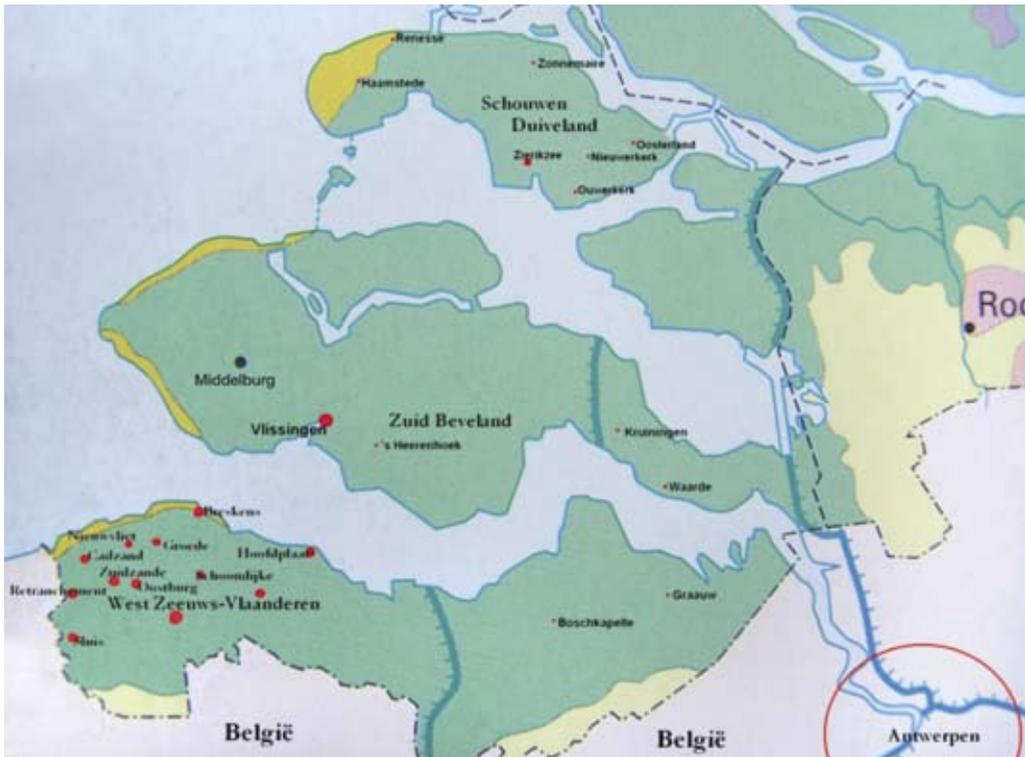
As ótimas condições que a Associação colonial do Rio Novo oferece aos colonos são:

- Dinheiro necessário para a viagem; um pedaço de 4500 braças quadradas de terras cultivadas para arrendar; uma casa confortável; uma pequena plantação de café, milho, mandioca e feijão; galinhas e porcos para começar atividade pecuária; e todos os produtos que são necessários até a primeira produção própria. Desta, será descontado o necessário para o pagamento dos adiantamentos dados.

O que mais um agricultor sem terra pode querer? Ele não tem dinheiro em espécie para dar a sua família uma condição estável. Ele não pagará pela sua viagem e, chegando à nova terra, já existe uma casa confortável pronta para morar e parte das terras já está cultivada. Ele só precisa colher e até essa colheita acontecer, a Associação fornece quantidades suficientes de alimentos para sobreviverem. Além disso, ainda são feitos cálculos que provam que os novos colonos terão um lucro de pelo menos 1500 táleres por ano com a sua terra. Em um ano, o agricultor será uma pessoa independente e poderá viver com conforto com a sua família.

(Veja anexo 1)

Na igreja e nos bares não se fala em outra coisa: as chamadas “febres brasileiras”. Os prós e os contras são analisados. Como o vai-e-vem das marés, as famílias são jogadas de um lado para o outro entre a dúvida de ficar ou partir. Os lavradores acham que é uma ótima oportunidade de finalmente se tornarem donos da própria terra. Outros dizem: “Não vá para lá, pois você terá que comer as raízes das árvores.” Cada um tem seus próprios motivos para agarrar essa chance e fugir da miséria. Agricultores sem trabalho e dependentes da caridade da igreja e da diaconia têm a chance de começar o próprio negócio. Pais sonham com um futuro melhor para os filhos. Filhos de fazendeiros partem, pois não existem mais terras a serem distribuídas e porque desejam se tornar fazendeiros. Por causa da recessão econômica, pessoas da classe média e artesãos também decidem partir. Às vezes brigas em família é uma razão para ir embora. Mães solteiras que são discriminadas querem começar uma nova vida. Um ou outro foge da justiça. Pessoas com dívidas vêem a possibilidade de esca-



par dos cobradores e jovens solteiros saem em busca de aventuras. Negociações e até brigas ocorrem pelos contratos da Colônia Rio Novo e da ACC que são oferecidos pelo escritório de Steinmann & CIA em Antuérpia. Daniel Steinmann aprendeu a profissão no escritório de emigração de Strauss, que mantinha negócios bastante obscuros. Ele montou o seu próprio escritório de emigração em 1854 e navega com veleiros fretados para Nova York, Brasil e Argentina. Um dos recrutadores do escritório de Steinmann & CIA em Antuérpia é o construtor de moinhos Abraham de Groote em Sintepier (Nieuwvliet), bem no meio da Terra de Cadzand, in West Zeeuws-Vlaanderen. Dessa região é que partiu a maioria dos Zeeuwen para o Brasil.

Com certeza existem muitas dúvidas, discussões entre casais, entre pais e filhos e no círculo familiar. E se a despedida fica difícil, está escrito nos panfletos: “Reconheçam que vocês precisam passar pela dor de ter que sair da sua terra natal, assim como tantos outros já passaram.” Quando o contrato está assinado e o adiantamento pago, não há mais volta.

Para as pessoas nas vilas da Terra de Cadzand é sempre um grande acontecimento quando novamente um grupo de emigrantes se reúne na praça antes da partida. Família, amigos e pessoas interessadas se juntam e, no meio de uma montanha de bagagem, as pessoas se despedem com lágrimas nos olhos sabendo que a

ausência será para sempre.

As primeiras famílias partem em 1858 de Schouwen Duiveland e Zuid Beveland.

Em março de 1859 sai o primeiro grupo do oeste de Zeeuws-Vlaanderen. Eles partem com o “Gemse” de Antuérpia em direção ao Rio de Janeiro.

Até 1862 vários grupos de famílias deixam a Holanda em direção ao Brasil.

GOESSCHE COURANT

28 de fevereiro de 1859

Notícias internas

A emigração para o Brasil aumenta na região de Kadzand. Depois que algumas pessoas já haviam partido para lá anteriormente, algumas famílias, a maioria de Zuidzande compostas por mais ou menos 30 pessoas, hoje se preparam para irem também. Todos pertencem à classe trabalhadora menos abastada. Para a travessia eles precisam pagar apenas f5.

4. A Deus dará

Três dias de caminhada é o que os emigrantes da Terra de Kadzand têm pela frente até chegar à cidade portuária de Antuérpia, na Bélgica. Crianças pequenas e bagagem vão na carroça. As noites são passadas em celeiros que encontram pelo caminho.

As famílias chegam a uma cidade caótica. Milhares de emigrantes de toda a Europa povoam o cais e o centro da cidade. Um prédio de madeira na Praça Rainha Astrid é o ponto final. De lá se chega ao cais do Reno (Rijnkaai), o local de embarque. As pessoas são colocadas em abrigos baratos enquanto esperam a hora de subir a bordo de algum navio. Todo escritório de emigração de alguma importância ou companhias de navegação possuem esse tipo de

Emigrantes sobem a bordo



acomodação. Em geral, essas acomodações são casas que foram reconstruídas com quartos superlotados e condições de higiene precárias. Fiscalização desses locais não existe. Alguns administradores racionam a água potável para incentivar a venda de cerveja e bebidas alcoólicas em geral. Com a chegada dos emigrantes também aparecem figuras bastante suspeitas que oferecem seus serviços. Eles querem cuidar da bagagem, providenciar tudo para a grande viagem, inclusive alimentos, e se oferecem para trocar as economias desses emigrantes. O comércio intercontinental em Antuérpia floresce.

Nesse período inicial da emigração ainda não existem navios apropriados e equipados para esse tipo de transporte. Existe sim uma Comissão de Inspeção que controla as condições de navegação e acomodações dos navios e checa os mantimentos, passaportes e documentos. A comissão também supervisiona as condições físicas dos emigrantes. Um oficial de saúde faz um simples exame médico pela manhã entre seis e 7 horas no cais de embarque. Para escapar desse controle de emigração, acontecem muitas irregularidades. Proprietários de navios deixam que emigrantes embarquem clandestinamente em Vlissingen ou os registram como falsos passageiros de cabines, aos quais a inspeção não se aplica. Muitas vezes também há quebra de contrato adiando a partida ou colocando uma embarcação menor para a viagem. E, quando existe alguma vantagem para o proprietário do navio, tenta-se mudar o destino de algumas famílias na última hora. Os mais abastados podem se permitir uma cabine e são chamados de “passageiros”. Aos emigrantes é designado um lugar em um entrecobertas (espaços entre as cobertas do navio) extremamente desconfortável e eles são vistos como carga.

Entrecobertas do navio



A viagem de Antuérpia ao Rio de Janeiro é uma verdadeira provação. Os primeiros navios de emigrantes estão aptos para a navegação, mas isso é tudo que se pode falar deles. Os primeiros barcos a vapor já aparecem nos portos, mas as empresas de emigração ainda navegam com velozes barcos a vela. Com a concorrência, velocidade é muito importante. Barcos com o mesmo destino partem ao mesmo tempo e seus capitães fazem da viagem uma verdadeira corrida. O brigue (antigo barco a vela) holandês Reinhardt de 235 toneladas tendo como capitão B. van den Sprinkel, gasta 62 dias na travessia. Já o brigue inglês Herald com 210 toneladas e sob comando do capitão M.M. Galicheu, leva 59 dias. Cada mudança na direção do vento exige também rápidas mudanças nas velas para manter ou aumentar a velocidade. Quando há ameaça de tempestade, os capitães deixam para diminuir as velas na última hora, sob grandes riscos. Os passageiros da coberta superior, 12 no máximo, viajam na primeira classe com bastante luxo em cabines esplendidamente decoradas e arrumadas e com refeições muito fartas. As centenas de emigrantes ficam amontoados um em cima do outro no entrecobertas. Eles tinham assinado um ‘contrato de travessia’ no qual estava escrito: ‘a companhia fornece espaçosos lugares para dormir no entrecobertas, água potável e, se necessário, medicamentos.’ Mas eles têm que providenciar roupa de cama e mantimentos para a viagem. (*Veja anexo 2*)

Durante as tempestades, as escotilhas são fechadas e o ambiente fica muito abafado. A ventilação só acontece através de algumas fendas. Quando o mar está agitado, tudo o que não está amarrado voa pelos ares. Com toda essa aflição, os emigrantes rezam e cantam salmos. Descendentes ainda se lembram da canção: “Senhor, o navio sobe e desce, esperamos que Deus nos proteja”. Num período de seis anos, entre 1847 e 1853, 59 embarcações foram a pique no Oceano Atlântico.

Os navios maiores têm um médico inspetor a bordo. Ele tem a liderança sobre os emigrantes e pode, quando não há cooperação ou quebra das regras do navio, punir os infratores retendo uma parte da comida. Às seis horas da manhã é servido o chá. O fogo usado para ferver a água é apagado rapidamente devido ao risco de incêndios. Depois disso é hora de ventilar o ambiente. Com tempo bom as roupas de cama são penduradas ao ar livre, o entrecobertas é varrido e escovado e às oito horas é servido o café da manhã. O médico faz a ronda para ver se há doentes. Água para beber é distribuída todos os dias. Além do chá e do café, cada adulto recebe um litro e meio de água. Tomar um bom banho não faz parte da rotina. Uma ou duas vezes por semana é possível se lavar um pouco com um balde. Somente quando chove se tem água doce. As roupas são lavadas na água do mar e penduradas no cordame do barco para secar. No meio do dia, quando o capitão determina a posição do navio com um sextante, as pessoas se

amontoam ao seu redor para ver qual distância já foi percorrida. Às oito horas da noite as crianças devem ir dormir e todos os outros devem estar deitados em seus alojamentos (caixas de madeira com sacos de palha) às 22 horas. Ninguém pode dormir no convés. Homens casados se alternam durante a noite para vigiar o entrecobertas. Eles ficam de olho em tudo e devem evitar irregularidades, ajudar os doentes, cuidar das lâmpadas, abrir ou fechar as escotilhas de acordo com as instruções do médico e prevenir incêndios. Como recompensa eles recebem uma cachacinha ou um café pela manhã. Aos domingos todos os emigrantes são examinados pelo médico. Ele observa se todos estão asseados, com roupas limpas e com boa aparência. Depois dessa inspeção, os emigrantes participam de um culto. Dois meses vivendo num navio com pouquíssimo espaço deve ter ocasionado muitas brigas e problemas. Os emigrantes têm muito tempo para pensar sobre a nova vida que os espera no Brasil. Eles mostram seus contratos e panfletos de recrutamento uns aos outros e os comparam. As mais loucas histórias circulam entre os viajantes sobre a vida no Brasil com índios e escravos negros. As crianças passam o tempo ensinando novas brincadeiras umas as outras e jovens se apaixonam a bordo do navio. O veleiro às vezes se afasta da rota por causa de tempestades ou falta de vento, o que aumenta o tempo de viagem e faz com que a comida tenha que ser racionada. No meio do oceano, com o sol brilhando forte e sem trégua, as condições de higiene só pioram e frequentemente existem epidemias de diarreia e virose entre os emigrantes. Para idosos e crianças a viagem é especialmente difícil. Pessoas adoecem e nem todos sobrevivem a essa cruel jornada. A tristeza e o luto tomam conta dos viajantes quando um adulto ou uma criança vem a falecer. O morto é então enrolado em lonas juntamente com carvão de pedra para dar peso e é colocado em uma tábua lisa. Acompanhado de um texto bíblico e uma oração, o corpo desliza, em nome de Deus, para o mar.

Terra a vista

O calor do sol tropical já está ficando insuportável no navio. As pessoas estão no fim de suas forças físicas e emocionais. Mas, o grito “terra a vista” faz renascer a esperança e dá novas forças aos emigrantes. Todos correm para o convés. As crianças se atropelam para também poderem ver alguma coisa. As pessoas gritam de emoção ao verem a estreita faixa de terra no horizonte. Um ou outro mais pessimista duvida que seja mesmo o Brasil. Quanto mais o navio se aproxima da terra, mais nervosas as pessoas vão ficando. Devagar o veleiro entra na baía da Guanabara, rodeada por morros cobertos com densa vegetação e praias de areias muito brancas onde as ondas do mar azul se quebram. A agitação no cais se torna visível. Escravos negros carregam e descarregam com pequenos botes os navios que não conseguem atracar no cais.

Depois que o capitão joga a âncora, um funcionário do porto vem a bordo para verificar os documentos e para o primeiro controle médico. Os emigrantes já estão com suas coisas arrumadas, contratos no bolso, felizes por poderem desembarcar. O navio é muito grande para poder atracar no cais. Através de uma escada de cordas eles têm que fazer uma baldeação nada segura, do veleiro para um barco a remo. A bagagem será desembarcada mais tarde. Cansados e aborrecidos da viagem, o grupo de emigrantes de Schouwen Duiveland e Zuid Beveland chega no dia 20 de maio de 1858. Finalmente em terra firme, eles ainda sentem o balanço do navio nas pernas.

A Associação Central de Colonização ajuda os emigrantes na chegada e providencia alojamento na “Casa de Imigrantes” onde eles têm que ficar de quarentena e fazerem uma avaliação médica.

A “Agência Central de Imigração” os registra e consegue um destino para os que ainda não o tem. No cais há uma enorme confusão com centenas de famílias de emigrantes, agentes de emigração, comerciantes, cambistas e mendigos numa babel de línguas. Diversas colônias particulares, fazendas e empresas recrutam famílias no porto mesmo. Os imigrantes que querem comprar terras podem se dirigir ao “Instituto de distribuição das terras devolutas ao imigrante”.

Os Zeeuwen que têm um contrato do escritório de Beaucourt e Steinmann são recebidos bem friamente pela ACC devido aos contratos serem meio suspeitos. Eles são chamados de “Colonos Beaucourt”.

A ACC providencia o transporte para seus destinos:

- A Colônia do Rio Novo
- Colônia militar do Urucu
- Colônia de Santa Leopoldina.

A maioria das famílias de Zeeland é mencionada nos registros de chegada do estado do Espírito Santo e nos relatórios sobre o vale do Mucuri. Mas algumas famílias ainda não foram localizadas depois de sua partida de Antuérpia. Será que elas foram trabalhar nas fazendas de café nos estados do Rio ou de São Paulo? Ou talvez tenham pegado um barco para o Rio Grande do Sul no sul do Brasil e se estabeleceram em uma das colônias de lá? Ou será que morreram durante a viagem?

(Veja anexo 3)

Em situação precária



Mapa da Colônia do Rio Novo, 1866.

5. Colônia Rio Novo

No dia 24 de junho de 1858 chegaram ao porto de Itapemirim com o barco “Dom Afonso”, do Rio de Janeiro, 10 famílias holandesas e sete belgas para a Colônia Rio Novo.

Atrás das terras planas com vegetação muito rica eles vêem no horizonte colinas ainda cobertas por mata virgem. Ao se aproximarem um pouco mais a paisagem é caracterizada por enormes rochas das quais uma chama atenção em especial: o Frade e a Freira, uma formação rochosa que conhece muitas lendas. Segundo os moradores da região, havia um frade e uma freira que se amavam, mas Deus do céu os perdoou e eternizou o seu amor em duas montanhas de granito.

Os Zeeuwen e os belgas são recebidos, a princípio, em Pau d’Alho em um barracão onde podiam se recuperar um pouco da viagem. Novos contratos devem ser assinados em que o arrendamento e as questões financeiras são regularizadas. Os novos proprietários das terras têm o dever de pagar uma quantia anual



o Frade e a Freira

e vitalícia pelo arrendamento; os donos das terras mencionadas devem pagar os empréstimos e adiantamentos em parcelas com a colheita; os adiantamentos que forem fornecidos a famílias e solteiros após a chegada, deverão ser pagos depois de 6 meses com juros de 6%; a Associação não receberá nada pela alimentação e subsistência até a primeira colheita, mas a partir dessa data as famílias ou indivíduos devem se sustentar por conta própria.

Depois de todos os procedimentos burocráticos, os imigrantes

são levados até as margens do rio São Caetano, um pequeno afluente do rio Pau d'Alho, onde 10 pedaços de terra foram medidos para os Zeeuwen e sete para os belgas.

Em 1854, quatro anos antes da chegada dos emigrantes de Zee-land, é fundada a Associação Colonial Agrícola do Rio Novo pelo comerciante de escravos português Major Caetano Dias da Silva e alguns investidores. Ele já havia começado uma fazenda de cana-de-açúcar onde trabalhavam alguns escravos negros, quando, um ano depois, recebeu de Dom Pedro II o direito de explorar uma grande área ao longo do rio Itapemirim e fundar a Colônia Rio Novo. A colônia é tão extensa que ele acredita poder importar milhares de colonos e que todos poderão ter um bom pedaço de terra. Começa então o desmatamento a partir da velha fazenda Pau d'Alho, chamada assim por causa de uma planta muito comum em todo o Brasil e que é vista como um sinal de fertilidade do solo. Com a medição e demarcação das terras, o exército entra em conflito com os índios e alguns fazendeiros que moram lá. Mas o governo do Rio de Janeiro manda já em 1856, 100 chineses para a colônia de Caetano Dias. Ele lhes dá pequenos pedaços de terra que devem ser cultivados e em troca eles devem dar a ele uma parte a combinar da colheita. Os emigrantes são vistos e tratados como escravos pelos supervisores, uma vez que estes não estavam acostumados a agir de outra maneira.

Nos estatutos da nova "Associação do major Caetano", forma como o povo chama essa fundação, o diretor tem como dever, segundo o artigo quarto:

A importação de famílias estrangeiras, acomodá-las em pedaços de terra com 8 a 12 ha, dos quais eles podem se tornar donos quando provado que estão aptos para isso e quando as condições forem favoráveis. E segundo o artigo sexto: Atrair de todas as formas disponíveis colonos de dentro e fora do país; contratar tra-

balhadores suficientes de dentro e fora do país para trabalharem ao lado dos escravos ajudando no trabalho da Associação. Para cumprir essa exigência, Caetano Dias da Silva mandou imprimir panfletos em três línguas com os quais Steinmann em Antuérpia, Beaucourt em Paris e Paravicini na Suíça saíram em busca de candidatos para a colônia.

Em Pau d'Alho já havia 12 famílias suíças e alguns franceses e alemães antes da chegada dos Zeeuwen. Pelas histórias ouvidas deles, os holandeses e os belgas talvez já estivessem duvidando das promessas de um futuro próspero em um pedaço de terra fértil, mas o que eles vêem agora deve ser uma enorme decepção. As colônias são pedaços de mata virgem e não estão limpas conforme dizia o contrato. Eles mesmos devem desmatar sua propriedade. Não há uma casa confortável pronta para morar, mas apenas uma cabana com folhas de palmeira como telhado. Não existe plantação de café nem de mandioca, nenhum porco ou galinha, nada das belas promessas que estavam no contrato. As colônias também não estão de acordo com a lei agrária, na qual está especificado qual o tamanho que devem ter e como devem ser medidas. Segundo Caetano Dias isso acontece “devido à falta de medidores profissionais.” As colônias também não são distribuídas de acordo com a lei, que especifica que os imigrantes recém-chegados devem poder escolher a sua “colônia de terra” pelo preço vigente. A direção da Associação é omissa e não faz

*Estrada de rodagem de
Cachoeiro de Itapemirim a
Rio Novo - 1908*



nada contra essa injustiça. Não há médicos e nem remédios, não existe nenhuma escola, capela e assistência religiosa. Os emigrantes estão nas garras de Caetano Dias e seu filho.

Das 176 pessoas que chegaram a Pau d'Alho saudáveis da Europa, mais da metade havia morrido em novembro de 1858.

Visita de Dom Pedro II

Dois anos depois da chegada dos holandeses, no dia 7 de fevereiro de 1860 chega a Rio Novo Dom Pedro II e sua comitiva a convite do Major Caetano. São 9 horas da noite quando o Imperador chega a Pau d'Alho.

Os fazendeiros ricos da região limpam e arrumam suas mansões para receber o monarca. Eles têm muitas expectativas com essa ilustre visita. O barão de Itapemirim ordena que seus 120 escravos negros coloquem um tapete de folhas perfumadas e decorado com flores no acesso até a entrada de mármore, onde dois leões de porcelana em tamanho natural aguardam os visitantes. Seu palácio com biblioteca, sala de bilhar e móveis feitos da mais cara madeira de pau-rosa está pronto para a recepção. Imaginem a frustração quando eles vêem o imperador passar a toda velocidade sem parar! Acometido por um leve infarto, o imperador não pôde interromper a sua viagem.

Dom Pedro II anota em seu relatório:

“Os colonos que vi têm quase todos cara de doente, queixando-se de moléstias, falta de médico, cemitério, padre e capela. Também ouvi de alguns que o contrato, que aliás não pude examinar, não fôra cumprido quanto a princípio de derrubada e casa para morar nos prazos”.

Outras reclamações eram: falta de transporte e os preços exorbitantemente altos na venda de um comerciante e de Caetano. O solo é mais fértil do que em outras colônias.

Além de um presente aos pobres de Rio Novo, Os católicos recebem um sino para a sua capela ainda a ser construída e os protestantes um cálice de ouro para a Santa Ceia.

Visita do barão suíço

Mais uma visita oficial a colônia Rio Novo. O botânico, médico e filósofo Barão Johann Jakob von Tschudí chega no dia 15 de novembro de 1860, enviado ao Brasil pelo governo suíço para visitar os seus compatriotas que se estabeleceram em diversas colônias no Espírito Santo.

O barão acha que a colônia está mal organizada. A malária e outras doenças tropicais assolam o lugar e não há médicos nem remédios. Não existem escolas nem assistência religiosa. Há sim terras muito férteis. A direção funciona muito mal. Major Caetano Dias da Silva mora a maior parte do tempo no Rio de Janeiro e tem constantes desentendimentos com os investidores. Durante a sua ausência, seu filho assume o cargo de vice-diretor,

para o qual, segundo o barão, ele não está nem um pouco preparado. Gustav Broom, administrador da colônia, é o único que trata bem os colonos, mas a sua autoridade é muito limitada. A contabilidade é ruim e confusa. Nenhum dos colonos sabe qual é a sua situação e quanto ainda deve à Associação. Tudo que recebem é anotado num livro, sem controle algum e por isso, fácil de ser fraudado e motivo de revolta dos imigrantes. O barão descreve exemplos de abusos sexuais com órfãs que são estupradas e ficam grávidas. Meninos órfãos são colocados para trabalhar juntamente com escravos na fazenda. O que o barão acha mais imoral é o fato de que a propaganda distribuída na Europa por Caetano Dias garante em contrato que, para cada imigrante e sua família, existe um pedaço de terra de 7,5 a 15ha limpo inclusive com plantação de café e uma casa confortável para morar. *“As pessoas deveriam ser indenizadas pela propaganda escandalosamente enganosa e pela maneira injusta com que foram recebidas”*, segundo o barão von Tschudi.

Sobre os holandeses e os belgas ele escreve:

“Não pude visitar os assentamentos dos colonos belgas e holandeses, já que não existe um caminho que nos leve até eles a cavalo. Ao retornar para a fazenda Pau d’Alho encontrei ali um grande número destes colonos esperando-me para contar suas reclamações e desejos. As queixas eram quase as mesmas que as dos outros colonos e dirigiam-se sobretudo contra Caetano Dias e seu filho inescrupuloso. Suas maiores queixas contavam relacionadas à brutalidade e à violência deste último, ao abastecimento irregular e deficiente e ao estado deteriorado dos gêneros alimentícios procomidos no contrato, à falta de uma igreja, de escola e de um tratamento médico decente. Todos elogiaram a fertilidade do solo e confessaram que tinham muita esperança no futuro, caso a colônia passasse a ser propriedade do Governo”.

O barão transmitiu as reclamações dos Zeeuwen e dos belgas em seu relatório e pediu que um pastor da Suíça fosse enviado para a colônia Rio Novo.

Os investidores da Associação do Major Caetano no Rio de Janeiro não têm nenhum retorno dos seus investimentos e resolvem não pagar mais nada. Caetano Dias começa a enfrentar grandes dificuldades financeiras. A colônia está cada vez mais decadente e o major não é mais encontrado na fazenda, pois está sempre no Rio de Janeiro tentando levantar algum dinheiro. Há revoltas de escravos. Muitos deles fogem e são recapturados e massacrados de forma cruel pelo filho de Caetano. É proibido por lei marcar escravos a ferro quente, mas um anúncio no jornal oferece “25000 réis de recompensa para quem achar dois escravos fugidos do major Caetano Dias da Silva marcados a ferro com as iniciais C.D.S no antebraço e costas.” As coisas andam tão ruins na colônia que o major, já sem saber o que fazer, procura a ajuda do governo e recebe um empréstimo. Mas a única solução é colocar a colônia sob a administração do governo.

Ajuda para uma família holandesa

Depois da visita de Dom Pedro II o império assume a administração da colônia no dia 7 de outubro de 1861. A Associação “Major Caetano Dias” tinha 929 colonos em 1859 e na época da transferência ao governo do império este número foi reduzido para 387 colonos.

A miséria e o sofrimento na qual as famílias de Zeeland vivem é enorme. Carlos Kraus, o novo diretor da agora colônia do governo Rio Novo, pede em uma carta de 1862 apoio ao presidente da província:

“Julgo, demais nesta ocasião, meu dever, reclamar clemência do governo a favor d’uma família holandesa e d’um cego Chinês chamado Atim. O chefe da família holandesa, Renier Van Gastel, no primeiro tempo de sua chegada nesta colônia perdeu a sua mulher e todos os seus filhos capazes para sustentar os outros e hoje, velho, viúvo e doente – nem ele nem os seus 4 filhos que ainda existem (homens atropcados como seu pai) podem ganhar a vida do seu trabalho, e vivem de esmola, e de pequenos serviços, d’um modo lamentável”.

Reinier van Gastel tinha 54 anos e era cesteiro quando partiu com a mulher e 7 filhos de Zierikzee.

Uma rua no Rio Novo - 1910

Muitas famílias ainda vivem nas primeiras acomodações, barracos caindo aos pedaços com folhas de palmeiras como telhado



e o chão duro e muitas vezes enlameado por causa da chuva. As estradas são péssimas. Não há uma capela católica como foi procomido e o dinheiro que foi mandado pelo governo para a construção da mesma não é suficiente. O padre celebra a missa em sua própria casa e também para as reuniões de oração dos protestantes não há lugar. Eles se reúnem na casa do pastor evangélico Pflüger, que também mora em uma cabana coberta com folhas e em péssimo estado. O novo diretor avisa o governo que se nada for feito, o pastor irá embora e os colonos vão achar isso horrível.

Diariamente vários homens vão até a direção com o pedido de poderem sair de suas terras e trabalhar como diaristas em outro lugar. Suas famílias vivem na miséria, passam fome. O diretor, no entanto, vê um grande problema nessa situação, pois assim os colonos ameaçam se livrar das dívidas que têm com a colônia. As constantes reclamações no decorrer dos anos são respondidas pelo governo com montanhas de cartas e documentos sem nenhum resultado.

Depois de 15 anos de miséria as famílias fogem para outras regiões deixando para trás suas dívidas. Ainda em 1875 um grupo de imigrantes entra com uma denúncia na polícia de Itapemirim sobre a péssima administração da direção, de como eles foram explorados e abandonados no meio da mata com suas famílias e tiveram que trabalhar em péssimas condições. Contam que muitos deles tiveram de comer burros mortos, ratos e urubus para não morrerem de fome e reclamam da falta de médicos e remédios e de como imigrantes mendigam para sobreviver, das doenças que dizimaram famílias inteiras.

Alguns anos depois de o governo assumir o controle da colônia, a população começou a crescer novamente. No dia 6 de março de 1880 a colônia Rio Novo passa a ser um distrito da cidade de Itapemirim e em 1893 um município independente com o nome de Rio Novo do Sul.

Em 1858, 60 holandeses chegaram

A colônia Rio Novo tinha em

1861	54 holandeses num total de	855 habitantes
1862	35	378
1865	19	595
1866	9	616
1867	15	709
1871	?	958
1875	20	2062
1877	13	3092
1879	?	5000

Rio Novo do Sul

No ano de 2000, Rio Novo do Sul é uma simpática e animada cidadezinha com 12.000 habitantes, descendentes principalmente de italianos, suíços, alemães, franceses e holandeses. Na época do império, devido ao grande número de habitantes das mais diferentes culturas e nacionalidades, a cidade era considerada uma das torres de Babel do Brasil colonial.

As famílias de Zeeland nunca conseguiram comprar as terras prometidas. Independente de quanto o pai, a mãe e as crianças trabalhassem no campo, eles sempre ficaram dependentes da Associação e não conseguiam alcançar nenhuma melhora financeira. Essas pessoas deixaram a Holanda em busca de um futuro melhor para seus filhos, mas em 1867 ainda não havia uma escola para as 200 crianças em idade escolar. O português não era ensinado. As crianças dos pioneiros tinham que ajudar no trabalho na roça e por isso ficavam isoladas em seu próprio círculo social, sem possibilidades de melhoria. Nos antigos registros da população aparecem nomes como Margarida van Gastel, João Hollander, Pedro de Bruyn e Kooyman, testemunhas silenciosas dos emigrantes de Zeeland. Testemunha viva é a família Wanguestel em Cachoeiro de Itapemirim. Eles são descendentes do cesteiro Reinier van Gastel e Johanna Smit e seus sete filhos, para os quais foi feito um pedido de ajuda.



Rio Novo do Sul, a estrada BR101 corta a cidade

Em frente à prefeitura de Rio Novo do Sul existe um busto de Caetano Dias da Silva sobre um pedestal. Qual é a intenção de se colocar essa imagem em um pedestal num local onde passam todas as pessoas? Será uma homenagem dos moradores da cidade ao major ou um apelo para que os primeiros anos negros da história da Colônia Rio Novo não sejam esquecidos?

Atravessando a cidade, no lugar onde as famílias de Zeeland lutaram com a natureza e tentaram construir uma nova existência, passa agora o tráfego pesado da BR 101. A rodovia é uma importante via ao longo do litoral brasileiro. Muitos migrantes ainda passam por lá em busca de uma nova vida. Famílias que, devido à seca, miséria e pobreza, partem do norte para o sul do país. Muitas pessoas param em Rio Novo do Sul para admirar o Frade e a Freira.

6. No vale do Mucuri



“Cuidado, senão eu te mando para o Mucuri!”, avisavam os pais quando os filhos eram desobedientes, pois ser mandado para o Mucuri era a pior coisa que poderia acontecer a alguém. Foi o que aconteceu ao grupo de 162 holandeses e belgas. Eles chegaram no mês de julho de 1858 a São José do Porto Alegre, ao norte do Espírito Santo na divisa com o estado da Bahia. Assinaram um contrato com a Associação Central de Colonização em Zeeland, Antuérpia ou no Rio de Janeiro. Porque e por quais motivos essas famílias foram para o Mucuri e as outras para Rio Novo não está claro.

Uma lista foi trazida pelo frei franciscano Olavo Timmers (1901-1990) que trabalhou como missionário naquela região e que em 1966 estava de licença na Holanda. Ele foi o primeiro a divulgar a presença desses holandeses no vale do Mucuri. Os nomes ele tinha copiado de um relatório da Companhia do Mucuri feito quatro anos depois da chegada em 1862. O relatório incluía 12 casais e 51 crianças, todos da província de Zeeland vindos de Schouwen Duiveland e Zuid Beveland.

A intenção era a de que os ‘Colonos Beaucourt’ reforçassem a população da Colônia Militar do Urucu. Essa colônia militar fica no caminho de Santa Clara a Filadélfia, atualmente Nanuque e

Mapa das colônias do Mucuri e a estrada Santa Clara - Filadelfia - 1866



*Nanuque, antigamente
Santa Clara, às margens do
Rio Mucuri - 1900*

Teófilo Otoni. O que estas famílias tiveram de enfrentar é difícil até de imaginar. A Companhia do Mucuri é responsável pelo transporte a partir do Rio de Janeiro. Com uma pequena embarcação e alguns barcos rebocados para a bagagem eles navegam pelo rio Mucuri em direção ao interior até chegarem a primeira grande cachoeira, no assentamento Santa Clara. Lá eles são acomodados em um galpão. A última etapa da viagem deve ser feita a pé. A bagagem vai em carros de boi. Esse

primeiro contato com a mata atlântica é cruel para as famílias de Zeeland. Os seus corpos, pele, olhos e ouvidos não estão preparados para isso. Árvores imponentes, um emaranhado de folhas ligadas por cipós não deixam os raios do sol passarem, arbustos e todo tipo de obstáculos impedem a passagem. Mosquitos e estranhos insetos os rodeiam e formam verdadeiras nuvens que tentam penetrar via boca e nariz. As roupas compridas e quentes de Zeeland os protegem um pouco. Por causa do calor e do perigo de serem de repente atacados por índios que se escondem na mata, eles caminham à noite por trilhas recém desmatadas.

Depois de terem se arrastado dessa forma por noites a frio, os imigrantes finalmente chegam à Colônia Militar do Urucu. A viagem durou seis dias desde a partida do porto.

Colônia Militar Urucu

O diretor da Colônia Militar, capitão Manoel Joaquim de Barros, se encontra acamado, seriamente doente, e sem condições de organizar o alojamento dos holandeses. Eles dependem então dos escrúpulos de militares de baixo escalão. Os imigrantes dormem como soldados em casernas em camas de madeira, mulheres e crianças separadas dos homens. Comida é racionada devido à seca predominante. Alguns homens são levados ainda mais adiante na mata praticamente impenetrável, com todo tipo de insetos rastejantes, puladores e voadores. Eles realmente estão no inferno verde. Os soldados indicam: desta árvore até aquela é sua propriedade e daquela até a outra é a do seu vizinho. Machados e enxadas são distribuídos. Famintos, os imigrantes têm que limpar uma parte da mata sem nenhum outro recurso, sem a força dos cavalos ou bois.

Nunca antes eles viram árvores tão grandes e tão perto uma das outras. Um gigante desses, mesmo depois de ter sido cortado dos dois lados, ainda fica de pé, pois a copa está ligada a outras árvores através de cipós. Para conseguirem abrir uma clareira na

mata às vezes é preciso cortar de seis a 12 árvores. Uma rajada de vento ou oscilação de uma das árvores pode fazer com que todas venham abaixo ao mesmo tempo com um estrondo que pode ser escutado há quilômetros do local. Estalidos de galhos que caem, um redemoinho de folhas e poeira. Uma revoada de pássaros. Situação assustadora. Sem recursos os Zeeuwen simplesmente não conseguem fazer o serviço. Do quartel não vem nenhum tipo de ajuda. Até que finalmente Teófilo Otoni, o diretor da Companhia do Mucuri, coloca alguns escravos e bois à disposição. Esses escravos são experientes. O que não pode ser usado da madeira derrubada é queimado. Depois disso, as raízes desses gigantes da mata, que muitas vezes têm centenas de anos, precisam ser retiradas e o solo preparado para o plantio. Somente depois de tudo isso é que se pode começar a semear, plantar e esperar pela chuva. Enquanto isso, eles constroem casinhas com troncos e argila e, se tudo correr bem, alguns meses depois já será possível colher feijão e milho. Até esse dia, comida seria distribuída. Apesar de suas preces e súplicas, a chuva não chega. A consequência disso é a falta de alimentos e também de leite para as crianças. As pessoas são atormentadas pela malária, febre amarela e tifo, sofrem com feridas provocadas por bichos de pé, carrapatos e outros insetos desconhecidos. Na Colônia Militar, além de soldados brasileiros, eles encontram alguns índios, trabalhadores chineses contratados e imigrantes de Madeira. Imigrantes chegam a todo o momento sem controle algum, todos com o mesmo sonho de uma vida próspera num paraíso tropical. O sonho se transforma em um pesadelo com doenças, mortalidade infantil, desilusão, alcoolismo, fome e morte. Suas forças, energia e coragem desaparecem como que engolidos pela terra. Como isso pôde acontecer? O que aconteceu antes disso? Quem foi responsável por esse drama?

Companhia do Mucuri

O governo do estado de Minas Gerais concedeu em 1847 a Teófilo Benedito Otoni e Honório Benedito Otoni uma licença para começarem uma companhia de navegação e um comércio no vale do Mucuri. A companhia recebe todo tipo de incentivo e concessões para colonizar a região, como o monopólio de navegação a vapor no rio Mucuri, concessão de dez léguas de testada por uma de fundo para estabelecimento da colonização, permissão para abrir estradas e cobrar pedágio, 80 anos de isenção de impostos estaduais, e permissão para construir um quartel nas matas do Mucuri para 30 homens com a obrigação de lá conservar trinta praças da Força Pública para proteger a Companhia contra os selvagens. Teófilo Otoni quer transformar o lugar em uma região germânica. “As margens do Mucuri nascerá um paraíso”. Essa é a sua mensagem, assim como, já em 1825, Padre Marcelino havia chamado as margens dos rios no Espírito Santo “paraíso brasileiro”. Teófilo Otoni constrói uma pequena aldeia como centro

do empreendimento e, como liberal que é, chama a mesma de Filadélfia, que quer dizer amor ao irmão, à irmã, ao próximo e à humanidade.

A empresa enfrenta a mata Atlântica com grande ambição. A empreitada se torna um confronto com um novo mundo, um choque de culturas. Eles não têm apenas que enfrentar a mata fechada e quase impenetrável, mas também índios de diferentes tribos chamados de “botocudos” devido ao “botoque”, um disco redondo usado nos lábios e orelhas. A floresta não está tão intocada quanto parece. O que para os brancos parece um mundo desabitado é na verdade o habitat de várias comunidades indígenas. Teófilo Otoni tenta ganhar a confiança dos botocudos dando-lhes comida e ferramentas. Mas, mesmo contra a vontade de Teófilo Otoni, os soldados expulsam os índios com violência. Eles os vêem como perigosos e animais canibais e como guerreiros bárbaros. Segundo Otoni, os soldados se comportam de maneira ilegal e dominam a região com violência desmedida. Na caserna prevalece uma completa anarquia. Teófilo Otoni relata:

“Para vergonha do mundo civilizado, esses soldados inescrupulosos dão aos botocudos roupas contaminadas por sarampo e outras doenças contra as quais os índios não têm resistência. Eles os caçam como se fossem animais e atacam suas aldeias de manhã bem cedo quando eles ainda estão dormindo. Roubam suas armas e massacram os homens, abusam das mulheres e crianças e as levam como escravos.”

Para a sua companhia do Mucuri, Teófilo Otoni manda recrutar trabalhadores na Alemanha através do escritório Schlobach & Morgenstern em Leipzig. Dois anos antes da chegada dos Zeeuwen, chegam os primeiros imigrantes da Alemanha e da Suíça. Eles têm que construir a estrada de 170 km entre Filadélfia e Santa Clara. Somente após o término da estrada é que recebem um pedaço de terra de 15 alqueires. Quando a Associação Central de Colonização (ACC) tam-

bém começa a recrutar pessoas na Europa, os agentes de emigração avisam Otoni de que a Companhia do Mucuri deve fazer maiores investimentos para poder cumprir as promessas feitas pela ACC aos imigrantes. Quando a primeira remessa de emigrantes da ACC chega, Otoni acusa os recrutadores da Associação de escolherem pessoas ao acaso. Ele também culpa o governo Imperial: *“no intuito de auxiliar a Companhia do Mucuri, remeteu para a Colônia Militar do Urucu 162 proletários,*

*Índios Botocudos no rio
Doce – 1909*



holandeses e belgas, que são conhecidos como ‘Colonos Beaucourt’, e que foram recrutados em bares e botequins em Antuérpia. Pessoas que tinham sido tiradas de prisões, povo instável, funcionários de parques de diversão, marinheiros fugidos, aventureiros, mulheres indistintos, fúteis e assim por diante. E o pior de tudo é que nem são agricultores”, segundo Teófilo Otoni.

Considerando a lista com nomes de famílias de 1862 que Frei Olavo Timmer trouxe durante a sua licença em 1966, esses dados não parecem estar corretos no que diz respeito aos holandeses de Zeeland. Havia também artesãos entre eles como sapateiros, carpinteiros e cesteiros.

Otoni pede que os holandeses e os belgas mostrem seus contratos e informa que nem ele nem o governo podem assumir a responsabilidade sobre os contratos emitidos na Europa pela agência Beaucourt, somente sobre os contratos assinados no Rio de Janeiro. Ele, como diretor da Companhia do Mucuri, era responsável somente pelo transporte dos holandeses e belgas e não pela Colônia Militar do Urucu. A maioria aceita essa explicação e entrega a ele os panfletos, o regulamento e propaganda do ACC, e finalmente a tradução de anúncios publicados na Europa em nome de Beaucourt. Alguns rasgam seus contratos em pedacinhos bem à frente de seus olhos.

Teófilo Otoni continua no seu memória justificativa em 1859:

- “Não ficaria completa a notícia sobre a colonização do Mucuri se eu não dissesse alguma coisa sobre a colônia Militar do Urucu. A colônia só tem recebido duas expedições de colonos. Uma de 28 famílias com 153 pessoas importadas da Madeira em 1855. Outra de 162 holandeses e belgas importadas em 1858 conhecidos por “colonos Beaucourt”, e que vieram com promessas não autorizadas e impossíveis de realizar. Devia-se lhes dar dinheiro – casa – roça plantada – animais domésticos de todas as qualidades, e ainda mais coisas. Os colonos foram enviados à Colônia Militar do Urucu, cada um sem dúvida, à vista dos anúncios dos dulcamaras que os expediram fantasiava que ia receber, uma dessas alegres, asseadas e confortáveis casinhas, assentadas sobre lindas colinas que dominam os campos de verdura das margens do Escaut (Schelde), e tornam tão pitorescas as imediações de Haia, ou de Amsterdã na Holanda. Com a bela casa contavam decerto receber uma vaca taurina – o galinheiro povoado – e cavalo para passeio. Tudo isto fora aspiração modesta à vista da expectativa em que saíram da Europa. Mas que acharam foi apenas para abrigo um quartel e a tarimba dos soldados brasileiros que lhes foram provisoriamente cedidos – e uma casa fechada só de três lados com paus-a-pique, e coberta com cascas de ipê, e de pau d’arco. Indicou-se-lhes nas vizinhanças as terras (mais virgens) que deviam cultivar como sua propriedade, e onde tinham de levantar as suas choupanas. Quanto seria horrorosa a decepção é fácil de avaliar.”. -

Nas imediações da Colônia Militar reside Sr. Gabriel Verdier Savaron. Ele informa Teófilo Otoni, passando pela Colônia Militar, e queixando-se de fome os holandeses e belgas os convidou por vezes a irem para sua casa oferecendo-lhes comida.

Grito de socorro ao consulado

Os holandeses e belgas tomam a iniciativa de escrever uma carta ao ministro do Império e aos consulados holandês e belga relatando seus problemas, reclamando e protestando contra a direção da Colônia Militar do Urucu. Essas cartas são entregues a Teófilo Otoni e ele as leva aos consulados no Rio de Janeiro com uma carta sua em anexo. Alguns trechos da carta de Teófilo Otoni:

*Ilmo Senhor Eduardo Pecher,
Digno cônsul da Bélgica, no Rio de Janeiro
E Senhor cônsul da Holanda,*

“Alguns colonos belgas e holandeses fizeram-me portador das cartas inclusas, declarando-me que continham suas queixas e reclamações contra a administração da colônia militar do Urucu: na mesma ocasião me entregaram para o Exmo. Sr. Ministro do Império um memorial que nesta data encaminho também ao seu destino”.

Na carta Teófilo Otoni descreve as dificuldades no apoio financeiro que os holandeses e belgas receberam e que, graças a sua intervenção, os pagamentos agora estão regularizados. E continua: *“e agora sem dúvida melhoraram muito de condição porque vem chegando o tempo da colheita, que promete ser abundante, e os colonos terão víveres mais baratos. Achei um grande número de doentes: a mortalidade tem sido considerável. As causas principais são a falta de conforto da vida para esta pobre gente; a maior parte não trouxe nem caixa, nem colchão – nenhum fazia idéia do que é a cultura – foram pessimamente escolhidos. A remessa de colonos belgas e holandeses que veio há seis meses para a colônia militar é igual numericamente a uma remessa de portugueses que estão lá instalados há quatro anos. E, no entanto morreram só no último semestre mais belgas e holandeses do que morreram portugueses em quatro anos!*

Está claro que os compatriotas de V.S. e os holandeses que com eles vieram tinham em si mesmos, e não tanto na administração, ou na localidade a causa eficiente da sua desgraça. Em todo o caso porém são infelizes a que cumpre socorrer, remediando o que se pode remediar, isto é, a parte que a administração da colônia por falta de recursos, ou mesmo por desleixo possa ter tido na desgraça dos colonos.

Fiz o que podia fazer e mandei meu irmão dr. Ernesto Otoni, médico, para a colônia a fim de ajudar os doentes. Também mandei ajuda para o desmatamento da floresta para que eles pudessem plantar com mais facilidade.

Sabendo quanto V.S. se interessa pelos seus compatriotas levo o exposto à sua ilustrada consideração. Deus guarde a V.S. muitos anos.

*Filadélfia, 15 de janeiro de 1859.
Assinado, Teófilo Benedito Otoni, diretor da Companhia do Mucuri.
Idêntica ao senhor cônsul da Holanda.*

Desta forma, Teófilo tenta se isentar de qualquer culpa. No entanto ele entende que é seu dever ajudá-los e remediar o que pode ser remediado. Mas essa também é a obrigação da administração da Colônia Militar do Urucu.

Infelizmente, segundo o Arquivo Nacional em Den Haag, os dados sobre esse período da embaixada holandesa no Rio de Janeiro foram perdidos devido a circunstâncias climáticas.

“Veja o sofrimento dos holandeses”

Em Santa Clara, com 500 habitantes, explode uma epidemia de tifo com ataques de febre muito alta. Idosos e crianças sofrem muito, sentindo a ameaça da morte certa. Aqueles que ainda têm forças fogem em massa do vale do Mucuri. No dia 27 de janeiro de 1859, meio ano depois da chegada dos Zeeuwen, chega ao porto de São João de Porto Alegre o médico e naturalista alemão Dr Robert Avé-Lallemant. Ele encontra trinta colonos fugindo, alguns já morrendo. Os colonos falam que ele deve primeiro socorrer os holandeses. Também em Santa Clara diversos emigrantes insistem para que ele veja o sofrimento, principalmente dos holandeses na Colônia Militar do Urucu, com os próprios olhos. O irmão de Teófilo Otoni, Dr Ernesto Otoni, lhe diz que ele verá e ouvirá coisas muito tristes entre os holandeses. Chegando a Santa Clara e presenciando a aflição das pessoas que lutam contra a morte, ele envia cartas para o governo no Rio de Janeiro, a ACC e a Europa relatando a situação que encontrou no Mucuri.

Ele retrata em seu relatório “Viagem ao Norte do Brasil” uma imagem profunda e tocante sobre o sofrimento das pessoas e o publica em abril de 1859 no Rio de Janeiro.

Do relatório de Dr Lallemant:

- *“Sra Johana Koole, (esposa de Cornelis Koole) estava sentada sozinha e pensativa em seu rancho com três filhos. Quando entrei na sua casa, se é que se pode chamar aquilo de casa, ninguém tomou conhecimento de mim ou do meu acompanhante, o que fez com que eu dissesse a Dr Ernest: essa holandesa parece ser mentalmente perturbada. Mas eu conquistei a sua confiança rapidamente e ela me contou, num acesso de raiva, todo o sofrimento pela qual tinha passado, como quatro de seus sete filhos morreram por falta de comida, crianças de quatro, seis, sete e dez anos e como a mesma coisa havia acontecido com uma segunda mulher.*

Isto aconteceu à maioria das famílias em menor grau. Ela também contou como o nervoso comandante da Colônia militar expulsou com ameaças e palavrões horríveis as mães que bateram em sua porta implorando por ajuda. Por toda parte havia doentes, principalmente com as pernas enfraquecidas e feridas profundas nas mesmas. Famílias inteiras estavam de cama, ou pelo menos no que deveria ser uma cama. Nenhum médico os havia visitado, nenhuma alma caridosa os havia procurado.” -

Dr Lallemand escreve sobre a Companhia do Mucuri como o *'matadouro humano'* e que Teófilo Otoni abusa do *'precioso sangue alemão para substituir o suor dos escravos africanos'*. Ele escreve sobre os imigrantes infelizes logrados do Mucuri, pelos *'negociantes de carne humana'* na Alemanha. Ele jura acabar com tudo isso e aconselha que as pessoas fujam o mais rápido possível desse inferno e deixem o vale do Mucuri.

Como resultado dessas cartas, o governo do Rio de Janeiro manda um representante e um navio a vapor militar, o *'Tieté'*, para o Mucuri a fim de buscar os colonos que estão doentes e transportar os fugitivos. O navio chega no dia 5 março.

Depois da chegada no Rio de Janeiro, alguns colonos continuaram a viagem para os estados de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul.

(Veja anexo 3)



Circular 82,
16 de julho 1860

Sete meses após a chegada dos 162 holandeses e belgas, 36 já haviam morrido. Quatro mulheres já eram viúvas: Cathrina Krijgsman, Elisabeth Vermeulen, Cornelia Wagemaker e a já mencionada Johana de Cornelis Koole. A família Jacob Hagestein de Bommenede tinha sete pessoas quando partiram e em 1862 cinco haviam morrido.

Os relatórios de Lallemand têm grandes conseqüências para Teófilo Otoni. Em 1861 o governo assume a direção da Companhia Vale do Mucuri. Na Europa cresce a resistência contra a emigração para o Brasil e em especial para o Mucuri. O choque e o horror são grandes: “cuidado menino, senão eu te mando para o Mucuri.”

Um aviso

Será que a carta enviada pelos holandeses ao cônsul da Holanda no Rio de Janeiro juntamente com a carta de Teófilo Otoni chegou ao governo na Holanda?

Circular 82, 16 de julho 1860.

O secretário do rei na Província Zeeland enviou, a pedido do ministro de relações exteriores, uma circular nº 82 do dia 16 de julho de 1860, A, no7830, primeira instância direcionada aos senhores prefeitos e vereadores das comunidades na província de Zeeland, um aviso a respeito dos pedidos de ajuda feitos por emigrantes no exterior para poderem retornar à Holanda.

Essa nota aparece uma semana depois no jornal de Goessche Courant:

GOESSCHE COURANT

Segunda-feira, 23 de julho de 1860

Notícias nacionais

De tempos em tempos são feitos pedidos ao governo para que, pessoas de origem holandesa que se mudaram para outros países na condição de emigrantes e que não tiveram suas expectativas correspondidas no exterior, tenham suas despesas pagas para que possam retornar para a Holanda. Esse é o caso em especial daqueles que emigraram para o Brasil.

Como não é possível dar uma resposta positiva a esses pedidos, pode-se concluir que essas pessoas acabam em situação precária e de extrema pobreza e necessidade.

Ainda que a responsabilidade da partida para lá seja toda deles, pode ser que alguns tenham mais cuidado ao decidirem abandonar tudo e morar em outro país, quando são expressamente avisados de que não é possível, por parte do governo holandês, oferecer qualquer tipo de ajuda no exterior se, por um acaso se encontrarem em dificuldades lá.

Por isso, o ministro da Casa Civil pede que as autoridades locais dêem especial atenção ao caso e procurem dar o aviso mencionado acima para todos os casos de emigrantes do quais tenham conhecimento, para que se possa tomar todas as providências de maneira correta e justa

Os pedidos dos holandeses da Colônia Militar do Urucu foram enviados ao governo holandês para livrá-los de sua difícil situação.

Em 1632 Jan de Moor pleiteou também ajuda aos colonos que ficaram para trás em situação precária às margens do rio Amazonas. Eles foram salvos pela WIC. Dessa vez os pedidos são em vão. O governo holandês não reagiu como se esperava e lava as mãos em relação aos emigrantes porque “a responsabilidade é toda deles por estarem nessa situação”, como Teófilo Otoni já havia escrito em sua carta ao consulado.

O aviso aparentemente não alcançou as pessoas da Terra de Cadzand no oeste de Zeeuws-Vlaanderen, pois lá mais de 500 pessoas já juntaram suas coisas para tentar a sorte no Brasil.

Descendentes

O povoado Filadélfia, centro das colônias no Mucuri, recebeu em 1881 o nome de seu fundador Teófilo Otoni. Hoje, a cidade com 250.000 habitantes é conhecida por suas pedras preciosas.

A Praça Germânica faz lembrar o sonho de Teófilo Otoni de fazer da região do Mucuri um território alemão. Os holandeses de Zeeland eram vistos como alemães e incluídos no processo de “germanização” através do casamento e da Igreja e escola evangélica alemã. Uma escultura no meio da praça irradia orgulho germânico.

Santa Clara fica na comunidade de Nanuque, assim chamada por causa de uma das tribos que vivia na serra dos Aimorés, os Nak-Nanucks. Da estrada de 170 km entre Filadélfia e Santa Clara, resta um pedaço de 200 metros como evidência dessa história; foi uma das primeiras e mais movimentadas estradas do império.

Os Zeeuwen que sobreviveram à tragédia no vale do Mucuri se misturaram aos descendentes de imigrantes alemães, italianos ou chineses. Alguns se casaram com membros da família Jan Krettli, um suíço, contratado por Teófilo Otoni para atuar como intérprete em língua alemã e ser supervisor dos holandeses. O senhor e a senhora Krettli-van der Maas ainda hoje possuem terras nos arredores da Colônia Militar Urucu, atual vila de Carlos Chagas. A família van der Maas é uma numerosa e conhecida família da região de Teófilo Otoni.

Alguns nomes de famílias holandesas ainda vivem no vale do Rio Mucuri, às vezes com pequenas modificações: Brouwer, Colen (Koole), Hoogestein(Hagesteyn), Jonker, Krijgsman, Vandermaas (van der Maas), Vanderree (van der Ree), Vermeulen, Wagemaker.

Muitos descendentes dos Holandeses não sabem que possuem raízes em Zeeland e não possuem mais nada dos seus ancestrais. Lembranças da Holanda e de Zeeland foram apagadas. Documentos e fotos antigas se perderam no decorrer dos anos.

Senhora van der Maas-Krettli:

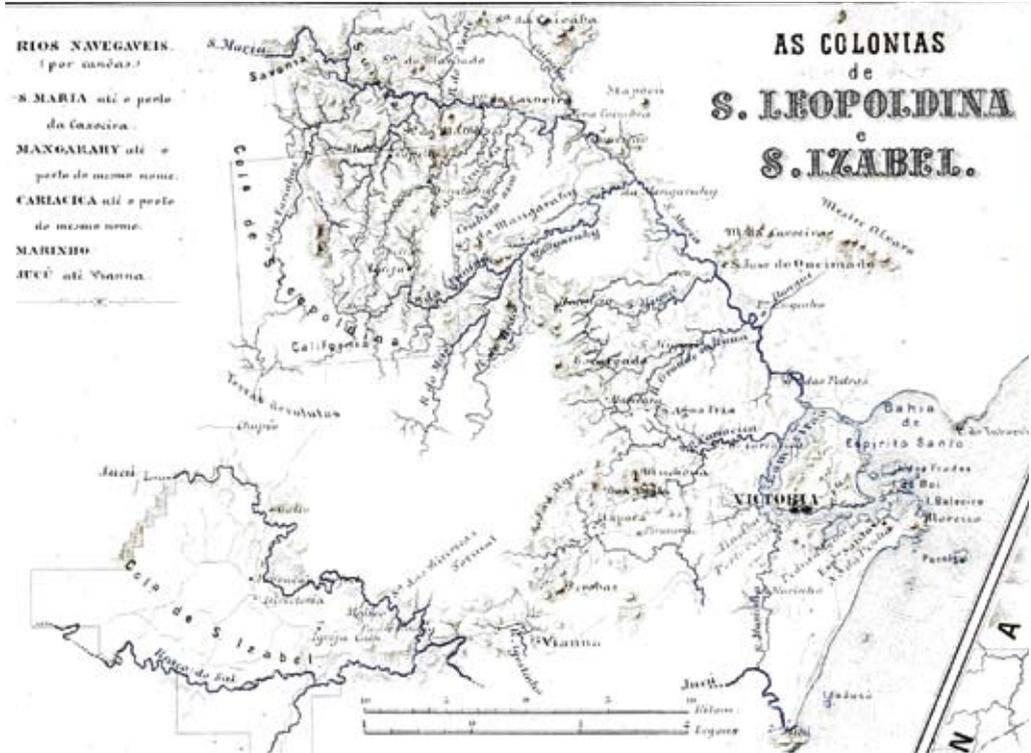
“Eu não sei nada sobre a Holanda ou Zeeland. A única coisa que sei é que meu pai contava que eles eram muito pobres e que meu avô decidiu ir à procura de novas terras. Eles tomaram posse de um pedaço de mata, derrubaram as árvores e começaram a plantar. Quando você desmatou um pedaço da selva, planta e também mora lá, você tem direito a esse pedaço de terra. Algumas vezes os índios incendiavam as colônias dos imigrantes”.

Os holandeses mais conhecidos na região são os irmãos franciscanos. Essa ordem vive e trabalha em Teófilo Otoni desde 1905 e é muito ativa na igreja, no ensino e no hospital. Missionário Frei Olavo Timmers, falecido em 21 de abril de 1990, escreveu um livro sobre a história e o desenvolvimento da região na ocasião do centenário da cidade de Teófilo Otoni.



A carteira de identidade de Warley wan der Maas Krettli

A comunidade Holanda



Mapa de Santa Leopoldina - 1866

7. Colônia Santa Leopoldina

16 de junho de 1859. Um barulhento apito anuncia a chegada da embarcação Mucury à baía de Vitória com dezenas de emigrantes para o Espírito Santo. Entre eles, há doze famílias de Zeeland da Terra de Cadzand, West Zeeuws-Vlaanderen, 27 adultos e 35 crianças. A bombordo eles vêem o Convento Nossa Senhora da Penha bem no alto do morro, o mesmo que já havia sido saqueado por holandeses no passado. Mais a frente, a estibordo, fica Vitória com o palácio da província localizado na cidade alta, de onde os homens de Piet Heyn foram expulsos das escadarias. Os holandeses entram no Espírito Santo navegando no meio dos poderes do Império: a Igreja e o Estado. No interior, atrás dos morros no horizonte, o seu futuro os espera.

No cais as novas famílias de emigrantes são divididas de acordo com sua língua e país de origem e são levados para diferentes abrigos. Pela milionésima vez os Zeeuwen têm que explicar que eles não vêm da Alemanha, mas sim da província de Zeeland na Holanda. A espera é de 3 semanas até finalmente poderem



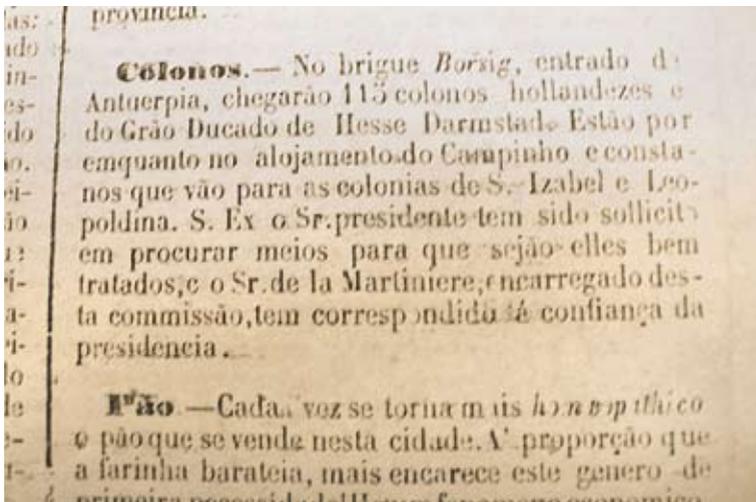
*Entrada da baía de Vitória
- 1860*

continuar viagem até as terras prometidas. Eles passam os dias na ilha Vitória, que era chamada de Ilha do Mel pelos índios. Os índios cultivavam milho e mandioca na ilha e chamavam a sua terra de ‘capixabas’, que significa a pele protegida da terra. Mas a população não-indígena deu aos índios que lá moravam o nome Capixaba e mais tarde todos os moradores da cidade e do estado do Espírito Santo passaram a ser conhecidos assim. Dessa forma,

os Zeeuwen se tornaram Os Capixabas Holandeses.

É necessário observar que os holandeses chegaram antes da inauguração da Hospedaria dos Imigrantes da Pedra D’Água na entrada da baía. Ela foi inaugurada em 1889 em uma área pertencente ao município de Vila Velha, bem próxima à Prainha onde em 1535 desembarcaram os primeiros colonizadores sob o comando do donatário Vasco Fernandes Coutinho. O desembarque dos holandeses se dava diretamente no porto de Vitória e os alojamentos, quando existiam, localizavam-se em barracões nas circunvizinhanças da capital.

Sob a liderança de um inspetor/tradutor as famílias são levadas para o cais onde algumas canoas estão prontas para partir. A palavra ‘canoas’ é usada pelos índios Aruak para especificar as embarcações de madeira que eles usam para navegar nos rios. As canoas



*O jornal Correio da Victória anuncia
a chegada dos emigrantes - 1859*



de madeira usadas para transportar os imigrantes e sua bagagem têm a mesma estrutura e forma das usadas pelos índios, porém são maiores: 16 metros de comprimento, 1,70 de largura e 1 metro de profundidade. É possível transportar 100 sacas de café com elas. Agora a bagagem dos holandeses é carregada. Os mais jovens ajoelham-se por cima de tudo e os mais velhos podem se sentar nos quatro, às vezes, cinco bancos. Um grande pote de ferro é colocado a bordo para as refeições. Quando a maré sobe o 'mestre' toma o seu lugar atrás na canoa. Musculosos 'proeiros', homens que com seus remos empurram a canoa rio acima, tomam seus lugares à direita e à esquerda na proa. O 'mestre' dá um sinal e um dos homens, antes da partida, toca o 'buzo', um chifre de boi de 60 a 70 cm de comprimento. Um som grave e longo ecoa sobre as águas, através do qual conhecedores sabem identificar qual canoa está partindo. Com os remos os 'proeiros' empurram o barco e dão início à viagem de 60 quilômetros sobre o rio Santa Maria. Simultaneamente, num mesmo ritmo, eles empurram a canoa rio acima. Nos primeiros quilômetros eles navegam através de terras planas. Em muitas partes a mata foi queimada para dar lugar a grandes plantações de cana-de-açúcar. Conforme eles avançam em direção ao interior, os morros vão ficando mais íngremes e a mata cada vez mais densa. Da mata virgem os holandeses ouvem o canto desconhecido de pássaros tropicais e os gritos de macacos. De vez em quando, um dos 'proeiros' começa a cantar e é acompanhado pelos outros que cantam em duas vozes no refrão. Cada canoa tem o seu cantor. Já escureceu quando a canoa chega à fazenda de José Cláudio de Freitas, no lugar onde o rio Mangaraí deságua no rio Santa Maria.

O 'mestre' ancora a canoa e pega o correio, papéis valiosos e remessas de dinheiro dentro de sua caixa para serem entregues na fazenda. Ele é um homem de confiança. As pessoas descansam, comem algo e tentam dormir na canoa na primeira noite na mata atlântica. Os gritos dos bichos e pássaros da mata anunciam um novo dia. Eles ainda têm meio dia de viagem até a Cachoeira Grande que impede que eles continuem navegando o rio. Neste local o diretor da colônia mandou construir o centro administrativo da mesma: sua casa, armazéns, algumas acomodações provisórias para trabalhadores e comerciantes e um barracão de madeira que serviria de acomodação inicial para 50 famílias de imigrantes.

Quando os holandeses chegam no dia 10 de julho de 1859, são

A antiga fazenda Mangaraí de José Claudio de Freitas





Cachoeiro de Santa Leopoldina - 1910

confrontados com uma pequena rebelião. O diretor da colônia, Ir. Amelio Pralon, é cercado por imigrantes alemães enraivecidos. Eles não querem partir para as terras que lhes foram destinadas porque acham a região muito montanhosa e também porque não conseguem achar as demarcações dos seus lotes de terra. Também se recusam a carregar sua bagagem, gritam exigindo dinheiro e bois, não querem trabalhar para a província e reclamam que na Alemanha muito mais havia sido prometido a eles.

Sobre os holandeses recém-chegados, o diretor Pralon escreve uma carta ao presidente da província, Dr. Pedro Leão Veloso datada de 10 de julho de 1859:

“Os holandeses, no entanto, se mantêm tranqüilos e estão prontos para tudo. Assim que recebem o dinheiro pelo qual esperam curiosos, compram alimentos. Eles reclamam sim sobre os utensílios de cozinha e sobre os equipamentos que, em sua maioria, estão quebrados e necessitam de conserto.”

A nova colônia às margens do rio Santa Maria ocupa uma região de 567 Km² e é dividida em três núcleos com diferentes distritos. No mapa da região, linhas retas foram traçadas para dividir a terra em ‘colônias’, pedaços de terra de 25 – 30 hectares, sem levar em conta os morros íngremes e rochas enormes. As colônias são interligadas por estreitos caminhos no meio da mata e são

numeradas. Cada família e cada filho solteiro com mais de 20 anos tem direito a um dos pedaços numerados de terra. A área destinada aos holandeses recebe o nome de Holanda. Depois da recepção no barracão, os chefes de família e os homens solteiros recebem um pequeno mapa da região com o número da colônia a eles designada.

Com alguns guias eles são mandados mata adentro, finalmente a caminho do tão sonhado pedaço de chão. Um longo cortejo de homens, mulheres e crianças segue o guia. Eles carregam o máximo de bagagem possível. No início, passam por algumas casinhas de escravos libertos e um ou outro escavador de ouro. É uma viagem difícil de 24 quilômetros por caminhos muito estreitos no meio da mata. Quando possível eles caminham dentro do leito do rio para se refrescar um pouco, e assim vão se arrastando e adentrando a mata.

Apesar de terem mapas e guias que os acompanhavam, eles perdem a noção de direção e não conseguem mais sair da mata. Diretor Pralon é obrigado a ir pessoalmente para mostrar-lhes o caminho. Numa segunda carta ao presidente da província datada do dia 10 de julho de 1859, ele escreve:

“Tenho a honra de comunicar que estou novamente no escritório depois de ter me ausentado segunda, terça, quarta e quinta. Essa viagem foi devido à necessidade de prestar socorro imediato aos holandeses que haviam se perdido no emaranhado de caminhos na mata, apesar de estarem acompanhados por guias experientes. Minha presença era de suma importância. Levei-os aos seus lugares e todos foram muito satisfeitos até as terras que para eles foram destinadas. Eles estavam

Holanda, no mapa topográfico - 1872





Jacó Silva. O nome dele era Schijve na Holanda. Os Zeeuwen falaram “sjive” e assim no cartório entenderam Silva.

tão satisfeitos de finalmente terem recebido suas terras que me agradeceram de maneira sincera. Três famílias ficaram aqui por motivo de doença.”

Os medidores de terras abriram uma clareira na mata no entroncamento entre quatro colônias e colocaram lá quatro cabanas bem próximas uma das outras. As cabanas são feitas de quatro escoras e cobertas com folhas de palmeiras. O distrito de Holanda é composto por 40 colônias.

Jacó Silva (Schijve) de Pau Amarelo:

“Minha avó era Agatha Schijve-Smoor e era uma menina de 15 anos quando partiu de Zuidzande no dia 10 de fevereiro de 1860.

Ela morreu aos 93 anos em 1938. Ela era empregada na casa de um fazendeiro. Todo domingo ela contava sobre a Holanda. O grupo em que ela veio chegou primeiro ao Rio de Janeiro. Lá eles ficaram por cinco dias para descansar e foram então trazidos a Vitória. De lá eles seguiam viagem em canoas para o interior até a Barra do Mangaraí. Eles já sabiam que tinham que ir até esse lugar. Alguns resolveram não continuar quando chegaram à Barra do Mangaraí e voltaram para Vitória. O que aconteceu a essas pessoas é difícil dizer. Talvez tenham voltado para a Europa no mesmo navio em que vieram. As pessoas nem de longe conseguiam levar tudo o que tinham trazido de uma só vez. Várias vezes eles tiveram que enfrentar a caminhada até a Barra do Mangaraí para buscar as coisas que haviam trazido da Holanda.”

Piet Heule, um carpinteiro e artesão de tamancos de madeira típicos holandeses vindo de Nieuwvliet, casado com Suzanne de Reu, trouxe três caixas com ferramentas.

Nada de terras grátis

A realidade é completamente diferente da que foi apresentada nas propagandas da ACC. Algumas famílias recebem grandes propriedades enquanto que outras recebem pedaços muito menores. Os pontos de encontro entre as colônias são marcados por postes ou uma grande árvore. Os caminhos que demarcam as fronteiras entre um lote e outro são difíceis de serem encontrados. Devido à péssima demarcação das terras ocorre muita confusão e não é muito difícil deslocar as divisas um pouco mais para cá ou para lá. Alguns até retiram os postes ou os posicionam em outro local. Outros trocam entre si suas terras já nos primeiros meses, antes mesmo de ser registrada no cadastro de Santa Leopoldina. Há também famílias que não gostaram nem um pouco do que viram e venderam suas terras sem registro nenhum. Confusão, divergências e conflitos é o resultado disso tudo. As disputas por terras que começaram naquela época duram até os dias de hoje.

Jacó Silva conta: “*Os índios ainda moravam em Holanda. Mas estes logo saíram de lá assim que os primeiros imigrantes chegaram. Os últimos foram mortos a tiros a mando do governo. Eram os ‘Tapuios’, um povo bastante selvagem.*”

Com intervenção do cônsul suíço no Rio de Janeiro, chegam à colônia os primeiros imigrantes, em março de 1857: 110 suíços, procedentes da Fazenda Nova Olinda, em Ubatuba, e 40 alemães. A localidade para a qual eles são enviados recebe o nome de Suíssa.

Os 110 suíços:

do Cantão de Aargau 15; Cantão de Glarus 24; Cantão de Graubünden 16; Cantão de Schafhausen 15; Cantão de St. Gall 14; Cantão de Zürich 24.

Os 40 alemães: de Mecklemburg 6; Saxônia 1; Baviera 2; Hannover 3; Prússia 9; Schleswig-Holstein 11; Silésia 6; e outros 2 prussianos.

(dados extraídos da base de dados do Projeto Imigrantes Espírito Santo, APEES)

Em junho de 1858 chegam mais 222 colonos da Alemanha e de Luxemburgo.

O estado do Espírito Santo tem então mais ou menos 35.000 habitantes: 14.300 são brancos e os outros 20.000 consistem de negros, mestiços e índios. O ‘branqueamento’ da população havia começado.

Estima-se que em 1750, 40.000 índios viviam no Espírito Santo; cem anos mais tarde, em 1856 são contados somente 6000. Dezenas de milhares de índios morreram e foram expulsos de seus ‘capixabas’. Ainda hoje os índios do Espírito Santo lutam ferozmente para conseguirem as ‘terras limpas’ de volta. No Espírito Santo há uma disputa que já dura mais de uma década entre os povos Tupinikim e Guarani e a companhia Aracruz Celulose, que estabeleceu plantações de eucalipto em terras ancestrais indígenas.

A constituição de 18 de setembro de 1850 é decisiva para a política de imigração. Nessa constituição está regulamentado que terras só podem ser conseguidas através de compra, razão pela qual o preço das mesmas sobe assustadoramente. O preço estabelecido por colônia é de 93.750 mil réis incluindo todas as despesas que o governo teve com o transporte, a demarcação das colônias e a construção de acomodações. O dinheiro adquirido é utilizado na importação de novos ‘colonos’. Na lei a palavra colonos é usada

para se referir aos imigrantes. Para as famílias vindas da Europa, essa lei torna a compra das terras logo ao chegar praticamente impossível. Eles têm que primeiro produzir algo nessas terras ou procurar trabalho em outro lugar. Antes do fim do segundo ano eles devem começar os pagamentos a serem feitos em três prestações, devendo estar quitados dentro de seis anos. Quando os colonos não conseguem pagar as prestações o governo retoma as terras. Um adiamento só é possível em casos de doença prolongada. Além das facilidades que recebem, eles também têm deveres a serem cumpridos: os caminhos que separam as colônias devem ser mantidos transitáveis; a cabana deve ser substituída por uma

No dia 5 de Junho de 1860 a embarcação Mucury atracou novamente na baía de Vitória com um grupo de Zeeuwen, que tinham como destino a Colônia Santa Leopoldina. Esse segundo grupo partiu de Antuérpia com o navio RACE HORSE.

No dia 22 de abril de 1861 um terceiro grupo que havia partido de Antuérpia com o navio Suzanna foi levado via Rio de Janeiro com o barco a vapor São Mateus para a baía de Vitória. O quarto e até então último grupo do qual se tem conhecimento chega em 1862 sem registro de data. Provavelmente eles partiram de Zeeland em dezembro de 1861. (*Veja capítulo 15*)

casa; dentro de seis meses um pedaço da terra deve estar cultivado e, no caso dos imigrantes não ficarem em suas propriedades, se mostrarem ociosos ou manterem maus hábitos, as penalidades vão desde simples repreensões até expulsão da colônia. Se os imigrantes conseguem satisfazer todas as exigências eles podem, depois do pagamento completo das terras, receber do governo a escritura da propriedade.

A política brasileira de imigração que seduz milhares de famílias na Europa a arriscarem vir para o Brasil e assumir o trabalho dos escravos nas plantações de café e cana-de-açúcar, é vista como bem sucedida. Apesar disso, a colonização do interior do Espírito Santo através da distribuição de terras aos imigrantes ainda cria situações bem caóticas no início.

No mês em que os imigrantes holandeses chegam ao Espírito Santo, a política de imigração é discutida na Assembléia Legislativa. Alguns deputados fazem críticas à entrada de tantos imigrantes no estado. Eles fazem campanha contra todos os benefícios dados aos estrangeiros enquanto que tantos ‘braços nacionais’ andam pelas cidades desempregados.

Apesar da campanha da oposição, o jornal Correio de Victória anuncia a chegada de cada vez mais imigrantes.

8. Enfrentando a mata

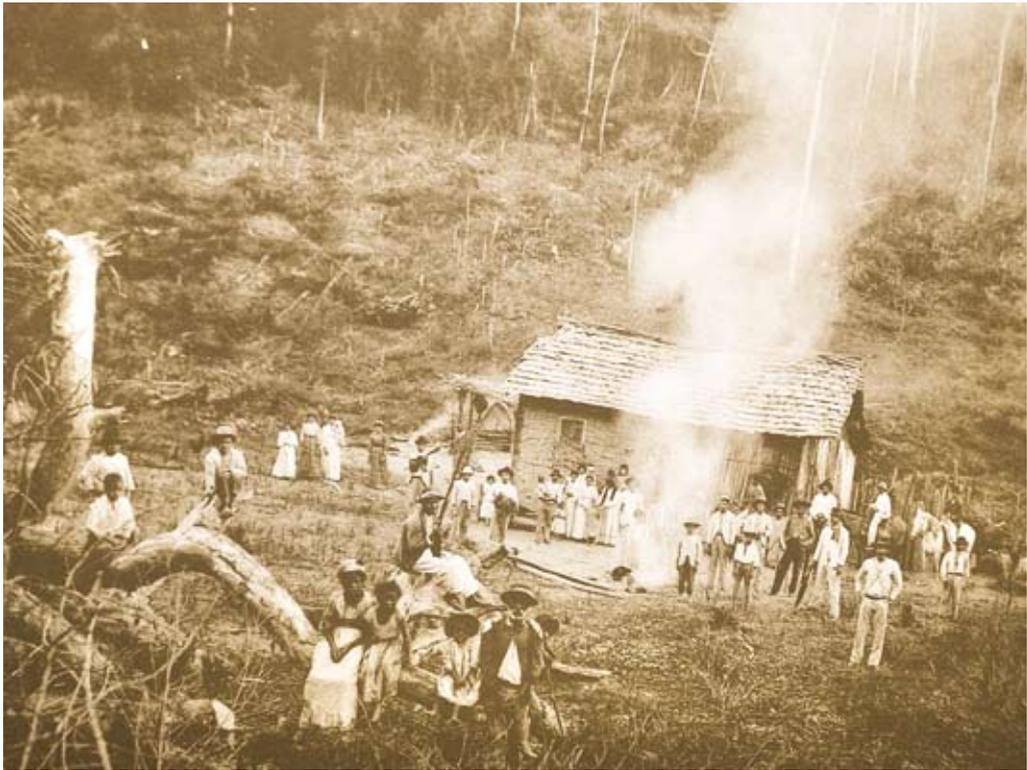
Os imigrantes holandeses na colônia Santa Leopoldina têm pela frente, assim como seus conterrâneos em Rio Novo e no Mucuri, a árdua tarefa de enfrentar a mata. Com três ou quatro homens eles entram no mato pela manhã à procura de fontes de água para ali abrir uma clareira e construir melhores acomodações do que a

cabana. Abrir caminho na mata é um trabalho pesado demais para apenas uma família. Não há apoio do governo com bois ou equipamentos. Os holandeses têm que dar um jeito de realizar sozinhos as pesadas tarefas de derrubar árvores, construir casas, plantar mandioca, arroz e feijão. Isso só é possível com o trabalho em conjunto de famílias, vizinhos e amigos. Com fome, eles se matam de trabalhar dia e noite. Alguns trabalham literalmente até morrer. Com equipamentos que já passaram por reparos e de segunda mão, eles têm que retirar os arbustos e as trepadeiras em primeiro lugar para depois poderem derrubar as enormes árvores. As árvores menores são derrubadas pelas maiores em sua queda. A madeira é parcialmente usada na construção de casas e o restante é queimado depois de secar por alguns meses. As cinzas são espalhadas no solo para aumentar a fertilidade.



As famílias dormem sempre perto umas das outras para se protegerem dos perigos. Algumas vezes ficam até 4 famílias na mesma cabana. Insetos desconhecidos, mosquitos e formigas causam ferimentos e doenças que ninguém conhece. Jovens, em turnos, ajudam a manter o fogo aceso. Conforme estabelecido no contrato, comida é distribuída gratuitamente nos dois primeiros meses e uma ajuda de custo de 600 mil réis é prometida para o primeiro ano. Para cada 5 ou 6 famílias existe apenas uma panela. As mulheres se revezam semanalmente para buscar a comida e o dinheiro em Cachoeiro do Rio Santa Maria, mas a ajuda financeira é muito baixa e nem sempre é paga.

As atribuições do diretor da colônia estão muito bem especificadas no papel, mas na prática as coisas são bem diferentes. Além da distribuição das terras e a manutenção da ordem, o diretor é responsável também pelo pagamento do dinheiro disponível para as famílias, pela educação e assistência médica. Mas não existe ensino nem médico e a maior parte do dinheiro destinado aos imigrantes não chega até eles. Os guardas responsáveis pela



Trabalhadores em madeira

segurança só entram em ação em casos de assassinatos e homicídios. Os colonos têm que procurar a solução de todo e qualquer problema jurídico por conta própria. A central administrativa da colônia em Cachoeiro está povoada de servidores públicos e negociantes corruptos e fraudulentos. Existem problemas administrativos enormes causados por uma sucessão de diretores. O prussiano Baron Pfuhl, ex-diretor de um internato de meninos na Paraíba do Sul, era o diretor da colônia pouco antes da chegada dos holandeses. Esse, segundo os colonos, foi assassinado por um alemão chamado Braun que, com o conhecimento dos capuchinhos, envenenou o incômodo Baron. Depois dele, o engenheiro francês Ir. A. Pralon é nomeado diretor da colônia interinamente.

Em Vitória circulam relatos muito tristes sobre a situação dos colonos em Santa Leopoldina. Alguns meses após a chegada dos holandeses, o novo presidente da província Pedro Leão Veloso, faz uma visita à colônia Santa Leopoldina no dia 15 de agosto de 1859 para ver com seus próprios olhos a situação em que se encontram os imigrantes.

Tendo escravos como mestres

Não existe a possibilidade de voltar. Movidos pela fome e pela falta de dinheiro, alguns imigrantes vendem suas terras e aban-

donam o lugar. Outros procuram trabalho nas fazendas vizinhas pertencentes a brasileiros ou no estado na construção de estradas e pontes. As crianças eles deixam para trás com os mais idosos que ficam nas colônias e começam a plantar feijão e mandioca em pequenos pedaços limpos de terra. Cada centavo ganho é muito necessário para não morrer de fome no meio da mata. Lado a lado com escravos descendentes dos africanos comercializados na época também pelos holandeses de Zeeland, os imigrantes trabalhavam com a enxada nas grandes fazendas.

Durante o corte da cana-de-açúcar e a colheita do café nasce uma certa camaradagem entre holandeses e escravos. Com sinais e gestos são contadas piadas e assim os imigrantes aprendem as primeiras palavras em português. Muitos holandeses não eram fazendeiros mas empregados em fazendas, domésticas ou trabalhadores autônomos que tinham o desejo de construir uma nova vida no próprio pedaço de chão e, quem sabe, ser fazendeiro. Os escravos acabam se tornando professores para os pioneiros holandeses. Eles os ensinaram tudo sobre viver na mata e plantas medicinais, mostraram a eles como se deve plantar mandioca e moê-la para ser transformada em trigo. Ensinaram como plantar as bananeiras e as mudas de café.

Jacó Silva: *“Os escravos ainda eram negociados nas cidades, segundo a minha avó. Eles eram colocados em fila e vendidos como animais. Os fazendeiros escolhiam quais queriam comprar. Na fazenda em Mangaratá os escravos desordeiros eram trocados. Os escravos roubavam de tudo do fazendeiro: bebida, açúcar e cacau. Isso acontecia principalmente quando ele ia à cidade. Até café era roubado. Durante a colheita eles deixavam os grãos caírem no chão e jogavam terra por cima. À noite eles voltavam ao cafezal para buscar o café. De vez em quando algum escravo fugia para o meio da mata. Os Adão aqui atrás do morro também são descendentes de escravos. Alguns escravos recebiam um pedaço de terra do fazendeiro. Eles podiam trabalhar em suas terras somente aos domingos. Quando os escravos foram libertados um ou outro comprou um pedaço de terra”.*

Naquele tempo, escravos ainda eram oferecidos e comercializados em Vitória. Um jovem solteiro de 19 anos vale mais que 550 cruzeiros. Cecília Braz em Holanda diz ter sangue índio e negro nas veias:

“Às vezes eles tinham permissão de

Anúncios No Correio da Victória



dar umas voltinhas por aí, mas nunca além das terras do seu dono e, portanto, também não podiam vir até Holanda. Os escravos e os holandeses se davam muito bem. Isso sempre se manteve assim. Eles contavam piadas, faziam festas, dançavam juntos e não brigavam. Brancos e negros se tratavam com simpatia mas casar?? Nem pensar!! Os holandeses preferiam não se casar com negros. A forma como brancos às vezes se referiam sobre os negros também não era sempre agradável. Os brancos achavam que eles pensavam demais em sexo e faziam com quem aparecesse pela frente. Aqui em Holanda os negros pertencem a classe mais baixa. Em geral eles não têm terras. O contato entre negros e brancos também ficou estremecido por muito tempo porque na virada do século um negro foi assassinado. Eles se evitavam e nem se cumprimentavam. Somente com a chegada da escola é que as coisas melhoraram. A professora dizia: “Todos são gente.” Quanto mais escravos eram libertados, mais eles vinham morar em Holanda. No início havia muitos índios Tapuios por aqui. Estes eram selvagens. Eles não faziam nada para as pessoas mas andavam nus por aí e pegavam tudo o que conseguiam pegar. Afinal, eles também tinham que viver de alguma coisa.”

As primeiras casas

Madeira de lei como jacarandá, garaúna e ipê são encontradas nas regiões mais altas em quantidades suficientes para a construção de casas. Depois de derrubadas, as enormes árvores têm de ser arastadas para um local mais aberto com a ajuda de cordas e rolos de madeira. Das árvores são serradas colunas e tábuas. As casas são levantadas com quatro colunas, um assoalho de tábuas que fica até a um metro do chão, um telhado de madeira e paredes de bambu trançado. Quando a estrutura da casa está pronta, é necessário barrear a casa, passar barro nas paredes. Ao lado da casa em construção é cavado um grande buraco. Areia e água são adicionados a terra para conseguir um barro bem grudento. Dois homens pulam descalços no buraco e “pisoteiam” o barro. Ou-

tros empurram a massa de barro do buraco para uma tábua até as paredes da casa. Uma pessoa pelo lado de dentro e outra pelo lado de fora pegam um monte de barro, fazem contagem regressiva, para que os dois montes de barro sejam colocados ao mesmo tempo entre o trançado de bambu e espalhados. O barro e bambu trançado colam imediatamente. Muitos pedaços de barro passam por entre a estrutura de bambu e acabam no rosto do outro debaixo de muita

Casas de barro com telhado de madeira



gargalhada. Em um dia a casa é vedada dessa forma. É um modelo africano de construção de casas e ensinado pelos escravos. As janelas são fechadas com contraventos. A família recebe felicitações pela nova casa e distribui pratos de comida e uma 'zoete' (cachaca com açúcar e anis).

Quando se mudam para a nova casa, alguns colocam uma ferradura com sete buracos atrás da porta para manter a sorte dentro e o azar fora da casa. Uma vez que o barro está bem seco, passa-se cal para conservar melhor o barro e evitar que esfarele. É importante fazer isso para a conservação da casa, mas muito mais importante é que essa prática oferece proteção contra o barbeiro, um inseto perigoso que transmite a doença de Chagas e que gosta de se aninhar no barro. A doença de Chagas causa um crescimento exagerado do coração e órgãos internos. O barbeiro representa uma constante ameaça à saúde das pessoas. Em Holanda pintar as casas com essa tinta à base de cal (caiar a casa) antes do natal, se torna uma tradição.

O carpinteiro Piet Heule não arrastou as suas três caixas com ferramentas à toa. Uma mesa para a sala de estar tem que ser feita, assim como camas, alguns banquinhos de madeira e um baú para guardar a roupa de cama e documentos importantes. As crianças menores dormem no quarto com os pais e os três ou quatro maiores no outro quarto ou, na existência de um, no sótão. Uma cozinha é frequentemente construída no chão batido. As casas maiores possuem uma varanda.

Nessas casas com dois quartos a maior parte das famílias tem uma situação muitas vezes melhor do que tinham na Terra de Cadzand. Lá a maior parte dos trabalhadores rurais morava fora da vila em uma isolada 'casinha de trabalhador' a uma distância respeitável da fazenda ou em uma casinha ao longo do dique. Eles moravam em casinhas de apenas um cômodo. Os pais dormiam em uma cama construída na parede e atrás de cortinas. As crianças, meninos e meninas juntos, dormiam no sótão em cima de palha e usando sacos de juta como cobertores. Eles dormiam diretamente embaixo do telhado que não era revestido de forma que, no inverno, os flocos de neve passavam por entre as telhas.

Durante os primeiros anos no Brasil, as mais incríveis histórias ainda circulam entre os imigrantes. Bram Heule conta: *"Um dia, na hora do almoço, eles foram comer a comida que haviam trazido*

*Casinha de trabalhador
em Cadzand*



e procuraram algum lugar para se sentar. Num lugar, onde eles ainda não haviam começado a derrubada, havia uma enorme árvore no chão. Eles estranharam aquilo já que ainda não tinham derrubado nenhuma árvore por ali. Pensaram que poderia ter caído com o vento. Depois de já estarem sentados ali por um tempo a árvore começou a deslizar. Eles quase morreram de susto e saíram correndo dali. Na manhã seguinte, eles voltaram para dar uma olhada e o “tronco” havia sumido. Deve ter sido uma cobra.”

Ilustres visitas

O imperador do Brasil e grande promotor da política brasileira de imigração, Dom Pedro II juntamente com a sua esposa, faz uma visita às colônias no Espírito Santo. Depois da chegada em Vitória no dia 26 de janeiro de 1860, a sua visita começa evidentemente em Cachoeiro de Santa Maria, onde ele assiste a uma missa festiva na capela de Nossa Senhora do Patrocínio celebrada pelo capuchinho Frei Adrião. Essa visita é um marco para a colônia. Para os imigrantes que lutavam com a falta de comida, doenças tropicais e enormes dificuldades para conseguirem sobreviver na mata, a única vantagem dessa visita foi que os caminhos na mata por onde a comitiva chegou foram alargados e pontes foram construídas sobre os rios. O monarca chega até Fumaça, perto de Holanda, onde ele e sua comitiva almoçam. No dia seguinte eles seguem viagem a cavalo para Santa Isabel, Viana e a Colônia Rio Novo.

Rancho Imperial às margens do rio Fumaça, na colônia de Santa Leopoldina, onde sua Majestade, o Imperador, jantou - 1860



Em outubro de 1860, um ano após a chegada dos holandeses no Brasil, o barão Johann Jakob von Tschudi faz uma visita ao distrito Suíça na colônia Santa Maria por determinação do governo suíço. Afinal, os primeiros imigrantes da colônia Santa Leopoldina eram suíços. Seus relatórios ilustram bem a situação em que as famílias têm que viver e as conseqüências da política de imigração adotada pelo Brasil naqueles primeiros anos. A colônia conta na época, segundo o barão, com 232 chefes de famílias das mais diferentes regiões da Alemanha, Suíça, Áustria, Luxemburgo, Bélgica e Holanda. Um total de 1003 colonos, dos quais 126 são holandeses.

Segundo o barão, as terras na colônia não são apropriadas para a agricultura. Para ele, foi um erro grosseiro fazer a medição de terras e prepará-las para colonização sem que um estudo cuidadoso sobre a fertilidade das mesmas e as possibilidades de uso para agricultura fosse feito. Os colonos receberam um pedaço de terra do qual às vezes somente metade ou um terço era cultivável. A terra é de péssima qualidade e improdutiva. Durante a sua estadia ele constatou nas visitas que fez às famílias, que nenhuma conseguia tirar o seu sustento da própria terra. Até mesmo imigrantes que já moravam e trabalhavam em suas propriedades há quatro anos não conseguiam comer e nem se vestir apropriadamente. Eles morreriam em situação deplorável se não pudessem trabalhar nas fazendas ou em obras públicas do estado. No seu relatório ele narra:

“O diretor interino morava em Porto da Cachoeira onde aos poucos se desenvolveu ali um abominável atoleiro de vícios, despudorado e fraudulento, fazendo as condições dos colonos caírem na mais profunda desordem. Os subsídios governamentais eram surrupitados pelos diretores ou repassados na base de favor, mas sempre de maneira totalmente desordenada. As verbas destinadas aos trabalhos públicos compartilhavam o mesmo destino. Dizem que um dos diretores chamado N. ao assumir o seu cargo tinha sete contos de réis (cerca de 6.000 táleres) de dívida, e depois de pouco tempo ocupando o seu posto e com um salário relativamente pequeno, ele não só já havia se livrado de suas dívidas como também ainda tinha guardado dinheiro! Enquanto isso cresciam a miséria, a fome e as doenças entre os colonos.

Onde a fome entra pela porta, a vergonha escapa pela janela mais próxima. Em Porto da Cachoeira, as mulheres e filhas de colonos entregavam-se aos brasileiros por uma ou algumas patacas a fim de comprar algum mantimento, e mais tarde arrastam um corpo corroído pela sífilis. Pessoas absolutamente probas e fidedignas contaram-me histórias verdadeiramente escabrosas sobre esta época da colônia. Mesmo os colonos trabalhadores e ordeiros iam levando a sua existência parcamente já que recebiam apenas parte do auxílio econômico governamental ainda tão necessário ou então passavam meses sem recebê-lo. Somente aqueles que ainda podiam viver do

resto de seu pequeno capital trazido da Europa conseguiram progredir um pouco.”

Apesar do clima bom, a saúde dos imigrantes é muito ruim, especialmente entre os suíços e os holandeses. Segundo o barão, isso se deve a uma alimentação pouco variada que consiste principalmente de farinha de mandioca misturada com água da qual é feito uma espécie de mingau ou panqueca. Isso ocasiona uma doença que os europeus não conhecem, mas que é muito comum no Brasil: a hidremia, aumento do conteúdo aquoso do sangue.

“É chocante ver essas criaturas pálidas e inchadas, fracas e impotentes. A condição dos holandeses seja talvez pior que a dos suíços. Eles raramente tinham o que comer. Eles viviam em situação ainda pior por sua própria culpa: eram indivíduos vadios e em geral muito decadentes, praticamente afundados na sujeira. Alimentavam-se quase exclusivamente de um mingau feito de farinha de mandioca com óleo de ricino e água cozida juntos. Em muitas destas famílias, a falta de asseio era tão grande que elas

Pagamento de salário aos colonos na casa da diretoria, Porto de Cachoeiro - 1875



nem lavavam a panela na qual haviam preparado a sua comida, antes de fazer a próxima refeição. Despejavam nela novamente farinha, óleo e água e cozinhavam tudo junto com as sobras da anterior. Seria de admirar que com esta alimentação repugnante a maioria das famílias holandesas tivessem um aspecto lamentável? Não tenho como confirmar isso, mas encontrei alguns deles totalmente desanimados e frustrados. Conversei com vários imigrantes e ouvi, sem nenhuma exceção, muitas reclamações. Muitos foram levados ao desespero. Quando pergunto como eles estão, recebo sempre a mesma resposta: mal, muito mal”, segundo o barão.

Enquanto os imigrantes da colônia às margens do rio Santa Maria vivem em extrema pobreza e miséria, o ministro do interior João de Almeida Pereira Filho tira dinheiro do fundo destinado aos imigrantes e dá ao fotógrafo francês, Sr Victor Frond, para



que este coloque a colônia Santa Leopoldina em evidência. As fotos são expostas no Rio de Janeiro. Nestas fotos tão agradáveis de serem vistas, não existe pessoa retratada. *“Eles perambulam abastidos de um lado para outro, seminus com feridas inflamadas, febris e com os olhos fundos. Também não há uma foto de imigrantes acamados lutando contra doenças ou de crianças que choram de fome perto de suas mães. Nenhuma foto das mulheres e meninas que de manhã bem cedo saem escondidas das casas dos oficiais para comprar um pouco de comida na venda com o dinheiro que ganharam durante a noite. As fotos são tão bonitas que dá até para se orgulhar da colônia. Elas serão acompanhadas de belos textos e impressas na França, para poder mostrar ao mundo o que o Brasil faz pelos imigrantes.”* Assim escreve o barão von Tschudi.

Terras cheias de pedras

Em Vitória sabe-se a respeito das práticas criminosas e da situação cruel em que os imigrantes da colônia se encontram. Não é sem motivo que ela é apelidada de “colônia dos mistérios”. Apesar disso, o governo continua mandando mais e mais imigrantes para lá. Um grupo que é mandado para Vitória pelo Departamento Geral de Terras no Rio de Janeiro, se recusa terminantemente a partir quando informado que seu destino é a colônia Cachoeiro de Santa Maria. Eles afirmam que preferem se jogar com mulher e filhos na baía de Vitória a ir para Cachoeiro de Santa Maria. O governo se vê forçado a mandar o grupo de volta ao Rio de Janeiro, de onde eles são levados para colônias no sul do país.

(Veja anexo 3)

Não há mais terras para os holandeses

Dois anos depois da visita do barão von Tschudi, um funcionário do governo escreve sobre os holandeses em seu relatório de 1862: *“Os holandeses são preguiçosos e desleixados. A falta de iniciativa deles impede seu próprio progresso. Eles podem ser considerados os mais infelizes, os mais azarados de toda a colônia Santa Leopoldina.”*

Num determinado momento o diretor da colônia considera ser inútil continuar destinando terras aos holandeses. É uma medida punitiva. Por causa do comentário de um funcionário público, os holandeses adquirem péssima reputação e são discriminados em relação aos outros grupos de imigrantes. Eles não recebem mais terras, assistência na área da educação e saúde e nem informação na agricultura. Os holandeses acabam isolados e totalmente abandonados à própria sorte.

Em Zeeuws-Vlaanderen ninguém faz idéia da situação em que eles se encontram.

O jornal Goessche Courant comunica em Zeeland:

GOESSCHE COURANT

7 de março de 1861

Notícias internas

De Oostburg (estado-Vlaanderen) as notícias são as seguintes:

Muitas pessoas da classe trabalhadora dessa região estão vendendo casas e propriedades para partir em direção ao Brasil, para onde são transportados sem custo nenhum. As opiniões sobre essa colonização são bastante diversas. Enquanto alguns a colocam nas alturas com elogios, como se, imediatamente após a chegada, se tornassem donos de extensos pedaços de terra, outros vêem essa colonização como trabalho escravo pesado, a favor da sociedade que arca com os custos da travessia. Seria do interesse da classe trabalhadora que informação imparcial fosse dada a esse respeito.

9. Lutando por uma comunidade própria

Ignorados pela administração da colônia Santa Leopoldina e geograficamente escondidos por entre os morros atrás de Mangaraí, cresce o companheirismo e a solidariedade mútua entre os holandeses. A partir de 1862 não chegam mais famílias de Zeeland, mas as recordações de Zeeuws-Vlaanderen continuam vivas.

As bonitas promessas e belos contratos não passam de um monte de mentiras e trapaças. As terras devem ser pagas, são péssimas e cheias de pedras. Não há um médico, uma escola, uma igreja

ou uma loja em Holanda. Tudo ainda tem que ser construído. Decepcionadas e frustradas, muitas famílias vão embora. Devido ao isolamento em que os holandeses se encontram, permanecem relativamente independentes de outras comunidades até a virada do século.

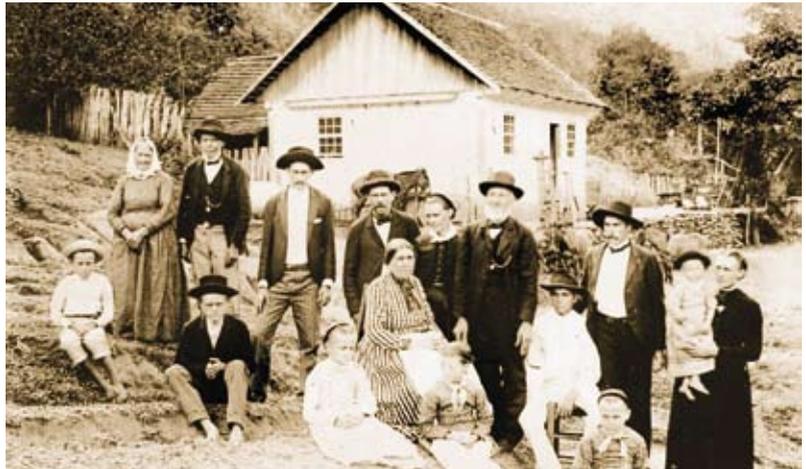
A cidadania brasileira e serviço militar não são obrigatórios para eles, e também não têm direito de votar. De vez em quando aparece um funcionário do governo em Holanda para ver o andamento das coisas e se certificar de que as regras estão sendo cumpridas.

Nos primeiros anos as famílias se reúnem aos domingos em locais abertos no meio da mata para orar, ler a bíblia e cantar salmos, o que consola e encoraja os imigrantes nesse difícil começo. Eles escolhem Izaak Kallewaard, um leigo, para ser seu pastor. Ele organiza os cultos, prega, batiza e enterra. A leitura de sermões era comum na igreja na Holanda. Os pastores não conseguiam atender a todas as igrejas e na ausência de um, o conselho da igreja tinha sempre uma versão impressa da pregação que poderia ser lida por qualquer pessoa. Talvez Izaak Kallewaard tenha trazido algumas dessas pregações. Os holandeses ainda conseguem preservar sua identidade e suas idéias por muito tempo. Até 1930 eles ainda usam roupas típicas de Zeeland e os tamancos. As mulheres usam uma blusa e uma saia que arrasta no chão. Elas não usam calças. As mulheres usam um lenço na cabeça e os homens um chapéu.

A língua falada entre eles é o “kezand” da região de Cadzand. Durante o trabalho nas fazendas ou nas obras do governo, os holandeses aprendem a falar o português. Mas, quando os jovens começam a falar português dentro de casa, os pais ficam zangados: “você não podem renunciar à língua dos seu pais e avós” e “o sangue e a palavra holandesa nunca se acabam”.

Alfredo Heule conta:

“Piet Heule, o marceneiro sempre dizia: nós temos que continuar a falar o holandês, pois ‘Der komt ’n ké ’n dag da ze ons vinnen.’” (op een dag zullen ze ons vinden, algum dia eles vão nos achar)



Em pé da esquerda para a direita: Wanda Boone, Ton Lauret, zoon Jas Lauret, o casal Bram Lauret e Hanna Boone, no braço Anton Lauret. Sentados da esquerda para a direita: filho desconhecido, Piet van Schaffel, Suzanne van Schaffel, na cadeira Pieta van Schaffel esposa de Bram Boone. Em frente: Hanna Valkenier, Anton Lauret en Joanna Fransen.

Médicos dos pobres

A promessa de assistência médica de qualidade para os imigrantes também parece ser falsa. As pessoas levam doentes para a Barra do Mangará ou para Cariacica, crianças carregadas nas costas e adultos em macas feitas com ripas de bambu. Tifo, febre amarela e malária são doenças muito comuns. De nada adiantou implorar pela visita freqüente de um médico. Todos aqueles anos esses pedidos simplesmente foram negados.

As pessoas acabam levando seus doentes para ‘benzedores’ e ‘curandeiros’ na região. Eles sabem como preparar um chá de ervas e, segundo os holandeses, têm o dom de ‘enfeitiçar’ e de ‘benzer’.

Conseguem através de orações e do conhecimento de plantas medicinais, curar dor de cabeça, gota, dor de dente e combater todo tipo de doenças e são chamados de médicos dos pobres.



Abrão Laurett. Depois de aposentado, mudou-se de Holandinha para Santa Leopoldina

Abrão Laurett relata: *“Isaac e Ton Laurett, Jan Boone, Jan Heule e Piet Baas tinham o poder de enfeitiçar ou benzer. Eles aprenderam isso com os negros. As pessoas respeitam aqueles que sabem fazer isso. Enfeitiçar é coisa do demônio e do mal. Benzer é do bem, é dar conselho e fazer orações. Benzendo você consegue retirar o mal do feitiço. Havia pessoas que sabiam benzer e enfeitiçar, como Piet Baas. Ele dizia: na noite de páscoa, apanhe a água, pois esta água não estraga e fica boa para beber durante anos. Os pastores sempre foram contra essas coisas. Mas quando você tem fé, Deus te dá força. Você recebeu seus dons de Deus para serem usados. Também aqueles que sabem benzer receberam esse dom de Deus. É burrice dos pastores proibirem essas coisas. Nossos pastores até falam, mas não*

acreditam. Quando você não acredita na benzedura, não acontece nada.”

Até os dias de hoje as pessoas procuram a cura com ‘benzedores’, ‘curandeiros’ e ‘macumbeiros’. Macumbeiros são seguidores de uma religião afro-brasileira, a macumba ou candomblé. Uma mistura de crenças e africanas com elementos católicos. Alguns possuem o dom de entrar em contato com seu espírito protetor, o espírito no qual ele/ela foi iniciado, e podem pedir curas a esse espírito.

Maria Boone de Pau Amarelo: *“Meu marido tinha muita dor na cabeça. Nós o levamos para uma curandeira. Afinal, a gente faz de tudo em busca da cura, não é? Infelizmente ela não pôde fazer muita coisa por ele. Ela rezou, deu uma benção e nos aconselhou a procurar uma macumbeira. A macumbeira não pediu dinheiro, apenas um pacote de cigarros e uma garrafa de cachaça. Ela acendeu um cigarro, soltou muita fumaça, colocou cachaça em um copo, tomou um gole, foi para a porta e cuspiu a cachaça. Ela repetiu isso algumas vezes. Depois, ela começou a dançar cada vez mais rápido até que,*

rolando no chão, ela tentava contato com o seu espírito. Quando ela se acalmou e levantou, olhou em uma grande esfera no seu altar, onde havia vários outros atributos e velas, e disse: 'Não é possível curar esse homem. Ele deve ter alguma coisa em sua cabeça.' Depois do exame no hospital o médico constatou mais tarde que havia um tumor na cabeça do meu marido."

O perigo mais temido eram as cobras. 'Bentinhos', orações escritas em pedaços de pano que são levados nos bolsos ou costurados por dentro da roupa, circulam entre os imigrantes. Esses bentinhos protegem contra os perigos da selva, como mordidas de cobras. Um desses bentinhos era o seguinte:

*Jesus são bento
não permitas meu Deus
que esta criatura
esta mordida de cobra
ou insetos venenosos
destile o veneno no corpo
como tuas santas palavras
Eli Eli Lama Sabatani. Amém.*

Em Zeeuws-Vlaanderen havia os 'escapulários', um pedaço de pano bento que era carregado por leigos debaixo das roupas em homenagem a Nossa Senhora para se protegerem contra catástrofes, como afogamento e tempestades.

Piet Lahas (originalmente La Gasse) era um desses 'médicos de cobras'. Ele curava todo tipo de doenças com ervas medicinais e possuía o dom de enfeitiçar e de benzer. Uma mistura de ervas contra mordida de cobra era composta de raízes brancas, ervas amargas, cabeça de macuco, barata, salsa de praia e alho. Quando se toma essa mistura na Sexta Feira Santa, tem-se um antídoto no corpo e uma boa chance de não morrer com mordida de cobra.

Abrão Laurett: *"Falava-se que as cobras tinham uma espécie de magnetismo. Quando olhavam para uma pessoa ou animal, elas os hipnotizavam. Isso também acontece com mulheres que amamentam seu filho no peito. O perigo é que a cobra aparece à noite, hipnotiza a mulher e toma o leite materno enquanto coloca o rabo na boca da criança."*

Mais tarde é criada a 'Caixa das cobras'. Foi uma das primeiras cooperativas da qual todas as famílias participaram. Eles pagavam uma contribuição para o fundo, do qual eram compradas as vacinas contra picada de cobra. Frequentemente são os benzedores que aplicam a vacina juntamente com as devidas orações.

A cada cem mortes entre 1901 e 1910, morreram na colônia Santa Leopoldina: dezessete crianças antes do primeiro ano de vida, quatorze antes dos dez anos, trinta e cinco jovens e adultos morreram entre onze e sessenta anos e trinta e quatro idosos com mais de 60 anos.

Somente em 1943 é fundado o primeiro posto de saúde do governo em Santa Leopoldina, a 35 quilômetros de Holanda. O conhecimento e a experiência adquiridos no decorrer dos anos com ervas medicinais foi reunido em algumas hortas medicinais. Essas hortas, coordenadas e acompanhadas por cientistas, receberam um importante papel na assistência médica. Diversas drogarias homeopáticas populares foram criadas no interior do Espírito Santo.

Calvinistas e Luteranos

Quando os Zeeuwen encontram os alemães luteranos, eles trocam idéias sobre suas respectivas crenças e descobrem que existem muitas semelhanças entre as duas religiões. Praticamente todas as famílias que saíram de Zeeuws-Vlaanderen e emigraram para o Brasil foram apagadas dos registros da Igreja Reformada Holandesa, a igreja oficial da Holanda. Os membros dessa igreja são seguidores de João Calvino (1509-1564) que se desligou da igreja católica em 1534 e se converteu ao protestantismo. Muitos emigrantes são descendentes de fugitivos huguenotes da França. Calvino e Lutero foram os principais personagens da Reforma

Protestante na Europa. Calvino trabalhava por uma reforma permanente e o estudo continuado da Bíblia. Ele criou novas leis, uma nova liturgia e catecismo para a igreja, na qual a bíblia era o ponto central para qualquer problema existencial. Segundo ele, cada igreja é uma comunidade independente que é administrada pelos próprios membros. Não existem muitas diferenças entre Luteranos e Calvinistas. Eles não tiravam o chapéu para os santos católicos. A essência do seu protesto contra os católicos é a mesma. O maior ponto de discórdia acaba sendo a Santa Ceia. Uma pequena diferença na interpretação sobre esse aspecto levou a muita briga e ódio entre Calvinistas e Luteranos. Outra diferença é que os Calvinistas somente cantavam salmos rimados e nenhum hino como os Luteranos. Os reformados de Zeeland tinham uma liturgia muito sóbria, sem

Primeira escola e capela em Luxemburgo, Santa Leopoldina I - 1869



imagens nem objetos que pudessem lembrar o catolicismo. Altar, crucifixo, velas e flores tiravam a atenção da Palavra de Deus. No meio da igreja havia somente um púlpito com uma bíblia aberta. O pastor não usava um talar, e sim um terno preto ou um casaco.

Aos dois grupos no Espírito Santo falta um pastor e uma capela. O governo brasileiro permite que os imigrantes protestantes da Europa se reúnam, mas não em construções que lembrem uma igreja. Calvinistas e luteranos se unem para construir uma escola na qual também cultos podem ser realizados. Quatro anos após sua chegada, os holandeses ajudam na construção da primeira capela e escola evangélica na colônia Santa Leopoldina, no distrito Luxemburgo.

Por insistência do barão von Tschudi, chega o primeiro pastor para a colônia Santa Leopoldina em 1864 de Basel.

Devido à ajuda que deram na construção da capela, os holandeses recebem uma posição na administração da igreja. De 1871 até 1873, Izaak Lampier faz parte da administração da igreja e é tesoureiro na filial Holanda, pois deve haver contribuição para o pastor. Essa contribuição não é só através de dinheiro, mas também com fornecimento de milho para o seu gado e do trabalho nas terras do pastor e da igreja.

Antônio Lauret de Jequitibá conta: *“Meu avô contava que os holandeses de Holanda andavam até Luxemburgo aos sábados. São quatro horas de caminhada para ajudar na construção da igreja. ‘Tocar barro’, construir grossos muros de barro batido. Mas quando a primeira celebração foi feita no dia 12 de março de 1864, havia um crucifixo e velas sobre o altar. Isso não agradou os calvinistas. Ele disse: “Da sie me nie uleert em dão hâon we nie nao toe.” (Nós não aprendemos isso, para lá nós não vamos)*

Quando, entre os anos de 1872 e 1873 mais de 2000 emigrantes luteranos da Pomerânia se mudam para a região montanhosa e também exigem o seu lugar na capela de Luxemburgo, não encontramos mais holandeses em funções administrativas depois de 1873. Conta-se que durante um culto, os pomeranos arrastaram os holandeses dos bancos da igreja, pois eles tinham lugares fixos pagos e os holandeses deveriam ficar de pé. Frequentemente acontecem conflitos.

Os primeiros pastores para os luteranos vêm da Suíça da missão de Basel, onde Calvino morava e trabalhava, e se caracterizam pelo modo de vida calvinista: uma vida sóbria e simples, sem luxo, mas com muito trabalho. Com esses pastores os holandeses conseguem trabalhar em conjunto.

Depois disso, vêm pastores de Berlim, acadêmicos que, para ganhar experiência, passam alguns anos no Brasil. Os holandeses

pedem que esses pastores se adaptem aos costumes calvinistas na capela holandesa. Esse não é um pedido difícil de ser atendido pelos pastores uma vez que eles vêm da União Evangélica na Alemanha, uma união da qual fazem parte calvinistas e luteranos. Mais tarde, em 1903, mesmo com certo desagrado dos pastores de Berlim, chegam os primeiros assim chamados “pastores dos cofrinhos de Deus”. Estes haviam saído da União Evangélica. Estes ‘pastores para a vida’ vêm da região da Baviera. Em suas igrejas na Alemanha ficam dependurados cofrinhos para recolher dinheiro destinado às igrejas no exterior. Com o ganho desses “cofrinhos de Deus”, pastores são enviados a outros países. Eles vêm também ao Brasil trazendo consigo, segundo eles, o único e verdadeiro catecismo e liturgia. Esse foi um dos pontos de discórdia com a União Evangélica. Alguns também vinham com a idéia de germanizar a região onde estavam os imigrantes alemães, inclusive os holandeses.

Os pastores da Alemanha criam a “Deutsche Schule” (escola alemã) e nomeiam os colonos que sabem falar e escrever bem o alemão e que tem jeito com crianças para serem os professores da colônia.

Antônio Laurett de Jequitibá conta: *“Na ‘Deutsche Schule’ eu aprendi a ler e escrever e, mesmo com medo, voltava de vez em quando para as aulas de catecismo. Tudo tinha que ser em alemão. Recebíamos um caderno e nele tínhamos que copiar o alfabeto gótico antigo em letras maiúsculas e minúsculas até que estivesse perfeito. Na quinta o pastor dava aulas de alemão e na sexta de educação religiosa. Quem não tivesse estudado a lição recebia uma surra com varinha de araquá. Ele batia com a varinha em sua mão. Da mesma forma que entramos nas aulas de catecismo, nós também saímos: não aprendemos nada. As surras de nada adiantaram.”*

Capela e escola em Holanda

A ‘Escola Alemã’ do pastor em Luxemburgo é muito longe para a maioria das crianças. As de seis a treze anos podiam ter aulas três vezes por semana em alemão. Aulas de leitura, escrita e catequese para se prepararem para a confirmação na igreja. Somente em 1878 é criada uma escolinha estadual em Mangaraí. Segundo relatos da província feitos ao imperador, 78 alunos estão matriculados na escola dos quais pouquíssimos são crianças holandesas. A vontade dos holandeses de ter uma escola e capela próprias em Holanda é grande. Os filhos dos pioneiros têm que se virar sem estudo. Eles aprendem uma ou outra coisa com os avós vindos de Zeeland, mas a maioria permanece analfabeta. Os holandeses preferem ensinar seus filhos a ler, escrever e calcular em uma escola própria. O melhor lugar para se construir uma escola e uma capela é ao lado do cemitério. O cemitério em Holanda só foi construído doze anos após a chegada deles. Antes disso, as pessoas eram enterradas no campo. Mas, nesse meio tempo, as terras

ao redor do cemitério foram vendidas para um católico que não tinha interesse em vender para os holandeses.

Anton Laurett então oferece um espaço nas suas terras, número 499. Com a união de todos uma capela, que também pode ser usada como escola, é construída. A inauguração da primeira capela de Holanda acontece no dia 3 de fevereiro de 1903, sem altar nem crucifixo e no meio o púlpito com bíblia aberta. A partir de agora, os holandeses formam a sua própria comunidade “Capela Holanda”, assistida pelo pastor de Luxemburgo.

Anton Laurett se torna o ‘Mestre da Colônia’ em Holanda. Laurett dá aulas de conhecimento bíblico, ensina a ler, escrever e calcular. Contra a vontade dos pastores, ele dá aulas também em holandês. Com a escola e capela próprias, os laços entre as pessoas na Comunidade Holanda se fortalecem. As normas e os valores que as pessoas tinham trazido de Zeeuws-Vlaanderen podem agora ser passados adiante na escola e na igreja.

Antônio Laurett: *“Os primeiros holandeses não queriam saber de crucifixos. Nem dentro da igreja e nem fora no cemitério. E mais um detalhe: até onde me lembro, meu avô Anton sempre ia para Holanda na Sexta Feira da Paixão para celebrar a Santa Ceia quando eles tinham a própria capela. Aqui em Luxemburgo, na capela que ele mesmo ajudou a construir, ele não ia para a Santa Ceia por causa do crucifixo no altar. O meu outro avô, Treichel, era presbítero. Os dois cavalgavam juntos para a igreja em Jequitibá, mas para a Santa Ceia meu avô Anton desviava para Holanda. Ainda me lembro como se fosse hoje: ‘Ele arreava o cavalo branco e cavalgava para Holandinha.’ Para onde o senhor vai, eu perguntava. Ele iria para Holandinha. Lá não havia crucifixo.”*

Através do casamento, alguns pequenos proprietários de terras pomeranos vão morar em Holanda, mas eles não têm muita influência lá. A chegada dessas pessoas reforça justamente o sentimento de unidade entre os holandeses. Devido à língua de Zeeuws-Vlaanderen, as roupas e a crença calvinista da Igreja Reformada Holandesa de Zeeland, os holandeses se diferenciam dos outros grupos étnicos ao seu redor. Para muitos, as palavras do pastor determinam o modo de agir e de se comportar no dia-a-dia.

Os calvinistas de Zeeland, diferentemente dos luteranos, estavam acostumados à idéia de que o pastor era empregado da diretoria da comunidade.

Um coração ao invés de uma cruz no túmulo





O 'mestre da colônia' Antônio Laurett e Elisabeth Verduin com os filhos

O desenvolvimento chega rápido. Porto de Cachoeiro se torna oficialmente o centro da colônia em 1867 e, em 1882 passa a se chamar Vila do Cachoeiro de Santa Leopoldina. Em 1887 Santa Leopoldina se torna município e passa a ter um prefeito e câmara de vereadores. Direito de voto é dado ativa ou passivamente aos grandes proprietários de terras e comerciantes, mas não aos imigrantes e pequenos proprietários da Europa. A partir daquele momento, Santa Leopoldina não é mais uma colônia do estado. Quando em 13 de maio de 1888 a escravidão é abolida, os escravos deixam as fazendas em Cariacica e vão festejar nas ruas de Santa Leopoldina e Vitória. Eles improvisam uma banda, dançam e bebem durante cinco dias. Os fazendeiros nada podem fazer contra o que eles chamam de 'delírio dos negros'. Em Santa Leopoldina uma missa festiva é celebrada, seguida de gestos de aprovação da elite e uma procissão em homenagem à Princesa Isabel. No entanto, a abolição da escravidão significa para muitos negros serem mandados para a mata sem nenhum centavo no bolso. Alguns partem para os quilombos, refúgio dos escravos fugidos. Outros vão para a cidade onde têm que mendigar por um emprego, assim como imigrantes da Europa que fugiram do interior para tentar melhores condições de vida na cidade. No dia 15 de novembro de 1889 é proclamada a república do Brasil. O país começa uma nova experiência, a democracia, com um governante eleito pelo 'povo', que aqui quer dizer somente as pessoas alfabetizadas. Com nenhuma ou péssima educação, milhares de imigrantes são, dessa forma, deixados fora da política.

10. O período do café

Em 1830, o café era responsável por 25% das exportações brasileiras e era produzido em cafezais por 600.000 escravos vindos da África. Em 1860 o café já era responsável por metade das exportações, e ainda era produzido por escravos que aos poucos, foram sendo substituídos por imigrantes europeus. A demanda era enorme. O diretor da Colônia Santa Leopoldina começa a incentivar o cultivo do café entre os imigrantes. O preço está bom e existem inúmeros exemplos de pequenos produtores que tiveram uma ótima colheita de café e que conseguem assim melhorar a sua qualidade de vida. O acesso a mudas é muito difícil, já que os fazendeiros brasileiros não querem vendê-las aos protestantes holandeses. A ironia disso é que, em 1727, um oficial de justiça chamado Palheta contrabandeou as mudas de café de fazendeiros holandeses da Guiana Holandesa para o Brasil. Escravos amigos ajudam os holandeses a conseguirem as primeiras mudas de café.

Em 1616 colonizadores holandeses levaram uma mudinha de café do Iêmen, na Arábia e a plantaram no jardim botânico de Amsterdam. Plantar café naquele país frio e úmido provou ser impossível. Resolveram então levar aquelas mudas para suas colônias em Ceilão e Java na Indonésia. Lá o café se desenvolveu bem e eles começaram a cultivar o mesmo comercialmente. Na Europa, tomar café virou moda, se tornou uma mania. Em 1706 as colônias holandesas supriam toda a Europa com café. O café foi também levado para as fazendas no Suriname e nas Guianas Holandesas em 1718. Em 1727 os franceses e os holandeses tiveram uma disputa de fronteiras nas Guianas e pediram que o luso-brasileiro Francisco de Melo Palheta, oficial de justiça, fosse ajudar nas negociações. Palheta se aproveitou da situação e contrabandeou as primeiras mudas de café para a sua fazenda no Brasil. O cultivo do café chegou ao Rio de Janeiro em 1760 vindo do nordeste e, daquele momento em diante, a produção de café no Brasil seria um sucesso.

‘Zoetementos’

Para a comunidade Holanda o cultivo de café teve como consequência um período de relativo crescimento e prosperidade na virada do século. Aparecem comerciantes e vendas e o café e outros produtos são comprados diretamente dos colonos. Durante esse período acontecem muitos ajuntamentos. De acordo com a necessidade, às vezes trinta a quarenta colonos se reúnem, entre homens, mulheres e jovens, nas terras de algum deles para roçar a capoeira, plantar mandioca ou para colher o café. Muitas vezes aparecem pessoas que nem foram chamadas, mas ajudam sem pedir pagamento, já que sabem que vão receber uma refeição. Na cozinha as mulheres preparam grandes quantidades de comida: arroz, feijão e farinha de mandioca. Comida holandesa com batatas, só aos domingos. O agricultor que convocou aquelas pessoas sabe que algum dia também vai poder ajudar alguém, ainda que isso não seja uma obrigação. Quando isso acontece, é chamado



As tropas transportam os produtos para o porto Cachoeiro de Santa Leopoldina

de ‘troca dia’. Para capinar, os homens em fila sobem o morro com a foice. Aqueles que não conseguem acompanhar o ritmo e ficam para trás têm que agüentar as provocações dos outros. Durante o trabalho tanto na cozinha como na roça, todos se divertem muito.

Do mesmo jeito era feito na Terra de Cadzand, onde os trabalhadores tomavam um aperitivo feito de trigo e o fazendeiro tomava uma cervejinha do barril. Bram Heule: “*Ze war’n haeren be den oop*’. (Eles gostavam de estar

junto) Eles vinham trabalhar pela diversão e pela comida. Quando o trabalho acabava e principalmente aos sábados, as pessoas dançavam e tomavam ‘n zoete’, (uma cachacinha).”

Abrão Laurett: “*Os holandeses diziam: ‘zoetemento’. Frequentemente tudo acabava em uma grande festa que entrava noite a dentro. Tanto brancos como negros participavam. Na época da colheita do café, era uma semana aqui e a outra ali. Holanda era conhecida pelas festas durante os ajuntamentos em toda a redondeza. Foi o período mais bonito em Holanda. Mais tarde, tudo foi desaparecendo aos poucos. Vinham muitas pessoas de fora de Holanda e cada vez mais negros. Não se podia expulsá-los. Algumas vezes aconteciam brigas e eles logo puxavam uma faca.*”

Na época dos ajuntamentos muitas vezes historinhas de Judas eram lidas. Elas eram pregadas em árvores, cercas, ou passadas por baixo das portas da venda e lá ficavam penduradas. Oficialmente ninguém sabe quem escreveu essas historinhas de Judas. São textos humorados onde pessoas são ridicularizadas. Textos bastante críticos com uma ponta de sarcasmo, que provocam muitas risadas, mas também tensões. O que chama a atenção é que mulheres nunca aparecem nesses textos.

Quando os ajuntamentos diminuem, os holandeses organizam uma noite dançante de quinze em quinze dias. Tenta-se manter isso em segredo, pois se os negros ficam sabendo, vêm todos. Os ‘kootjes’ (maneira com os holandeses se referem aos negros) que moram em Holanda, são bem-vindos, mas os de fora não.

Vendas e ‘vendistas’

No tempo dos pioneiros, as mulheres iam até Cachoeiro ou Barra do Mangará para pegar o dinheiro e a comida prometida pelo governo. Eles levavam café e outros produtos nas costas em cestos até a fazenda na Barra do Mangará, uma viagem de 22 quilômetros, três dias para ir e voltar.

Jacó Silva: *“Um homem sempre acompanhava as mulheres até Barra do Mangaraí ou Santa Leopoldina para buscar as coisas. Era Jas Lauwers. Ele carregava 8 arrobas nas costas; são 120 quilos. Eles compravam o que era necessário, compravam um litro de cachaça e se divertiam muito no caminho de volta. Os homens ficavam trabalhando na roça, mas isso muda quando uma venda é aberta.”*

O brasileiro coronel José Alves de Nascimento vem de fora para morar em Holanda. Ele compra 75 hectares de terras, colônias confiscadas pelo Estado de holandeses que não querem ou não conseguem satisfazer todas as condições e pagar as prestações do governo, ou que simplesmente partiram e abandonaram suas terras. O coronel constrói uma casa e uma venda fazendo uso de trabalho escravo. A venda é aberta em 1876. A partir daquele momento, os homens, e não as mulheres vendem seus produtos para o coronel e fazem suas compras.

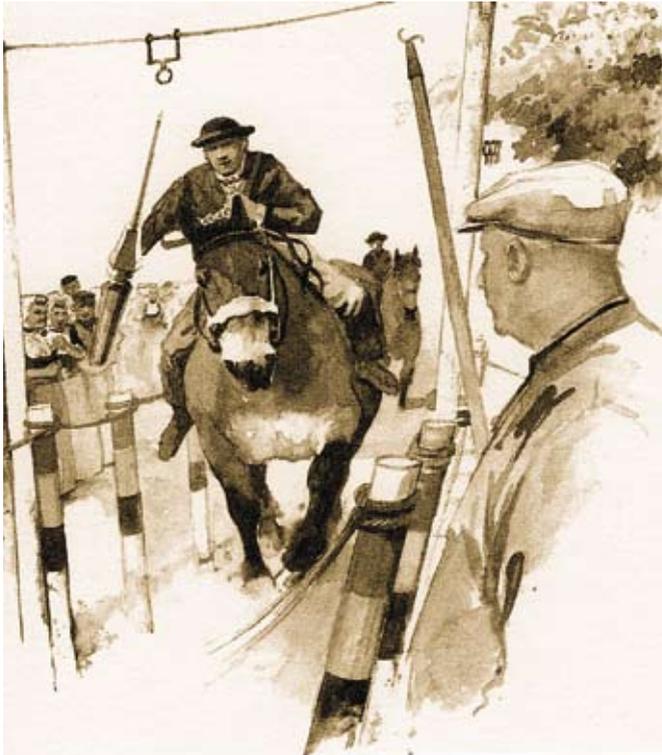
O coronel transporta os produtos com suas ‘tropas’, uma caravana de dez a vinte burros, para o Porto Cachoeiro de Santa Leopoldina ou para a Barra do Mangaraí de onde são levados por canoas pelo rio Santa Maria até Vitória. A venda é muito importante para a comunidade. A longa caminhada não é mais necessária. Os produtos podem ser vendidos diretamente ao ‘vendista’ (dono da venda, vendedor) e as compras necessárias podem ser feitas lá mesmo. Mercadores chegam e compram os produtos diretamente dos colonos e levam estes com burros para o porto na cachoeira de Santa Leopoldina. Os burros voltam carregados de suprimentos que abastecem as vendas.

Nas vendas, dinheiro tem um papel secundário. As formas de pagamento vigentes são feijão, milho, mandioca e café. Estes são trocados por sal, arroz, carne seca, açúcar, sabão, bebidas mais fortes, artigos de casa e equipamentos de trabalho. Devido ao crescimento na produção de café, aparecem cada vez mais pequenas vendas e comerciantes em Holanda e nas redondezas.

Jogos e divertimentos

José Brinde (Jozef Bruintjes) tem uma pequena venda entre 1890 e 1920. Também José França se estabelece na região. Além disso, ele possui uma tropa de 10 burros. Os holandeses gostam de ir para a venda de França, pois lá eles jogam ‘joga bola’, um jogo trazido de Zeeuws-Vlaanderen lá chamado de ‘krulbollen’. O ‘krulbol’ é um disco de madeira no formato de um queijo. Uma pista de 8 a 12 metros é feita e o objetivo é rolar o ‘krulboll’ sobre a pista o mais próximo possível de uma vara colocada ao final da mesma. A venda que Jan Schijve abre também se torna um importante ponto de encontro.

Na venda de Jan Schijve é organizado anualmente ‘ringerieen, ringsteken’, o jogo do anel ou espeta o anel, também trazi-



'Ringerieeen'

do de Zeeland. Esse jogo acaba se transformando num grande acontecimento e atrai muitas pessoas da redondeza. Em Zeeland esse jogo é jogado pelos filhos dos fazendeiros. A crina e a cauda de um cavalo são trançados e enfeitados com flores e fitas. Sentado no cavalo sem arreios, o cavaleiro tem que passar com velocidade embaixo do anel e tentar passar a ponta da sua lança pelo anel e levá-lo consigo. O anel do jogo tem um diâmetro de 38 milímetros. Se mais de um participante consegue pegar o anel, numa próxima etapa tem que se passar a lança por um anel ainda menor de 10 milímetros de diâmetro. O ganhador é jogado três vezes no ar.

Certa ocasião, o jogo sai completamente do controle. Duas mulheres holandesas se envolvem numa tremenda briga. Uma

mulher negra brasileira tenta apartar a briga, mas, ao invés disso, uma enorme batalha começa entre negros e holandeses. A briga é tão violenta que um dos negros, um tal de Rodrigues, é surrado até a morte. Não se sabe exatamente quem foi o culpado. Um Laurret e seu filho são presos. O processo dura dois anos e todo esse tempo os dois ficam presos. Vários holandeses têm que ir a Vitória para depor. Finalmente os dois são liberados por falta de provas. Depois disso, o jogo do anel nunca mais foi organizado. No domingo as pessoas gostam de visitar uns aos outros, também não parentes, negros e brancos. Eles comem juntos, tomam uma 'zoete' (cachacinha) e fazem jogos. ('n Kaortje slaen') Um jogo de cartas muito amado entre eles é o "kruisjassen", geralmente jogado em times de dois. Durante esses jogos muitas piadas são contadas e eles se divertem muito.

Euforia em Santa Leopoldina

A exportação de café de Porto de Cachoeiro cresce muito. O presidente da câmara dos vereadores de Santa Leopoldina faz em 1895 o seguinte esboço da comunidade:

- "Ontem era tudo mata, cheia de bandos de pássaros voando alegremente, insetos zunindo e córregos cristalinos. Longos rugidos de animais predadores ecoavam pelos morros, tudo ainda era intacto. Depois surgiu uma colônia pouco povoada. Em seguida as pessoas



controlaram a natureza e trouxeram a civilização. Hoje é uma cidade com um futuro promissor onde a agitação e riqueza aumentam, amanhã uma cidade respeitável, um grande centro de progresso que cada vez mais se torna completa e pode concorrer com o comércio no Estado.” -

A animação e o alvoroço do porto no antigo centro administrativo da colônia perto da cachoeira é grande. Com freqüência se ouve o ‘buzo’ em Santa Leopoldina. Escravos e trabalhadores livres carregam e descarregam os produtos. De lugares até bem distantes como Santa Tereza, Itaguaçu e Afonso Cláudio chegam a Porto de Cachoeiro tropas de 10 até 12 burros com café das fazendas para depois voltarem carregados de produtos importados para o interior. Durante a colheita de café, os canoieiros transportam para um exportador em Santa Leopoldina 110.000 sacas de café. Isso corresponde a 30 canoas que, durante quatro meses sem interrupção, vão e voltam. Exportadores e importadores fazem bons negócios, principalmente os comerciantes que im-

*Bons negócios em
Santa Leopoldina - 1906*

*Restante de um
escorregador de café*



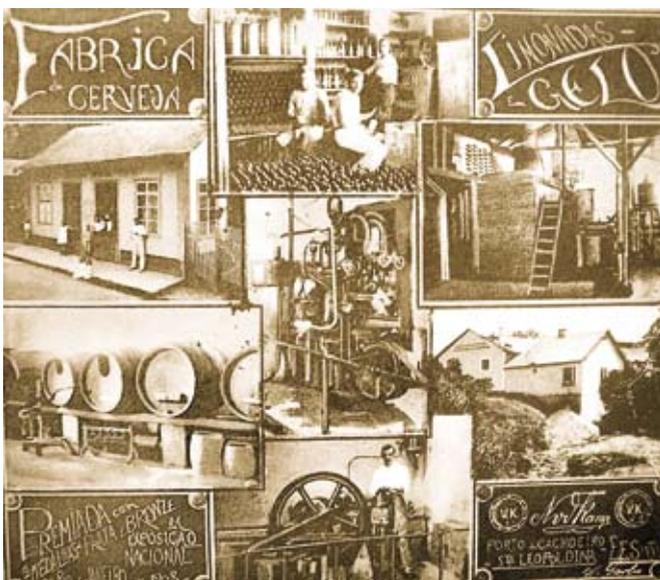
portam as coisas mais bonitas e mais ricas da Europa e da América. Tudo chega da baía de Vitória pelo rio Santa Maria. Devido ao fato de o Brasil ainda não produzir artigos de consumo, estes são importados da Alemanha. Os comerciantes de Santa Leopoldina trocam café por ferragens, utensílios domésticos, tecidos, máquinas de costura, comida, bebida, instrumentos musicais, sanfonas, relógios de parede, relógios de pulso e artigos de luxo. Para os mais ricos, rendas caras, porcelanas finas, brinquedos, perfumes franceses, vinhos e armas. A Alemanha é o principal parceiro de negócios. O comércio cresce, o café é o principal esteio da economia e Santa Leopoldina festeja o bom momento. Nas margens do rio é construída uma espécie de escorregador, por onde os trabalhadores deixam os sacos de café escorregar do cais para as canoas onde são empilhados de maneira profissional. As canoas carregadas podem levar de oito a dez passageiros. Passageiros de primeira classe têm direito a um lugar embaixo da lona para se protegerem contra a chuva e o sol. Quem não pode pagar por esse conforto, mas quer viajar para Vitória, é considerado passageiro de segunda classe e deve se sentar nos sacos de café. Os canoeiros navegam até a Ponta de Pedra na entrada da baía de Vitória. Lá eles esperam até que a maré desça e então deixam que a água os leve. A viagem de 60 quilômetros leva um dia e uma noite. Para o passageiro é mais rápido viajar a cavalo, mas com a canoa é mais confortável.

O holandês v.d.Kamp abre uma fábrica de cerveja em Santa Leopoldina

O holandês Norberto van de Kamp começa em Santa Leopoldina uma fábrica de limonada e cerveja. Ele preparava cerveja de alta fermentação, cervejas mais leves e cerveja escura. A bebida produzida por ele foi muito bem recebida. Infelizmente um

ataque cardíaco o matou e as receitas das cervejas foram enterradas com ele. Seu filho tentou de todas as formas produzi-la novamente, mas sem as receitas de seu pai não conseguiu e a fábrica foi à falência.

Santa Leopoldina se torna cada vez mais próspera. Quando os primeiros telefones aparecem no Rio de Janeiro, Santa Leopoldina não fica para trás. Acontecem muitas festas. O carnaval de Santa Leopoldina é famoso na província e também fora dela. Até mesmo do Rio de Janeiro aparecem todo ano muitas pessoas para dançar ao ritmo de grupos de carnaval como o 'Bra-



sil Acorda' e o 'Rosa do Sertão'. Em vestimentas luxuosas, típicas da região, eles disputam o prêmio em originalidade, cor e ritmos.

Também para o coronel José de Nascimento os negócios vão de vento em popa em Holanda. No final do século 19 ele manda construir uma capela católica em frente a sua casa para expressar sua gratidão.

As empresas mais importantes de Santa Leopoldina se unem e fundam a Companhia Viação Geral para, juntamente com o governo, fazerem a ligação com Vitória. Os primeiros carros chegam a Vitória. Em maio de 1919 a estrada é aberta e inaugurada com muita festa. Pela primeira vez os postes de luz se acendem à noite com a eletricidade. Para a elite é servido um banquete tendo no menu, entre outros, aspargos ao molho holandês. Uma grande festa, mas a abertura da estrada marca o começo do fim do porto de Santa Leopoldina. Os canoieiros e as tropas desaparecem e vão sendo substituídos por caminhões. O porto de Cachoeiro de Santa Leopoldina perde a sua função e sua mais importante fonte de riqueza.

Algumas famílias durante o período do café conseguem administrar bem o seu negócio. É notável que muitos holandeses se tornassem bons agricultores uma vez que poucos eram realmente fazendeiros em Zeland e nenhum deles dominava as culturas brasileiras de café, mandioca e bananas. Algumas famílias podem se permitir uma casa melhor e maior, até mesmo com dois andares. Os mais ricos colocam vidros nas janelas no lugar dos contraventos. O andar de baixo é usado como galpão para os equipamentos e a parte de cima, como moradia. Algumas dessas novas casas são construídas com uma cozinha que serve também para fazer as refeições ou até mesmo uma sala de jantar separada, quartos, quarto de hóspedes e uma cozinha. A grande sala de estar pode também ser usada para noites dançantes.



Sanne Heule com sua neta

Dona Sanne Heule conta: *“Em 1911, eu tinha então nove anos, ainda havia muito café em Holanda. Abraham Laurett, que era casado com Elizabeth Boone, tinha na época duas colônias com café. Era tanto café que ele e sua família jamais conseguiriam dar conta sozinhos do trabalho e por isso ele terceirizava muito trabalho, especialmente para os holandeses. Depois de colhido, o café tem de ser*

lavado num tanque. Terra, poeira e outras partículas afundam e o café fica boiando. Em seguida, o café tem que secar no terreiro. Algumas pessoas têm um carrinho para o café. É um carro baixo com rodas. Eles colocam o café sobre o carro. Durante o dia o carrinho fica do lado de fora e a noite é empurrado para baixo das casas construídas em estacas. Assim o café não molha a noite. Sem o carrinho, o café tem que ser recolhido ao anoitecer. Quando está seco, o café tem que ser descascado e vai para o monjolo ou pilão. Alguns têm até três monjolos em uma roda d'água. O produto desse processo ainda está cheio de café e restos de casca do café. Esses vão para um moinho para separar os resíduos do café. Quando o comprador do café possui a máquina, ele compra o café com casca.”

Contato com a Holanda

Durante dez anos, entre 1921 e 1931, há um contato indireto com a Holanda. Pela correspondência parece que a Associação Holandesa Gustaaf Adolf manda anualmente uma quantia de 50 a 175 florins para apoiar a ‘Holandiakapelgemeente’, comunidade de capela holandesa. Em 1920, pastor Petersen, nascido no leste de Friesland e que também falava um pouco de holandês, relata: “A pequena colônia holandesa situada em Santa Leopoldina, Brasil, constituída de mais ou menos 25 famílias, é pobre. Sua principal atividade econômica é a agricultura e tem assim um modo de vida indigno, já que as terras não são férteis. Para a reforma da pequena capela, pedimos uma contribuição. Nossa comunidade Holanda é ainda bem holandesa e nas casas ainda se fala o idioma materno.”

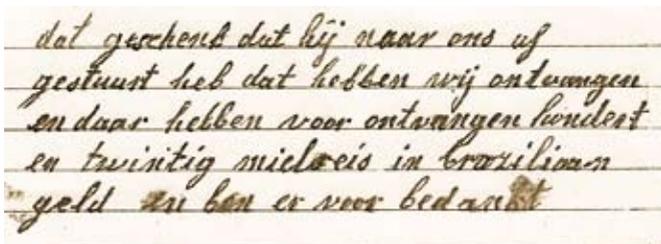
E, no dia 16 de maio de 1920, Willi Siegfried escreve uma carta de agradecimento em nome dos pastores luteranos para a Associação Holandesa Gustaaf Adolf:

Estimada Associação!

Aquele presente que nos enviaram, nós recebemos e conseguimos por ele cento e vinte mil reis em dinheiro brasileiro e por isso agradecemos aos senhores. Ao lado algumas linhas de agradecimento da nossa Comunidade de capela holandesa.

O dinheiro tão gentilmente enviado foi usado pela diretoria para apoio da igreja aos membros mais pobres. Em nome da comunidade principal eu agradeço sinceramente a simpática ajuda dada para a nossa capela Holanda.

Algumas linhas de agradecimento na língua holandesa



dat gesehend dat hij naar ons af gestuurd heb dat hebben wij ontvangen en daar hebben voor ontvangen hondert en twintig mieldreis in braziliaans geld en ben er voor bedankt

Subscrovo-me atenciosamente Willi Siegfried, em substituição ao pastor.

O contato acontece anualmente através de cartas entre os pastores e a Associação Gustaaf Adolf com pedidos de apoio, confirmação de recebimento e agradecimentos pelo dinheiro enviado e

também passando os recibos desse dinheiro. Segundo essas cartas, o dinheiro é empregado em apoio às viúvas e aos pobres honestos da igreja mãe de Santa Leopoldina I. Em 1922 Willi Sigfried sugere que dos 150.000 mil réis recebidos, seja dada uma única gratificação de 50.000 mil réis ao educador que preparou as crianças e os confirmandos e que não tinha uma boa condição de vida.

Em 1926, pastor Wisznat pede uma quantia um pouco maior para a aquisição de uma pia batismal e uma Vasa Sacra (Baixela da Ceia do Senhor) de prata. Eles também querem construir uma nova capela, pois a antiga de 1903 está ficando pequena. A comunidade tem 180 almas. *“As influências estrangeiras”*, assim escreve pastor Wisznat, *“se fazem sentir também no terreno espiritual”*, se referindo aos negros brasileiros que foram morar em Holanda e ao aumento da influência católica.

Uma nova capela

A pedra fundamental para a nova capela foi colocada no dia 9 de dezembro de 1927. Um ano depois a nova capela já é um fato.

Em uma carta do pastor Wisznat lemos:

“Alguns dias atrás recebi uma carta registrada com 175 florins para Holanda. Em minha querida capela da comunidade Holanda havia agradecimentos sinceros a Associação Gustaaf Adolf por todos os generosos presentes. Em Holanda as coisas caminham como devem. A capela de Holanda ficou pronta no ano passado. No dia 9 de dezembro do ano passado de 1929 eu pude inaugurar a capela. As pessoas fizeram tudo o que puderam, fizeram todo o trabalho sozinhos. Assim que acharmos um fotógrafo, iremos fotografar a nossa nova capela. Então mandarei uma foto também para sua Associação. Holanda possui hoje em dia 31 membros com direito a voto. São 31 famílias. Na comunidade de Santa Leopoldina também moram bastante descendentes de holandeses.

(A foto da capela não foi encontrada no arquivo da Associação Gustaaf Adolf)

A inauguração de 9 de dezembro de 1929 é comemorada até hoje com a Santa Ceia e a Baixela da Ceia adquirida na época. Depois da chegada dos pioneiros em 1859, esse é um ponto alto da história dos capixabas holandeses e da construção da comunidade de Holanda. A nova capela foi construída sem cruz nem altar e no meio o púlpito com uma bíblia aberta. Na liderança da comunidade Holanda está um conselho da igreja que é formado pelos membros mais abastados que passam suas idéias sobre crenças e sobre a vida aos menos privilegiados. Na Terra de Cadzand não era muito diferente. Lá também os fazendeiros mais ricos é que mandavam. Não somente na sociedade, mas também na igreja. Os pastores alemães mantêm o contato com a Associação Gustaf Adolf. Somente uma carta com quatro linhas foi escrita por um holandês anônimo e anexada à carta do pastor. Uma vez



*A capela da
'Hollandia-kapel-gemeente'
- 1977*

*Um livro, achado no baú de
Jacob Jansen*



por mês o pastor Wisznat faz um culto na capela da comunidade Holanda. A liturgia, pregação e os hinos, tudo na língua alemã. Os salmos dos calvinistas holandeses desapareceram. Frequentemente os holandeses entram em conflito com o pastor e entre eles mesmos. A autoridade e a liderança de um pastor holandês fazem falta.

O casamento entre Frans Smoor (Simora) e a filha de um ex-escravo, Maria Rosa Vicente, é rejeitado. Mas este, durante o

período do café adquire aproximadamente 100 hectares de terras e enriquece. E assim, mesmo tendo se casado com uma mulher negra torna-se uma exceção. Um casamento inter-racial implica na partida de Holanda, mas pela sua condição social ele continua na comunidade, porém excluído de todas as atividades de que tanto gostava e de que participava quando jovem. Ele não resiste, se entrega à bebida e se suicida.

No país Holanda a associação Gustaaf Adolf escreve que algo mais tem que ser feito para evitar que essa 'notável colônia' se acabe. Eles também 'gostariam muito de conhecer sua história. Quais holandeses a fundaram e de onde eles vêm'.

Numa revista chamada Neerlandia, uma publicação dedicada à língua e cultura holandesas e editada pela Algemeen Nederlands Verbond, ANV (Associação Geral Holandesa), existem alguns artigos sobre os holandeses em Santa Leopoldina nos anos de 1927, 1928 e 1929. Eles foram escritos por um membro da administração da Associação Holandesa Gustaaf Adolf, senhor L. Knappert, um professor eclesiástico universitário em Leiden.

Em 1929 L. Knappert comunicou que livros, ilustrações e enfeites de parede poderiam levar muita alegria para a colônia. A comissão de livros da Associação Geral, juntamente com a administração, pediria que o departamento de Zeeuws-Vlaanderen providenciasse bastante material de leitura.

A Algemeen Nederlands Verbond também chama a atenção do ministro das Relações Exteriores para a colônia holandesa

no Brasil. No número de março de 1929 da revista *Neerlandia*, Dr L. Knappert escreve: Sua Excelência o ministro das Relações Exteriores, Jhr mr. F. Beelaerts van Blokland, teve a gentileza de, com a mediação do embaixador no Rio de Janeiro, obter melhores informações a respeito.

O embaixador contacta pastor Wisznat em Luxemburgo. Pastor Wisznat responde:

“A comunidade Holanda tem 34 famílias e outros que estão espalhados pelo Espírito Santo por causa da terra desgastada o que faz com que sempre de novo as pessoas tenham que procurar novas terras para cultivar. Não há mais muita mata virgem e por causa da peste do gado a criação também sofreu muito. As pessoas ainda se sentem holandeses e eles ficariam muito felizes se pelo menos mais uma vez pudessem ter um representante do país de origem entre eles.”

Senhor Knappert agradece ao ministro das Relações Exteriores e recomenda que essa questão nacional faça parte de seus interesses no futuro. Ele anota no revista da ANV:

“O melhor seria a visita de um holandês interessado. Pastor Wisznat com certeza gostaria de ser o mediador.”

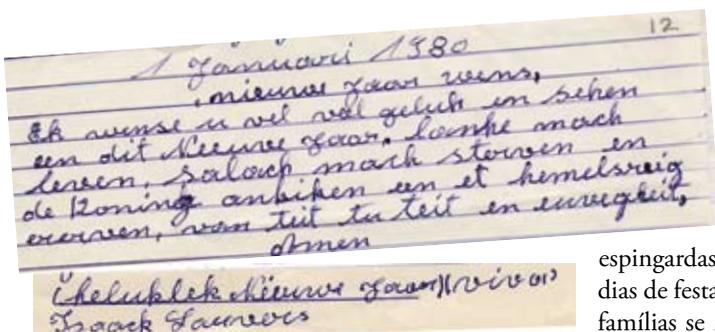
Depois da carta dos Zeeuwen do vale do Mucuri em 1859, 70 anos mais tarde, esta é a segunda vez que é chamada a atenção do consulado holandês no Rio de Janeiro para os emigrantes de Zeeland.

As orações para receberem um pastor ou visita da Holanda não foram atendidos.

Antônio Laurett de Jequitibá: *“Nós moramos e trabalhamos aqui há anos. Sempre vimos pastores alemães chegando, mas nunca um holandês. Eles nos esqueceram.”*

As pessoas continuam tendo que contar com pastores alemães que eles não conseguem entender direito. Cabisbaixos eles se sentam na nova capela e deixam que as palavras em alemão da liturgia e da prédica entrem por um ouvido e saiam pelo outro. Os pastores exigem que os membros da comunidade registrem a igreja na paróquia Santa Leopoldina I. Mas os holandeses, de acordo com os bons costumes calvinistas, querem ficar independentes e não se entregar com a sua nova capela aos luteranos. O pastor exige registrar a igreja e formula um contrato para o conselho da igreja assinar. O contrato é em alemão e os holandeses o levam até um escrivão em Santa Leopoldina para ser traduzido. Este lhes diz que se assinarem o contrato, perderão a capela para a igreja luterana. Quando o pastor pergunta no próximo culto em Holanda: “Vocês leram o contrato?”, as pessoas respondem: “Sim”. “E vocês o assinaram?”, pergunta o pastor. “Não”, é a resposta. Eles registraram a capela no dia da reforma, 31 de outubro de 1931, em nome da Associação Evangélica de Holanda no cartório de Álvaro Costa do Nascimento em Santa Leopoldina.

O que chama a atenção é que a partir daquele momento não existe mais nenhuma correspondência ou qualquer tipo de apoio no arquivo da Associação Holandesa Gustaaf Adolf. O contato começa no período em que, por causa do casamento, pomeranos luteranos foram morar em Holanda e termina com a recusa de registrar a comunidade holandesa na paróquia Santa Leopoldina I. O contato era limitado entre os pastores alemães e a elite no país Holanda. Não há provas de que os holandeses fizeram um contato por conta própria com a Holanda, nem com a embaixada holandesa no Rio de Janeiro, que pediu esclarecimentos.



“Nieuwjaarswens”, Isaack Louwers. Oração do Ano Novo

Oração de Ano Novo

A maior festa é a de Ano Novo. Durante seis dias, a partir do ano velho até o dia dos Três Reis, Holanda está em festa. Começa no dia 31 de dezembro à noite com fogos de artifício, dinamite e tiros para o ar com

espingardas de caça, tiros que dão início aos cinco dias de festa. Entre o ano novo e o dia dos Três Reis famílias se reúnem há gerações para as orações de ano novo. Esse costume exige o conhecimento do

dialeto de Zeeland. Com isso, os holandeses conseguem manter esse costume só para eles e deixar os ‘intrusos’ de fora. Quando há festa em Holanda, as pessoas se ajuntam como formigas num formigueiro.

Quando se chega à casa de uma família, a seguinte oração é recitada:

“Ik wens je vee zegen
in 't nieuwe jaor,
in vee gezonde daogen!
Dà je lank mag leven
in zaolig mag sterven;
het konekrijk in d'n emel mag èrven!”

“Eu desejo a você muitas bênçãos
no novo ano,
e dias com muita saúde!
Que você possa viver muito
e morrer contente;
e que o reino dos céus possa herdar!”

Os jovens andam em pequenos grupos e ganham algumas moedas depois de recitarem a canção. Os adultos vão visitar os outros e bebem. Depois da primeira visita, as duas famílias continuam juntas até a próxima casa. À noitinha, chegando à casa da última família do dia, aparece o acordeão e as pessoas dançam até que os primeiros raios de sol façam-nas ficarem sóbrias de novo. As pessoas bebem muito em Holanda. A bebida, ‘zoete’, que eles mesmos fabricam talvez seja menos forte.

No Natal e Ano Novo também é feita uma brincadeira tipo cobra-cega bem sinistra e cruel: um galo é pendurado de cabeça

para baixo dentro de um ‘tipiti’, cesto cilíndrico de palha no qual se põe a mandioca que se vai espremer. O bicho fica pendurado com a cabeça para fora. Coloca-se uma venda em alguém e ele/ela tem que decapitar o galo com um cutelo de açougueiro. Um espetáculo muito sangrento, já que não se consegue acertar em cheio na primeira vez.

Na noite dos Três Reis, de cinco para seis de janeiro, famílias católicas, ‘os de baixo’, do vale onde a capela católica do coronel foi construída, vêm para cima fazer visitas. Eles também vão de porta em porta cantando uma canção:

Entramos, entramos na sala de alumeia,

Louvamos, louvamos os dias da candeia.

Novamente o acordeão aparece, a bebida vai passando e a dança recomeça. Essas visitinhas são repetidas no dia 18 de janeiro, dia de São Sebastião, festa para os católicos e no dia 2 de fevereiro, dia da festa das candeias, Maria candelária.

Nas casas de barro em Holanda existe pouca privacidade. As pessoas têm relações sexuais em lugares tranqüilos, no celeiro, em barracos abandonados, entre os pés de café e no milharal. Acontece também muito fora do casamento. As conversas surgem e todos sabem quem faz com quem.

Assim também era na Terra de Cadzand, onde os jovens transavam (dizia-se *totelokk’n* ou *duvebekk’n*) entre as dunas ou atrás dos diques. Quando um rapaz mantinha relações sexuais com uma moça de outro lugarejo, “*vree tie ni bi de deure*” (transava não na porta) e poderia até ser “*affhetuurgd*”, espancado pelos rapazes daquele vilarejo. Uma moça que não casava, era chamada de “*ouwe vriejst’r*” solteirona e rapazes eram chamados de “*joenge joeng’n*”, solteirões.

Manter relações e se casar com um primo ou prima em geral não é bem visto pelos holandeses. Mesmo assim muitas famílias são aparentadas entre si.

Os holandeses se casam entre eles no início, fato que traz menos dificuldades e mantém as terras na família. Mas a comunidade Holanda é pequena. A segunda geração de jovens se casa com filhos de imigrantes alemães e pomeranos.

Muitos escravos vão sendo libertos depois da abolição em 1888 e cada vez mais casamentos acontecem entre holandeses e negros.

A viúva Suzanne van Hee encoraja sua filha a casar com um escravo liberto que possuía terras. Um casamento inter-racial desse tipo não é facilmente aceito por todos. Os pais muitas vezes são contra. A tensão aumenta quando jovens saem para ter relações com um parceiro católico ou, pior ainda, com um negro.

Sanne Heule: *“No início quando os holandeses tinham acabado de chegar, eles não queriam que os jovens se casassem com pessoas de outras comunidades devido aos costumes e a religião diferentes. Porém, alguns não seguiram essa regra. Marie Laurett não deu ouvidos a*

seu pai e fugiu para se casar. Mais tarde ela acabou voltando para Holanda. Na época a mãe dela acalmou os ânimos de todos. Meu pai e minha mãe também eram contra esse tipo de casamento. Eles diziam: Os negros também são gente, mas de outra espécie. Cada qual tem que casar com seu igual. Nas festas de casamento somente os “kootjes”, aqueles que eles conheciam e que participavam dos ajuntamentos eram convidados. Comia-se panquecas nessas ocasiões. Os alemães também não apareciam muito em festas holandesas, pois eles tinham suas próprias festas. Os alemães também sempre se acharam um pouco melhores que os holandeses e eram uns cabeças duras.”

A venda, o centro econômico

José de Nascimento duplicou as suas terras para 150 hectares com os lucros da venda e se tornou o fazendeiro mais poderoso de Holanda. Mandou construir uma capela católica em frente a sua casa em 1893 que recebeu o nome do convento em Vila Velha, Nossa Senhora da Penha. A venda do coronel dominou a Comunidade Holanda durante 100 anos, passando por vários donos nesse período. José de Nascimento faleceu em 1914. A viúva Anna Ribeiro Nascimento e dois filhos venderam as terras e a venda em 1923 para J. E. Krieger. João Eduardo Krieger vem morar em Holanda com a sua família.

Ele é neto de Pieter Krieger e Elisabeth Schijve que, em 1860, partiram de Groede em Zeeland. Pieter Krieger se estabeleceu por um tempo em Gallo, fora da comunidade de Holanda e morava entre colonos de Alemanha e Pomerânia. O nome Krijger se modifica para Krüger. Os holandeses, no entanto, continuam falando e às vezes até escrevendo Krieger. João Eduardo Krieger também lucra com a venda e consegue aumentar sua propriedade de 150 hectares para 240 em 1944. Possui uma tropa de aproximadamente 30 burros e cultiva principalmente cana de açúcar. A partir de 1940 ele tem clientes de todas as camadas da população:

pequenos donos de venda, pequenos proprietários de terras, meeiros, diaristas e trabalhadores contratados. Devido ao grande movimento, sua venda se torna o centro econômico de Holanda. Muitos holandeses o vêem como o pai da comunidade.

Krieger começou a trabalhar com meeiros (pessoas que trabalham nas terras de outro). O dono das terras fornece sementes, adubo e pesticidas. O meeiro planta, limpa e colhe e, na maioria das vezes, metade da

A venda em Holanda - 1979



colheita pertence ao meeiro e sua família. Em geral, as pessoas preferem trabalhar como meeiros a trabalhar como diaristas. O meeiro se sente um pouco seu próprio chefe.

No governo de Getúlio Vargas é criada uma lei em 1930, que proíbe que o dono das terras possa expulsar, sem motivo uma família que trabalhe como meeiros. A lei regulamenta que uma família que mora e trabalha em um pedaço de terra durante cinco anos, tem o direito de legalizar aquela terra como sua propriedade. Na prática isso acontece pouco, uma vez que os donos das terras arranjam uma maneira de o meeiro sair da propriedade antes desse prazo.

Atrás do morro moram as famílias Soares e Simoras (Smoor). Os Simoras são descendentes do emigrante de Zeeland Jozias Smoor e Maria Zonville. Frans Smoor que se casou com Maria Rosa Vicente, filha de um ex-escravo, era neto de Jozias. Eles tiveram onze filhos, dos quais sete eram homens. Como já foi descrito anteriormente, ele chega ao fim de uma maneira muito triste.

A viúva Maria Rosa Vicente continua morando com os filhos nas terras de seu pai. A produção não vai nada bem. As terras ficam desgastadas, as colheitas são cada vez mais pobres e a bebida diminui cada vez mais suas posses, apressando a decadência. Forçados pela miséria, quatro dos sete filhos procuram trabalho como diaristas ou meeiros em outros lugares. Somente Emile, Francisco e Pedro continuam morando em Holanda.

Emile se casa com uma brasileira, Cecile Soares, e herda 40 hectares. Francisco se casa com uma holandesa, Cecile Jansen, e Pedro continua solteiro. Francisco e Pedro possuem juntos 60 hectares de terra. Mas o álcool acaba sendo também a sua ruína. Quando Francisco e Pedro não conseguem mais saldar suas dívidas, Jacó Reinholz consegue de maneira esperta se apossar de suas terras por volta de 1965. Desde então, eles têm que trabalhar como diaristas para Jacó Reinholz nas terras que foram da família. Emile consegue manter sua propriedade. Ele tem oito filhos que recebem o sobrenome da mãe, Soares. Quatro deles se estabelecem na colônia do pai. A terra é muito improdutiva e também os Soares têm que aumentar sua renda trabalhando como diaristas a partir de 1940.

Um dos quatro filhos de Frans Smoor e Maria Rosa Vicente forçado a deixar Holanda foi Antônio. Ele se casa duas vezes. Sua primeira mulher, Regina Boone, morre em trabalho de parto. Do seu segundo casamento com Alivia Gomes nascem 15 filhos, dos quais sete morrem com o passar do tempo. Dos filhos que restaram, dois retornaram a Comunidade Holanda por causa do casamento: Altamiro e Christine Simora. Altamiro se casa com Christine Laurett e Christine Simora com João Jansen. Os quatro não possuem terras e sobrevivem como diaristas ou meeiros. Quando João Jansen morre e Christine Simora se torna viúva,

ela passa a viver de favores dos outros. Christine Laurett compra mais tarde um pedaço de terra de 6 hectares com dinheiro herdado. A família Simora-Soares não recebe boa orientação e nem liderança. Apoio de fora não existe e eles acabam vítimas de compradores interessados em terras. Muitas vezes acontecem brigas, mas não são rancorosas. Afinal, no dia-a-dia, todos precisam uns dos outros.

O número de famílias holandês-brasileiras cresce. Depois de 40 anos, em 1900 apenas 7,8% eram mistas. Em 1940, 20,8% e em 1980 esse número cresceu para quase metade, 48,7%.

A crise do café

Enquanto a comunidade de Holanda se desenvolve e prospera com a venda dos Kriegers, a nova capela e a escola, acontece a crise do café. No apogeu da exportação brasileira de café, com mais de 26 milhões de sacas sendo exportadas, as bolsas americanas colapsam na quinta-feira, 24 de outubro de 1929. As ações despencam e bancos declaram falência. A crise tem como consequência o caos econômico e social também no Brasil. Em 1930 Getúlio Vargas chega ao poder.

Os barões do café de São Paulo e do Rio de Janeiro que, juntamente com os fazendeiros de Minas Gerais formaram o governo durante décadas, têm que dar um passo atrás. Eles são chamados pelo povo como o governo do “café com leite”: café dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro e leite de Minas Gerais. Getúlio Vargas resolve comprar todo o café para evitar uma crise ainda maior no país e pára toda a produção de café imediatamente. O armazenamento é muito caro e decidem então queimar todo o café comprado. Entre 1931 e 1944, 78 milhões de sacas de café, suficientes para o consumo mundial durante três anos, são queimadas.

Antônio Laurett de Jequitibá conta: *“Deve ter sido por volta de 1929. O preço de uma saca de café com 30 quilos era dez mil réis. Certo dia, na venda, comentavam que o preço do café havia subido de repente para 50 mil réis. Você pode imaginar o que aconteceu. Todos estavam eufóricos! Os idosos em Holanda festejaram o fato até tarde da noite. Alguém até tirou uma nota de 50 do bolso e colocou fogo! Outro fez uma fogueira com uma saca de café na qual as pessoas imprudentemente jogavam dinheiro. Mas, tudo não passou de fofoca. O preço do café havia despencado. Pouco antes da crise do café, uma peste do gado havia se espalhado, o que fez com que a maior parte do gado desaparecesse de Holanda. Os fazendeiros só mantinham pequenas quantidades de animais.”*

As plantações de café foram incendiadas e limpas. O solo está desgastado. O período do café em Holanda acaba e passa para o período da mandioca.

11. Indo para novas terras

Muitos filhos e netos dos pioneiros de Zeeland fogem novamente à procura de solos férteis nos arredores de Holanda e começam tudo de novo: limpar um pedaço de terra, construir uma cabana e preparar a terra para o cultivo. Foram para Pau Amarelo, quatro horas de caminhada de Holanda, ou para Jequitibá, um dia de caminhada e para mais longe na ‘mata fria’ de São João de Garrafão, dois dias de caminhada. O diretor da colônia havia decidido que para os holandeses não havia mais terras, mas, cultivar terras obsoletas, morar nelas e produzir davam direito de propriedade. As famílias Schijve e Boone já haviam partido de Holanda em 1916 e se estabeleceram em Pau Amarelo.

Maria Boone conta: *“Meu avô e minha mãe, Pedro Boone e Maria Silva, moravam em Holanda. Quando meus avós vieram morar aqui, eles só tinham crianças pequenas, a mais nova tinha 2 meses de vida. Eles compraram um pedaço de terra, fizeram uma cabana coberta com folhas de palmeira para passar a noite. De um lençol fizeram uma rede e dormiram pendurados como os índios por causa dos animais. Eles se afastaram do grupo em Holanda e recomeçaram aqui como se fossem índios. Tudo ainda era mata virgem.”*



Maria Boone, Pau Amarelo

O avô de Antônio Laurett se muda de Holanda para Jequitibá em 1909. O solo em Jequitibá é muito melhor, mas esse não é o principal motivo para a mudança.

Anton Lauret, nascido em 1916: *“Ainda me lembro muito bem de tudo! A filha mais velha dele, Joana, se envolveu com um brasileiro. Não eram pessoas más e eles nem eram tão negros assim, eram um pouco mais claros. Mas meu avô ficou extremamente incomodado com isso. Ele estava tão furioso com a situação que trocou sua colônia em Holanda pela de Han Boone em Jequitibá. Em Holanda meu avô aprendeu a falar português e, o alemão, com os pastores da Alemanha. Em Jequitibá ele foi parar no meio dos pomeranos e aprendeu também a língua deles. Quando eu tinha quatro anos, aprendi junto com meu irmão Emílio a falar português com um negro que tinha sido escravo e trabalhava e morava na fazenda do meu pai. Em casa falávamos pomerano com a minha mãe e holandês com meu pai.”*

Antônio Laurett com filhos e netos, Jequitibá



A dois dias de caminhada de Holanda, nas montanhas a 1000 metros de altura, fica São João do Garrafão. Bastante isolada, fica a 160 km de Vitória e só é possível chegar até lá por estradas de chão muito ruins, intransitáveis quando chove.



Madalena Boone e esposo Piotto, Garrafão

Senhora Madalena Boone-Pioto conta: “Meu avô e minha avó moraram primeiro em Holanda. Depois se mudaram para Jequitibá. Eu nasci lá e só mais tarde é que viemos morar em Garrafão. Aqui na ‘mata fria’ ainda havia muita terra sem registro que podia ser comprada. Meu avô, Isaac Boone, foi o primeiro holandês a vir para cá com a sua família em 1914. Depois vieram os Lauwers, os Laurett e os pomeranos. Na região moravam índios. Eu ainda achei panelas de cerâmica indígena aqui. Eles começaram do zero novamente como já tinham feito em Holanda. Derrubar a mata, fazer queimadas, limpar e organizar ajuntamentos. Todo mundo ajudava na lavoura. As mulheres com a enxada, os homens com a foice e a noite era hora de dançar. Os holandeses gostavam de contar piadas. Um dia, eles levaram uma roda d’água enorme de um moinho de mandioca e a arrastaram morro acima. Embaixo as pessoas dançavam e bebiam cachaça alegremente. De repente eles deixaram a roda rolar morro abaixo para o meio do povo meio bêbado. Sóbrios, eles vão aos poucos voltando para casa.”

Leonora Boone conta com orgulho sobre a sua bisavó, a primeira parteira de Garrafão:

Ela cavalgava até as cabanas mais distantes onde uma criança iria nascer. Ela era uma mulher forte, uma ótima parteira e trabalhava de graça. Ela encontrou muito sofrimento e em situações desesperadoras, quando as pessoas queriam acabar com a própria vida por causa do desespero, ela sempre dizia: Nós temos que continuar vivendo apesar dos nossos problemas. Ela chegou aos 77 anos.

Desde o início os holandeses assumem a liderança na construção da comunidade em Garrafão. Eles já tinham aprendido o português anteriormente em Holanda e Jequitibá, assumiam tarefas pastorais e ajudaram a construir a primeira capela e torre de sinos. A exploração da mata também fez suas vítimas. Famílias inteiras foram vitimadas pela febre amarela.

Abraham Smoor tinha 18 anos quando partiu de Zeeland em 1860 com sua mãe, a viúva Zonneville-Smoor (Simoura) e mais seis irmãos e irmãs. Abraham casou-se com Elizabeth Badke e partiu com a sua esposa em busca de novas terras. Partindo de Santo Antônio do Canaã ele e a família subiram margeando o vale do rio Santa Maria. Ao chegaram no extremo leste da planície de Várzea Alegre, encontraram um menino negro que os recebeu e orientou. O menino descendia de uma etnia dos negros bantos. Hermógenes guiou os Smoor, continuando em sentido oposto ao curso de Santa Maria até encontrarem a foz do Várzea Alegre, bem onde o Santa Maria faz uma curva de noventa graus. Daí seguiram subindo na margem do afluente, ainda em direção oeste e dois quilômetros depois de onde o afluente desaguava fixou o local da futura residência.

Elisabet Badke, a viúva de Abraham Smoor contava: *“No dia da chegada fizeram um barraco de varões, coberto com folhas de palmeiras. Porém, caiu a noite e ficou faltando a porta. Isto resultou na morte da cachorra que os acompanhava para ampliar a segurança. Na primeira noite a corajosa cadela foi devorada por uma onça.”* Abrahão Simoura assumiu posse de terras em Alto Santa Maria (Várzea Alegre), iniciando lá sua vida de colono.

Entre 1910 e 1928, os holandeses juntamente com os pomeranos capixabas migraram para as ‘terras quentes’, lugares mais baixos e quentes como Laranja da Terra, Lagoa Serra Pelada, Criciúma, São Bento, Santa Joana e Baixo Guandu. Em 1928 é aberta a ponte sobre o Rio Doce que divide o Espírito Santo em dois. De Santa Joana existe agora uma ligação direta com o norte.

Bram, Eduardo e Izaak Boone se mudaram, via Garrafão e Santa Joana, atravessando o Rio Doce para Panorama.

Anos mais tarde diz Izaak Boone: *“Nossa Senhora, como estou feliz que vocês vieram.”*

Sua esposa traz um livro: *“Meu pai sempre me falou: esse livro você tem que guardar muito bem, pois alguma hora holandeses vão aparecer por aqui e você vai ter que saber falar holandês.”*

Bram Boone e Alie Valkenier moram com mais dez famílias holandesas em Panorama.

Bram Boone: *“Você tem que ter muita coragem para encarar essas terras. Nada você recebe de presente. Ouvimos falar que em Panorama era possível comprar terras. Viemos dar um olhada. São bem 18 a 20 horas de caminhada! A terra era boa e cada um comprou 50 hectares do governo e começamos a trabalhar. Nossos pais já haviam deixado Holanda antes e nós começamos, assim como os primeiros imigrantes, do zero enfrentando e derrubando a mata. Frequentemente caminhávamos 20 horas de volta para casa para ver mulher e filhos. Depois da primeira colheita, eles se juntaram a nós.”*

Eduardo Boone tira do armário algumas coisas enroladas num cachecol e mostra: *“Você sabe o que é isso?”*, ele pergunta. *“Postekop”* ele fala. É um prato antigo que em Zee-land é chamado de ‘*oofflakte*’ na língua holandesa: *“zure zult”*. Os Estados Unidos entram no assunto. A história é

A família Boone, Panorama





Arnaldo Lienhaus, Praça Rica

que os primeiros emigrantes de Zeeland pensavam estar indo para os Estados Unidos, mas foram parar no Brasil.

Ale Boone-Valkenier:

“Meu avô queria sair de Holanda e ir para os Estados Unidos, mas a minha avó não tinha mais coragem de atravessar o oceano. Então, ele deixou minha avó e minha mãe para trás e partiu assim mesmo.”

Nos Estados Unidos ele começou uma fábrica de ferros de passar roupa, segundo uma antiga carta.

Mais ao norte, em Praça Rica na comunidade de Córrego da Peneira mora Arnaldo Leenhouts com sua esposa Jordalina Batista. Em sua certidão de casamento, seu nome acabou ‘germanizado’ para Linhaus. Arnaldo conta uma história que é bem conhecida entre os holandeses capixabas e que causou muita comoção:

“Meu avô contava uma história com lágrimas nos olhos e da qual me lembro até hoje. Ele contava sobre a viagem de navio que seus pais haviam feito. No veleiro uma criancinha ficou doente e morreu. Eles então enrolaram o corpinho da criança em uma vela, colocaram pedras de carvão como peso e jogaram no mar. Mas, o corpo não afundou pois tinham colocado pouco peso extra. Quase não havia vento e o navio estava praticamente imóvel fazendo com que o corpo ainda ficasse boiando por ali durante dias. Foi muito triste e as pessoas sofriram muito em ter que ficar vendo aquilo.”

A criança em questão era a filha de 3 anos da família Leenhouts-Mobelus, que partiu de Schoondijke em 1861.

Descendentes das famílias Lauret, Lauwers e Smoor são encontradas por quase toda parte. Em Vila Pavão, no norte do Espírito Santo, Ivan Lauer é prefeito. Seu avô veio da ‘terra fria’ para o norte porque não havia terra suficiente e o café não crescia bem. Eliza Lauwers (77) também mora em Vila Pavão. Ela fica muito contente e emocionada de poder falar holandês novamente:

“Meu pai é Josias Lauwers e minha mãe é Petronella Boone. Eles tinham nove filhos. Antigamente nós falávamos holandês em casa. Era sempre muito agradável morar com famílias holandesas na mesma região e nos encontrarmos com frequência para conversar. Pena que meus netos não aprendem mais o holandês. Nossos antepassados tinham muita coragem. Eles nunca mais tiveram contato com famílias em Zeeland.”

12. O período da mandioca

A vida dos trabalhadores rurais entre os morros do Espírito Santo é levada no ritmo do sol e da lua, pelos períodos de seca e de chuvas, plantar e colher, de casa para a roça e da roça para casa. Depois de um café da manhã com uma xícara de café e um pedaço de pão de milho as famílias vão para a roça com a enxada, o chapéu e o cachorro. Trabalhadores rurais desempregados vão para a venda, onde o ‘vendista’ já toma seu lugar atrás do balcão, em busca de trabalho.

Laura Mansk-Laurett conta: *“É assim todos os dias. Ainda está escuro quando levanto e acendo a lamparina até que fique claro. Eu reacendo o fogo no fogão e faço o café. Ligo o rádio, coloco pão e biscoitos na mesa. Depois do café e um pedaço de pão vamos para a roça. A família inteira ajuda no trabalho. As crianças recebem tarefas apropriadas para elas. O bebê vai junto em uma caixa e é colocado sob a sombra de uma árvore. Muitas vezes nós trabalhamos até que o sol desapareça por trás dos montes. As mulheres, moças e crianças vão para casa e levam a lenha para o fogão. Em casa nós cuidamos da criação de animais, as galinhas e os porcos, às vezes também as cabras. Então já está escuro novamente e acendo a lamparina novamente. É assim todos os dias. ‘Nossa vida é de casa para roça’.”*

No solo já bastante desgastado a mandioca ainda consegue crescer. Muito trabalho com poucos ganhos. Depois de plantar a mandioca tem que se roçar a plantação seis vezes num período de dois anos, tempo que a mandioca leva para crescer. Depois tem que se arrancar as raízes e transformá-las em farinha. A partir de 1950 chegam os primeiros moinhos movidos pela força da água. Através de correias a roda de água coloca todas as partes em movimento: uma bacia cilíndrica onde as raízes são lavadas, um raspador com o qual as raízes são transformadas em trigo e espátulas que se movimentam em círculos em uma grande panela de aço, onde o trigo é secado. Debaixo desse panela coloca-se fogo. Jan Jansen é um famoso construtor de moinhos de mandioca em Holanda e eles rodam a todo vapor. Quando o dia de trabalho acaba, os homens vão para um barzinho ou para a venda conversar e tomar uma cachacinha. Quando eles chegam em casa a janta já está pronta em cima do fogão. As mulheres administram a família, a educação, todo o trabalho de casa eventualmente com a ajuda de uma filha mais velha. Elas dizem o que precisa ser comprado na venda e participam ativamente na decisão do que vai ser plantado. Somente aos sábados, se possível, as mulheres não vão para a roça, mas trabalham em casa.

Embaixo, em cima e atrás do morro

Com o decorrer do tempo, o distrito Holanda é dividido em Holanda e Holandinha. A região perto da capela católica e da venda passa a ser chamada de Holanda. A região alta, nos morros

perto da capela evangélica da comunidade Holanda passa a ser Holandinha. *(Veja capa interno)*

Holanda faz fronteira com:

norte: Rio do meio-Rio Mangará

Sul: Boqueirão de Thomas e California

Leste: Boqueirão do Santilho e Pau Amarelo

Oeste: Tirol Crubixa

Holandinha faz fronteira com:

norte: California

Sul: Meia Légua

Leste: Holanda

Oeste: Boqueirão de Thomas

(veja no final na capa interna)

Com o tempo houve também uma separação sócio-econômica entre os moradores de Holanda: moradores de baixo, de cima e de trás do morro.

Aqueles que moravam embaixo no morro em Holanda são os mais altos na hierarquia. Lá moram as famílias mais poderosas, com mais terras e melhores meios de transporte. A família Krieger-Reinholz aumenta durante 55 anos até que passa a ser 25% da população de Holanda. Em 1921 havia apenas uma família e em 1975 já são sete. Dos sete chefes de família, três são grandes proprietários de terras com mais de 100 hectares.

Aqueles que moram em cima do morro, em Holandinha, são os pequenos fazendeiros. Na hierarquia eles ocupam o segundo lugar e formam o grupo do meio dos que ficaram e souberam manter suas propriedades da maneira como eram originalmente,

alcançando um nível de vida razoável. No entanto eles dependem da venda para suas compras e vendas e de compradores que vêm até Holandinha.

Os que moram em cima e atrás do morro em Holandinha são os trabalhadores rurais empobrecidos, a maioria sem terras e alguns meeiros.

Oscar de Freitas: *“As pessoas que moram aqui são todos família uns dos outros. Nós nos ajudamos com comida, trabalho, conselhos e ações. Ninguém de fora vem nos visitar. Com os brancos de Holanda e Holandinha nós temos pouco contato.”*

*Oscar de Freitas secando
farinha de mandioca*



Depois da morte de João Eduardo Krieger a venda e as terras ficam em poder da família. Seu filho José juntamente com seu tio Augusto Krieger assumem os negócios. Ainda jovem, José também morre e é substituído por seu irmão Alfredo. Quando em 1948 a estrada de Barra de Mangaraí até a venda é aumentada, Augusto Krieger é o primeiro em Holanda a comprar um caminhão. Somente alguns anos depois, em 1960, é que a família de João Eduardo Krieger passa a dividir a herança. Os cinco herdeiros decidem administrar as terras em conjunto. Mas é uma solução bastante difícil porque a venda é, no final das contas, a chave para aumentar terras e capital. Como não se consegue achar uma solução para o problema, a venda é temporariamente fechada. João Reinholz, casado com Guilhermina Krieger, vende sua venda em Meia Légua e compra outra em Holanda nos anos 60. Ele consegue aumentar a propriedade que era de 240 hectares para 400 hectares e assume a liderança econômica e a posição de poder em Holanda.

O irmão de João Reinholz, Jacó Reinholz, mora fora da comunidade, mas adquire terras em Holanda a partir de 1965 e possui mais ou menos 150 hectares em 1980, o que faz dele um dos grande proprietários de terras de Holanda. Assim cresce o poder das famílias Krieger e Reinholz na localidade.

Outro grande proprietário de terras em Holanda é Henrique Herbert. Originalmente os Herbert vêm da Alemanha. Seu avô viajou com os Zeeuwen e também falava o Zeeuws. Henrique Herbert comprou uma colônia no Tirol em 1870, ao lado de Holanda. Dali ele passa a se infiltrar em Holanda. Mesmo sendo um comerciante sem estabelecimento comercial, ele consegue aumentar sua propriedade de várias formas. As pessoas contam que, quando João Jansen faleceu, sua viúva vendeu uma colônia de terras para ele por um litro de cachaça e uma caixa de pregos.

Somente em 1942, 80 anos após a chegada dos holandeses, é inaugurada uma escola estadual para os quatro anos primários, perto da antiga venda do coronel, em Holanda. Os de cima ficam a ver navios, já que queriam a escolinha perto da capela holandesa, mas aparentemente o dono da venda tem relações melhores com o prefeito. As crianças de Holandinha têm que andar seis quilômetros até Holanda. Geraldine Krieger-Reinholz e Hilde Krieger-Reinholz, duas irmãs da parte de baixo são as

*A escolinha em
Holanda - 1979*



professoras nos anos setenta. Elas tiveram somente alguns anos de estudo, mas fazem o que podem para ensinar por volta de sessenta crianças a ler e escrever. Há falta de material escolar e número insuficiente de carteiras. As professoras têm que trazer cadeiras de casa para a escola e fazem de tudo para proporcionar ao menos uma refeição para as crianças com a pouca ajuda recebida do governo. Muitas delas, principalmente de cima e de trás do morro ficam em casa. A escola é muito longe e elas fazem falta no trabalho na roça.

Preso nas mãos do ‘vendista’

O ‘vendista’ é o homem mais importante na comunidade devido à sua venda, às suas terras e, principalmente, aos meios de transporte que possui. Os burros e as canoas foram substituídos por caminhões. Ele tem monopólio econômico e grande influência na política. Nas eleições, diz em quem o povo deve votar e intimidação não é evitada.

Quando alguém está doente e precisa ser levado ao hospital, é ele o salvador, sempre presente nos momentos de necessidade, porém a conta vem em seguida. Se necessário, ele também é o banco que faz empréstimos. O ‘vendista’ é atravessador que passa os negócios do mundo lá fora para o mundo de dentro e vice-versa. Tudo de acordo com suas idéias. Em todas as comunidades da antiga colônia de Santa Leopoldina esse padrão cresceu muito.

Os pequenos colonos não conseguem deixar de passar pelo ‘vendista’ com seus produtos devido a falta de meios de transporte. Pequenos fazendeiros acabam se tornando meeiros, pois o ‘vendista’/comerciante decide o que ele vai comprar, e por consequência, o que vai ser plantado e colhido, para que o pequeno fazendeiro possa pagar suas dívidas com ele. Os ‘vendistas’ fazem um ótimo negócio com os produtos que compram na cidade e depois revendem aos colonos sem nenhum tipo de concorrência. A desconfiança é grande. Mas não há outra saída a não ser confiar quando ele faz suas anotações no grande livro por baixo do balcão. Para quem não sabe nem ler nem escrever, é difícil controlar o que é anotado. Um vê o ‘vendista’ como um pai e o outro como um grande tubarão que devora os pequenos. Antônio Laurett (82) de Meia Légua: *“Nós trabalhávamos muito, o dia inteiro e a colheita era boa, mas nada disso era suficiente para conseguir trocar as coisas mais necessárias na venda. No final do ano levávamos a colheita para a venda, no início era café, farinha de mandioca e, mais tarde, bananas. Mas nunca sobrou um centavo para nós. Assim ficávamos nas mãos do*

Antônio Laurett, Meia Legua



vendista. Eu lembro que antigamente, quando eu era jovem, nós sempre passávamos fome. Só comíamos feijão com um pouco de farinha de mandioca.”

Bram Seni: “Eu sempre tinha ótimas colheitas, mas nunca o suficiente para pagar as minhas dívidas. O ‘vendista’ é como um gato. Uma vez que você está em suas garras, não tem mais como escapar.”

A igreja dividida

Quando a Segunda Grande Guerra começa em 1940, a ‘escola alemã’ é proibida e os pastores não podem mais pregar em alemão nem fazer o seu trabalho. Alguns deles vão embora e outros são até presos. João Eduardo Krieger recebe autorização para oferecer os sacramentos. Ele pode abençoar matrimônios, batizar, ouvir confissões e celebrar a Santa Ceia, mas foi expressamente proibido de fazê-lo com as vestimentas do pastor. Depois da guerra, o pastor deverá voltar e confirmar o casamento dessa vez com o talar.

As famílias Krieger e Reinholz, holandeses e pomeranos, cresceram tanto que assumem a liderança da capela holandesa. Eles agora não são somente os chefes na terra e nas vendas, mas também na igreja. O ‘vendista’ não manda somente na política e na economia, mas também na igreja. Ele mesmo, sua mulher, irmão ou qualquer outro membro da família é o presbítero responsável pelo dinheiro e o que cobra as contribuições dos fiéis. É como em Cadzand, onde os proprietários de terras, os fazendeiros e os comerciantes mandam na igreja e na sociedade.

A contribuição para a igreja sempre era paga diretamente ao pastor. Agora dois ‘presbíteros’ são contratados. Um para administrar o dinheiro e outro para cuidar da igreja e dos cultos.

O preço de mandioca está muito baixo e algumas famílias mais pobres acabam atrasando o pagamento da contribuição anual para a igreja e passam a ter dívidas, agora não somente com a venda, mas também com a igreja. Para pressionar e castigar as pessoas que não conseguem pagar sua dívida, elas são excluídas da Santa Ceia e do batismo. A igreja não é mais dos fiéis. Para alguns a situação é tão ruim que eles recorrem ao padre católico para tentar batizar seus filhos. Não ser batizado é uma vergonha. O domingo sempre foi um dia festivo, mas quando o domingo de celebração da Santa Ceia, o dia acaba sendo de grande apreensão. Quem poderá participar da Santa Ceia e quem não? No último momento alguns membros ainda pagam a contribuição à igreja para evitar a humilhação da rejeição. Já aconteceu de no domingo de Santa Ceia um porco ser vendido na porta da igreja para o ‘vendista’/tesoureiro/presbítero numa última tentativa de pagar a contribuição.

Bram Heule: “*Nossa igreja está completamente nas mãos dos alemães. Velas, crucifixos e flores artificiais estão agora no altar da igreja*

que é dominada pelos 'vendistas'. Também Marie e Laura Laurett, irmãs de Christine Laurett, foram impedidas de participar da Santa Ceia por estarem com a contribuição em atraso. A igreja é um comércio e passa a ser administrada como a venda. Aqui é assim, se você perde a fé não tem mais nada. Quando perdemos Deus, não temos mais nada mesmo."

Aquele que não tem, não existe na igreja e na sociedade. Os conflitos na igreja se amontoam. O holandese se sente constrangido em sua própria Holanda.

Os presbíteros pomeranos e os pastores alemães acham que os holandeses devem cuidar melhor de seus túmulos e colocar lápides. Os holandeses não estão acostumados com isso. Assim como seus ancestrais eles não colocam nada nos túmulos de seus mortos, nem lápides nem crucifixos.

Eles diziam: *"Uma lápide não é necessária e para Deus nós somos todos iguais, porque você é pó, e ao pó voltará."* (Gênesis 3:19c) *"Durante toda a vida tivemos que carregar a nossa cruz."*

Todo ano é realizada a festa da colheita. As famílias mais pobres chegam com alguns ovos ou espigas de milho e as colocam como oferta no altar; as mais ricas aparecem com cestos cheios de produtos agrícolas. Depois do culto em ação de graças pela colheita, os produtos são vendidos e o dinheiro arrecadado é doado para a igreja. Um novo pastor quer expandir a festa colocando uma loteria e roletas para conseguir mais dinheiro para a igreja, como era usual entre os católicos e os pomeranos. Os holandeses mais idosos são contra:

"A casa de Deus é uma casa de oração e dessa forma vocês a estão transformando em numa cabana de ladrões. Esse tipo de festa só causa estrago e bebedeira. Nós não vamos misturar a palavra de Deus com bebida."

O pastor da Alemanha e os presbíteros pomeranos no entanto insistem na idéia e chegam a mostrar um documento do sínodo no qual esses jogos foram legalizados. Durante as festas os produtos das vendas dos 'vendistas'/presbíteros/tesoureiros, difíceis de serem vendidos, são colocados na loteria e na roleta. Ao fim da festa, depois de descontar as suas despesas, o presbítero divulga os ganhos para igreja.

Basta. Alguns chegam ao seu limite. Famílias decidem se desligar de sua própria capela holandesa. O pastor luterano do sínodo Missouri é chamado e em 1954 é celebrado o primeiro culto na casa de alguém com a presença de sete famílias. Além de tudo, o pastor Missouri não prega em alemão mas em português, o que faz com que ele seja melhor entendido. É feita a sugestão de alternar o atual pastor luterano e o pastor Missouri na pregação. Essa sugestão é fortemente rejeitada. Como reação a diretoria da capela holandesa manda instalar novas fechaduras nas portas da

capela. Bram Heule doa um pequeno pedaço de terra e os separatistas constroem uma pequena capela. Lá as contribuições são dadas de acordo com a condição de cada um, a pregação é em português e a festa anual é feita sem álcool nem roletas. O nome 'Igreja Evangélica Luterana Cristo de Holanda' adorna a capela.

Deus sabe o que faz

Em Holanda o empobrecimento é geral. Muitos colonos revivem anos de pobreza. Quando, num determinado período de muita seca o gado anda magro pelo pasto e os pequenos fazendeiros têm que vender sua última vaca para ser abatida e, ainda por cima a colheita fracassa devido ao calor escaldante, um deles faz o comentário resignado: 'Deus sabe o que faz'. Durante o prolongado período de seca, assim como no período da peste do gado pouco antes da crise do café, os católicos organizam uma procissão para oração. Essa procissão sai de Holanda e passa por Tirol até o Rio de Farinha. Brasileiros, alemães, pomeranos, africanos e holandeses caminham lado a lado.

Ajuda entre vizinhos diminui. Ajuntamentos praticamente não existem mais. A ligação entre eles enfraquece. Famílias holandesas se mudam e não-holandeses ocupam as vagas deixadas. Os pequenos agricultores têm que produzir em terras de apenas 5 a

Holandeses reunidos na casa de Bram Lauret - 1976



25 hectares, contando com as enormes rochas negras, o que diminui a área para plantio para apenas 2 a 3 hectares. A maior parte das terras em Holanda tem morros muito inclinados o que torna a mecanização impossível e praticamente todo o trabalho deve ser feito com a enxada. Devido às heranças as pessoas passam a viver em pedaços cada vez menores de terras enquanto que os grandes proprietários em Holanda possuem mais de 150 hectares. Alguns grandes proprietários de terras pensam que as mulheres de seus trabalhadores também lhes pertencem. Eles fazem com que as mulheres as vezes paguem pelas compras com o próprio corpo. As famílias que ainda possuem um negócio próprio e conseguem se manter podem ser contadas nos dedos de uma mão. Muitas famílias já haviam partido de Holanda porque o solo estava desgastado depois do período do café. Outros se vêem forçados a vender suas terras para pagar as dívidas e trabalhar como empregado no que antes era sua propriedade. Situações tristes em que famílias perdem as terras que seus antepassados conquistaram com tanto suor e lágrimas.

A esposa de Altamiro Simora (Smoor), Christine Laurett, 40 anos, carrega as marcas de uma vida dura e sofrida. Ela esteve

Jacob Jansen



doente nos meses de chuva e é asmática. Suas pernas estão cheias de feridas. Sua filha de cinco anos está com gripe, muito magra parecendo malnutrida. Não há gado e por isso também não há leite, apenas leite em pó da venda, que é caro demais para ela. Ela conta sobre sua filha Valdete que já está há semanas no hospital com um problema grave no fígado, esquistossomose. Sua filha mais velha, Izaura, foi para a cidade trabalhar e ganhar um extra. Voltou de lá grávida. Dona TuTu, mulher do 'vendista' a acolheu em sua casa e toma conta dela.

Jacob Jansen: *"As vaoder en moeder me noe zag'n sitt'n, zouen ze 'ard blèten! (Se minha mãe e meu pai me vissem assim iam chorar muito). Nós nascemos na 'terra dos macacos' e temos que viver como eles se quisermos sobreviver. Você tem que pular de galho em galho."*

Quando Wanne Heule, esposa

de Jacob Jansen morreu, Floriano Heule e sua esposa Carolina passaram a tomar conta dele. Ele mora em sua propriedade em uma cabana de madeira. São poucos os holandeses que ainda falam Zeeuws que vêm visitar Jacob Jansen para falar um pouquinho de holandês. Lies Calot, por exemplo, freqüentemente aparecia para uma conversa. Holanda nunca saiu de seus pensamentos. Em um caixote ele guarda suas queridas lembranças da Holanda: alguns almanaques, o mais antigo é de 1929, e alguns livros. Esses provavelmente foram mandados pelos leitores da revista Neerlandia em 1929. Jacob também guarda a página de um folheto de propaganda chamado *Advertentieblad voor West Zeeuws-Vlaanderen* datada do dia primeiro de maio de 1935. Ele aprendeu a ler sozinho durante as noites. Um de seus olhos ficou tão ruim por causa da fumaça da lamparina, que hoje ele não vê mais nada com ele. Da caixa ele tira sua certidão de casamento junto com duas flores artificiais: *“Essa flores minha mulher, Wanne Heule, usou no dia do nosso casamento. Algumas dessas flores foram enterradas com ela e essas últimas eu vou levar junto no meu túmulo para ela.”* Jacob Jansen faleceu em 1980. Além das flores para Wanne, ele também levou sua bíblia com algumas fotos e documentos para o seu túmulo.

Muito jovens não conseguem ver um futuro em Holanda, pois têm que ficar o dia inteiro trabalhando na enxada e presos nas garras dos ‘vendistas’. Eles se mudam para a cidade na esperança de conseguir uma vida melhor. Elizabeth Laurett e Jan Jansen partem com seus filhos no início dos anos setenta para Vila Capixaba, um bairro na periferia de Vitória. Elizabeth Laurett: *“Em Holanda nós tínhamos meia colônia e plantávamos mandioca, milho e feijão. O dinheiro que recebíamos era muito pouco para poder viver. Na época fomos forçados a trabalhar como diaristas ou meeiros e até terceiros, por um terço da colheita, nas terras dos grandes fazendeiros. Trabalhávamos o dia inteiro desde de manhã bem cedo até tarde da noite na roça com a família toda. Chegando em casa eu muitas vezes estava cansada demais para ainda preparar comida. Meu marido era marceneiro e trabalhava muito fora de Holanda. Ele só vinha para casa aos sábados e domingos. Precisávamos do domingo para descansar e consertar as roupas estragadas. Não tínhamos nenhuma perspectiva de futuro para as crianças em Holanda. A propriedade era muito pequena para dividir em cinco. Decidimos vender nossa terra em Holanda e comprar um pequeno lote na cidade. O ‘vendista’ tinha lotes na cidade e trocou um deles pela meia colônia que tínhamos. Um segundo lote compramos com empréstimo. Quando finalmente estávamos morando lá, ainda tínhamos dívidas com o ‘vendista.’”*

Abrão Laurett: *“Para a minha família e meus filhos a situação aqui é ruim. Eles não querem mais continuar vivendo aqui. Inclusive o meu mais novo. Ele tem uma mulher e um filho. Finalmente ele*



Almidio Simoura cata feijão preto com seus filhos

disse: “Pai, eu vou embora. A terra é pouca e muito pobre. E dinheiro para comprar alguma coisa para mim não tem.”

Para alguns que permaneceram em Holanda, Zeeuws ainda foi a ‘língua de casa’ durante muito tempo. Devido a situação econômica ruim e a partida de muitas pessoas de Holanda, falava-se cada vez menos o Zeeuws. Em 1940 todos os pioneiros de Zeeland e seus filhos já haviam morrido. A comunidade de Holanda só fracassa com o passar

dos anos. A maior parte das famílias se integra à comunidade pomerana ou se muda para a periferia de Vitória. Quando somente 25% ainda pode ser chamado de holandês, isso quando um dos pais é descendente de um Zeeuw, então é melhor falarmos sobre os capixabas holandeses e sobre os moradores de Holanda.

Em Holanda acontece o que vem ocorrendo no Brasil todo. Pequenos agricultores vivem em pobreza, sem-terras na miséria. Suas casas de novo se transformaram em cabanas. Eles não têm o suficiente para se alimentar e se vestir e vivem em circunstância lamentável. Uma Situação semelhante, novamente, à que o barão von Tschudi descreveu em 1860: - Nenhuma família conseguia viver de sua terra. Até mesmo colonos que já moravam e trabalhavam em sua propriedade há quatro anos não conseguiam se vestir ou comer bem. Pessoas completamente miseráveis me contaram histórias terríveis. Eles são vistos como preguiçosos e sujos. - Da mesma forma como os cidadãos nobres e fazendeiros na Terra de Cadzand no passado viam as pessoas pobres como mendigos, anti-sociais e fisicamente incapazes pelos quais algo tinha que ser feito.

Em 1900 os holandeses ainda possuem cinco vezes mais terras que os não-holandeses.

Em 1975 essa relação é exatamente inversa: o grupo Krieger-Reinholz tem 66% de posse de terras e os holandeses e negros brasileiros têm 17% cada.

Em 1900 85% das famílias eram compostas por casais holandeses. Em 1940 essa quantia caiu para 54%.

Em 1975 só existem famílias mistas.

Em 1925 moram por volta de 100 holandeses em Holanda.

Em 1975 somente 33 descendentes diretos dos Zeeuwen e sete famílias ainda falam o Zeeuws em casa.

São João de Garrafão, 'a terra fria'

1975. Enquanto que somente 33 famílias ainda moram em Holanda, o grupo de capixabas holandeses em São João de Garrafão cresceu para 180 famílias, das quais um ou os dois pais são descendentes dos pioneiros de Zeeland. Em 1975 das 600 famílias em São João de Garrafão, 180 são holandesas, 360 pomeranos e 60 de outras descendências. Os holandeses falam o zeeuws entre eles, pomerano com os pomeranos, português com os brasileiros e alemão na igreja.

O centro de Garrafão é formado pela capela com a torre dos sinos, o cemitério, a casa paroquial com salão para reuniões, uma serraria, uma escolinha e algumas casas. Não há correios nem telefones. Para isso é necessário ir até Santa Maria, trinta e cinco quilômetros adiante. A melhor comunicação que se tem é o rádio. No centro de Garrafão a venda de Francinho Guilherme domina. Ele passava pelas fazendas como vendedor ambulante com fitas e linhas, casou com Pitronela Lauwers, filha de João e Sara Lauwers. As coisas iam bem para o vendedor, ele possuía uma 'tropa' de dez burros e abriu uma venda com dona Pita. Depois disso ele pôde comprar um caminhão. Assim como em todas as colônias, também em Garrafão os pequenos agricultores acabam nas mãos do comerciante/'vendista'.

No interior foram construídas escolas pelo estado, mas a maioria está fechada devido à falta de professores. Não há médico. Assim como em Holanda, as pessoas precisam consultar o médico dos pobres. Em média, as famílias têm cinco filhos. A mortalidade infantil é de dez por cento.

Holandeses marcantes

Isaack Louwers (Izaak Louwers) é um homem muito versátil e criativo e o pilar de sustentação para a Comunidade. Ele nasceu no dia 26 de janeiro de 1929, filho de Piet Louwers e Augusta Zittlow, que se mudaram na virada do século para Garrafão.

Isaack Louwers: *"Eu trabalhei duro a minha vida inteira e as coisas só andaram para trás. A maioria dos pequenos agricultores aqui, assim como em Holanda, estão com os pés e as mãos atadas ao 'vendista'."*

Isaack se casou com Anna Reetz, aprendeu sozinho a ler e escrever em português, alemão e pomerano e, através da bíblia, também o holandês. É o doutor das cobras na região e tem o soro an-

Isaack Louwers com as cobras



tiofídico em casa. Dependendo do tipo de picada, ele aplica duas, quatro, oito ou dezesseis injeções e diz orações e mandamentos como um ‘benzedor’. As cobras pegas pelos colonos são enviadas a São Paulo para serem estudadas e para o preparo de mais soro. Em sua casa ele fez uma coleção de cobras em vidros com formol. Objeto de orgulho é uma ‘cobra voadora’, uma espécie de borboleta venenosa. Ele também é muito conhecido na região como marceneiro, mas, para sobreviver com mulher e crianças, Isaack é forçado, como todos os outros, a produzir feijão, milho e café. Um dos moinhos de mandioca mais bonitos da região foi construído por ele. Todo o maquinário e todas as engrenagens ele carpiu de madeira com as próprias mãos. O moinho é uma demonstração, um monumento de seu talento. O moinho não apenas moía a raiz da mandioca até virar trigo, mas também triturava o café, movimentava uma pedra de moenda e provia sua casa de energia. Várias vezes ele construiu uma maquete do moinho. Também fazia maravilhosos baús com motivos muito bonitos e outras peças criativas. Na igreja ele era o líder, visitava doentes, presbítero e filósofo.

Isaack faleceu aos 76 anos de idade. Por razões desconhecidas, o moinho de mandioca foi destruído após a sua morte. Não sobrou nada. Sua casa e suas terras ele as vendeu através da comunidade para a Escola Família Agrícola. Seu filho Adriano cuidou dele por um ano e meio.

Outra personalidade marcante para a comunidade em São João de Garrafão é Abraham Laurett, nascido em 1916 e casado com Alina Reinholz. Seu bisavô se estabeleceu em Holanda. Seu avô

Abrahão Laurett, Garrafão



foi morar em Luxemburgo mas voltou para Holanda. Abrahão Laurett foi ‘Mestre da Colônia’. Professor, catequizador, educador e fazendeiro e tem 56 hectares de terras, dos quais 16 são improdutivos. Tem orgulho de suas raízes. Com muito cuidado ele guarda uma coleção de antigos cartões postais de vilas em Zeeuws-Vlaanderen que provavelmente chegaram até ele em 1929 através do pastor Wisznat e dos leitores da revista mensal Neerlandia.

Abraham Laurett: *“Minha mãe era casada com Abraham Valkenier, mas ele foi para a América do Norte e não voltou nunca mais. Meu pai também não tinha*

mais esposa. Ele a deixou porque não se dava bem com o sogro. Foi aí que ele se casou com a minha mãe. Demorou um tempo até que pudessem se casar oficialmente porque não se sabia se Valkenier iria voltar. O cartório de registros colocou um anúncio no jornal e se dentro de 30 dias não houvesse nenhuma resposta, eles poderiam se casar. Então todos os filhos foram legitimados. Eu trabalhei seis anos como balconista, em uma venda em Jequitibá. Quando minha mãe morreu eu vendi as terras e vim para cá. Já havia uma pequena e antiga igreja em Garrafão e eu trabalhei como professor do estado.”

Grupos de base

No início dos anos 60 começa uma mudança política no Brasil. Por causa da industrialização e do empobrecimento do campo, os trabalhadores nas cidades, organizados em fortes sindicatos, lutam por melhores salários e condições de trabalho. No campo o povo exige a reforma agrária. No dia primeiro de abril de 1964 um grupo de militares toma o poder e governa o país com mão de ferro. Não há como escapar. O braço do serviço secreto do governo alcança todos os cantos para encontrar agitadores e subversivos. Para eles todos são comunistas. A igreja é um dos poucos lugares aonde o povo ainda pode se reunir durante a ditadura militar, que dura até 1985. A divisão na igreja e na sociedade é grande, não somente na economia, mas também entre os simpatizantes e os opositores do golpe de estado dado pelos militares.

Durante mais de cem anos pastores da Alemanha chegaram para as comunidades luteranas no Brasil. Depois da Segunda Guerra uma faculdade de teologia é criada em São Leopoldo. Professores da Alemanha ainda vêm para dar aulas na faculdade, e agora os filhos dos imigrantes podem estudar teologia em seu próprio país. Em 1954 os sínodos luteranos se agruparam sob o nome de Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB).

A igreja alemã no Brasil vai aos poucos mudando para uma igreja brasileira. Liturgia, hinários e a teologia ainda vêm da Alemanha, mas os pastores alemães no Espírito Santo são aos poucos substituídos por filhos e filhas de imigrantes.

Ao contrário da comunidade em Holanda, a comunidade em Garrafão cresce de um ponto de pregação para uma paróquia com cinco capelas. O novo pastor e sua esposa, Dieter e Maria Hecht, ainda vêm da Alemanha mas procuram contato com jovens pastores brasileiros das paróquias vizinhas: Emil Schubert em Santa Maria e Norberto e Micaela Berger em Alto Jatibocas. Eles também mantêm contato com os

Material para discussão dos grupos de base



Agora, toma a sua parte!

padres da redondeza que trabalham com uma nova metodologia, inspirada por uma nova teologia, a teologia da libertação. Os pastores decidem formar um grupo para juntos procurar novos caminhos que possam romper com a passividade do 'Deus sabe o que faz'. Somente a pregação na igreja não é suficiente para fazer jus ao evangelho, segundo eles. Assim como os padres reúnem seu paroquianos em grupos de base, eles começam com a formação de grupos de reflexão. Do púlpito as pessoas são chamadas a se reunirem em pequenos grupos familiares para discutirem os problemas do dia-a-dia. Essas reuniões não são feitas na igreja, mas na casa das famílias. Os novos pastores descem do púlpito e se aproximam do povo para escutar o que eles têm a dizer. Eles falam a língua do povo, o pomerano. O time de pastores se auto-denomina 'Zero Um' porque ao formularem as dez prioridades em seus pastorados, eles colocaram como ponto 01: cuidar uns dos outros.

Nos grupos de reflexão as pessoas quebram seu silêncio depois de algum tempo de hesitação, e contam histórias sobre a realidade na qual vivem. A metodologia do movimento de base é constituída de três passos: ver, julgar e agir. Através dessas reuniões melhorias acabam acontecendo. Com dinheiro da Alemanha um trator para uso comunitário é adquirido. Um gerador para a serraria é comprado e um modelo de criação de porcos é implantado. Com todas essas atividades, o trabalho em conjunto cresce. Os grupos de reflexão vão se transformando em grupos de base com liderança própria. As famílias que participam dos grupos de base se unem e fundam uma pequena cooperativa com uma venda própria e um armazém, o 'Armazém do povo'. O ponto alto é quando, com o apoio da Alemanha e da Holanda, um caminhão pode ser comprado. Agora os pequenos produtores e os meeiros podem levar seus produtos para a cidade por conta própria. Os 'vendistas' e comerciantes da região se sentem econômica e politicamente ameaçados. Eles preferem que a colheita dos agricultores suma dentro de seus armazéns. A maioria apóia a ideologia dos militares detentores do poder: 'Ordem e Progresso' e vêem os movimentos dos grupos de base como subversivos e os pastores como comunistas. Os novos pastores devem ficar na igreja, nos púlpitos ao invés de, em pequenos grupos, incitar o povo.

As tensões crescem na região da antiga Colônia Santa Leopoldina. Tanto na sociedade quanto na igreja a divisão é grande. Os poderosos 'vendistas' e proprietários de terras bloqueiam a legalização do Armazém. Alguns membros do Armazém são pressionados e até ameaçados de morte para venderem sua colheita ao 'vendista' e não ao Armazém. Eles às vezes oferecem preços altos demais para quebrar o Armazém. Para os pequenos agricultores é muito difícil se manterem motivados e fiéis ao armazém do povo.

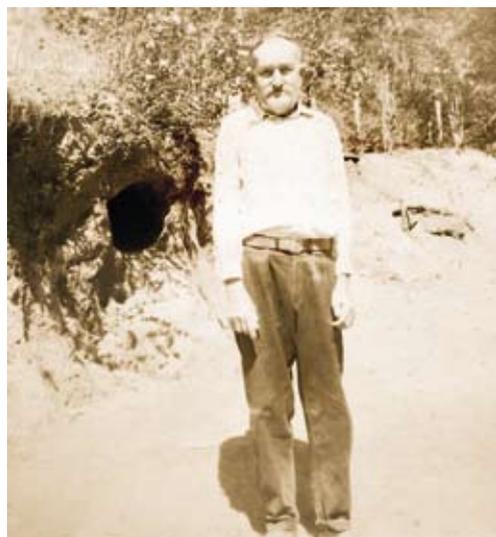


13. Saindo do isolamento

As palavras de Piet Heule “nós temos que continuar falando holandês pois algum dia eles vão nos encontrar” se tornam realidade quando, em 1973, um pastor suíço de São Paulo fez uma visita a Garrafão. Ele encontra Isaac Lauwers que conta sobre os Holandeses no Espírito Santo. O pastor passa essa informação para seu colega da Igreja Evangélica Reformada (IER), a igreja holandesa em São Paulo e, pouco tempo depois, uma delegação da IER vai a Garrafão para saber mais sobre o assunto. Os descendentes dos emigrantes de Zeeland são novamente descobertos pela Holanda e por Zeeland quase 50 anos após o contato que existia com a Associação Gustaf Adolf em 1928. O interesse é grande e repórteres de jornais e rádio vêm à antiga colônia Santa Leopoldina. Na capa da revista Holland Herald, mundialmente lida nos aviões da KLM, apareçam Cristina Laurett e Altamiro Smoor de Holandinha com seus filhos e o seguinte texto “These people need money to buy agricultural equipment and medical supplies and to build a school. If they don’t get help soon it will be too late. The Espírito Santo Dutch will die a forgotten people”. (Essas pessoas precisam de dinheiro

*Vista do Espírito Santo,
entre Garrafão e Lagoa Serra
Pelada.*

*Piet Heule: “der komt ‘n ké ‘n
dag da ze ons vinnen”*



para pagar equipamentos agrícolas e suprimentos médicos e para construir uma escola. Se não receberem ajuda logo poderá ser tarde demais. Os holandeses do Espírito Santo serão um povo esquecido)

Ton Roos e Margje Eshuis, assistentes sociais/pastorais, são enviados como missionários pela Igreja Reformada na Holanda (GKN) para colaborar com a Igreja Luterana (IECLB) do Espírito Santo tendo como missão trabalhar com os pastores na região da antiga colônia Santa Leopoldina para formação de líderes de grupos de base e trabalho com jovens. Ao mesmo tempo eles devem fazer visitas mensais a Holanda para ajudarem na edificação da comunidade.

Quando Abrão Laurett reúne as pessoas e conta as novidades, as expectativas aumentam. *“Finalmente um pastor holandês”*, é o comentário. Nas terras de Jacó Reinholz ainda há uma casinha desocupada que rapidamente é limpa e preparada pelos moradores para a família da Holanda que mora em Afonso Cláudio.

Os missionários são calorosamente recepcionados e começam as visitas às famílias. Eles saem de uma casa e entram na outra. Principalmente as pessoas que ainda se chamam ‘holandesas’ estão felizes com a chegada deles. A capela de Holandinha ainda é apenas um ponto de pregação da igreja luterana (IECLB). Uma vez por mês o recebe a visita do pastor, se não chover e a estrada estiver transitável. Em abril de 1970 ainda restam 25 famílias inscritas na comunidade.

As brincadeiras de roda com as crianças que os missionários organizam no terreiro em frente à capela e os cantos se tornam eventos mensais para jovens e idosos. Os pais vêm olhar para também se divertirem. De todos os cantos, de baixo, de cima e de trás do morro a juventude participa. A alegria está de volta a Holandinha. Dona Guilhermina Dietrich-Krieger, secretária da comunidade Holanda, e as moças mais velhas ajudam. Às cinco da tarde os jovens se reúnem. Eles não têm tempo de serem jovens. Já quando crianças vão para a roça e pegam ainda muito novos na enxada. Aos catorze anos fazem a confirmação na igreja, um ritual de passagem de criança para a idade adulta. Depois disso, as meninas são obrigadas a ficarem muito em casa enquanto que os meninos têm mais liberdade e podem participar dos grupinhos de homens na venda onde se bebe cachaça. Os jovens em Holanda não têm uma cultura própria e nenhum tempo de experiência para aprenderem a conviver uns com os outros. Brincadeiras e danças folclóricas são alternativas muito bem-vindas no seu dia-a-dia. Em curtas conversas de grupo eles refletem sobre seu trabalho, os prós e os contras de se mudarem para a cidade. Ao cair da noite sempre aparecem alguns adultos e crianças para bater um papo com os missionários. No domingo

de manhã é celebrado um culto na capela e as crianças mostram as canções que aprenderam. Não são canções alemãs, mas novas músicas brasileiras feitas para e pelos grupos de base. Esses encontros mensais aos sábados e domingos pela manhã são cada vez mais visitados. As orações de Ano Novo desaparecem, mas a festa de Natal, a festa de São João e várias outras festas são de novo pontos altos em Holanda.

Janneke Jansen, a mãe de Jacó Silva, está acamada. Seu maior desejo é poder participar mais uma vez da Santa Ceia. Durante 20 anos ela não pôde mais ir à capela holandesa. Nunca um pastor foi visitá-la. Alguns membros vão com os missionários para a casa dela e levam a Vasa Sacra de prata. Os contraventos de seu pequeno quarto estão fechados. Com a pouca luz que passa por entre as frestas na janela, eles lêem os textos luteranos que acompanham a Santa Ceia. Fica claro que ela não está entendendo nada. Quando perguntada se prefere ouvir o formulário em holandês, seus olhos brilham e ela balança a cabeça afirmativamente. Janneke Jansen sorri e reconhece as palavras do antigo livro de salmos de Holanda. Ela se sente em casa em seu leito de morte ouvindo essas palavras holandesas e o Pai Nosso. Janneke era casada com Pedro Schijve. Em casa eles sempre falavam o Zeeuws.

As pessoas de Pau Amarelo reaparecem na capela. Nos anos que se seguem são feitas reuniões freqüentes com as famílias. As crianças têm aulas de catecismo com Maria Boone e um grupinho de jovens faz a confirmação na capela de Holanda.

Ações

Ao longo dos sete anos em que os missionários fazem suas visitas mensais a Holanda, são desenvolvidas diversas atividades, tendo Abrão Laurett como coordenador e conhecedor da região e das famílias. Ele é a pessoa central em todos os projetos, fala bem o Zeeuws e tem um forte sentimento de 'nós holandeses'. O apoio financeiro para isso vem das igrejas reformadas da Holanda e da Fundação ZEEBRA..

Em Zeeland, depois dos artigos escritos pelo jornalista Rein van der Helm no jornal De Stem, é criada a Fundação ZEEBRA, Zeeland-Brasil. Uma das primeiras atividades é uma campanha para doação de cobertores. As famílias sem-terra mais pobres não têm cobertores para as noites frias de inverno. Um plano é feito para distribuir

Basisgroep Pau Amarelo



cobertas. A pergunta é: para quem? Aos mais pobres? Somente para os holandeses e não para os brasileiros? Quem é holandês e quem não é? Os 'vendistas' também querem receber uma cobertura. Por fim, decide-se dar uma cobertura para todas as famílias em Holanda e Holandinha. Abrão Laurett sabe exatamente onde ficam os limites de Holanda e essas linhas são respeitadas. O resultado é que os ricos proprietários de terras e os 'vendistas' também recebem uma cobertura

Em novembro de 1979, um grupo de capixabas holandeses de Holanda e Garrafão faz uma visita às colônias holandesas no Paraná. Na viagem de ida é feita uma parada em São Paulo para dormir nas casas de alguns membros da igreja holandesa e um passeio inesquecível pela grande metrópole. As colônias Carambeí, fundada em 1914, e Castrolanda, dos anos cinquenta, são visitadas. Os homens dormem nas casas de famílias holandesas e são confrontados com fazendeiros holandeses, proprietários de grandes fazendas, banqueiros, currais modernos, plantações de soja e uma cooperativa impressionante. Durante a semana eles recebem comida de domingo: batatas cozidas, molho, verduras e carne para comer. No domingo de manhã, Isaack Louvers fica na frente da igreja e conta em sua língua materna, o zeeuws, as famílias vindas de Drenthe e Groningen (norte da Holanda) como os pequenos agricultores no Espírito Santo têm que trabalhar duro para tirar o seu sustento dos pequenos pedaços de terra cheios de pedra. Depois do culto, um dos fazendeiros de Castrolanda sugere: *“Se você vier trabalhar aqui comigo, você terá uma casa e um bom salário. Aqui tem educação para seu filhos e uma boa assistência médica.”* Mas a saudade aperta. Uma semana longe de casa já é muito.

A cooperativa de Castrolanda e Carambeí mandará dois especialistas em agricultura para Holanda e Garrafão para pesquisar novas possibilidades para os pequenos agricultores.

Projeto da reforma das casas



Algumas famílias de cima e de trás do morro em Holandinha vivem em casas que fazem lembrar as primeiras cabanas dos pioneiros: ruínas, com telhados com infiltrações e paredes de barro despencando. As famílias não têm condições de reformar suas casas ou construí-las novamente. Com apoio das igrejas da Holanda é feito um novo projeto para reformar as casas. Novamente o caminhão do 'vendista' é indispensável para comprar e transportar o material. As próximas semanas

são muito alegres quando um grupo de jovens das colônias no Paraná, em São Paulo e em Holambra chega e, durante 14 dias ajudam a reformar e construir casas. Para os jovens das colônias e da cidade é chocante ver a situação em que vivem as famílias mais pobres em Holanda. Para os jovens de Holandinha, a visita é um acontecimento festivo que quebra a rotina do trabalho na roça. Para os dois grupos, é um período muito agradável com muitas brincadeiras, músicas e dança.



A construção da casa comunitária

Existe a necessidade de uma casa comunitária para todas as pessoas em Holanda, para as pessoas de baixo, de cima e de trás do morro. Uma casa com espaço para encontros de grupos, um consultório, um quarto de dormir e uma cozinha. Com um antigo 'zoetemento' começa a construção em 1978. Apoio financeiro vem da Holanda. Foi solicitado ao 'vendista' comprar o material e levar no seu caminhão para cima. As pessoas providenciam as camas, um fogão e um sofá. As cadeiras para a sala de reuniões são doadas pela colônia holandesa em Holambra, no estado São Paulo. Um desejo antigo, colocado em palavras pelo pastor Wisznat em 1927, está se tornando realidade: "Eles ficariam muito contentes de poder ter entre eles um representante do seu país de origem." E Antônio Laurett suspirava: "Nós já moramos e trabalhamos aqui há anos. Sempre víamos pastores da Alemanha chegando, mas nunca um holandês. Eles nos esqueceram." Agora a capela Holândia finalmente recebe uma casa paroquial e um pastor de meio-expediente da Holanda. Na inauguração no dia 19 de maio de 1979 é celebrada uma grande festa. Descendentes da cidade e de regiões distantes vêm para comemorar juntos. José Laurett toca seu acordeão e se dança como antigamente. O pastor de Santa Maria, Emil Schubert do time Zero Um faz a abertura. O prefeito de Santa Leopoldina, o secretário da agricultura do estado, o presidente do sindicato dos trabalhadores rurais, 'vendistas' e comerciantes também estão presentes. Também dois especialistas em agricultura das colônias no Paraná e o cônsul honorário da Holanda

*Abertura da Casa
Comunitária - 1979*



Brincadeiras de roda em frente da casa comunitária

em Vitória. No meio de todos, aparece um ou outro vereador de Santa Leopoldina que gosta de ser visto. A comunidade Holanda, construída pelos pioneiros de Zeeland, saiu do esquecimento e do isolamento. Ao prefeito é feito o pedido de providenciar um médico e um dentista já que agora existe espaço para o atendimento, e um abaixo-assinado deve pressionar as autoridades para que a eletricidade também chegue lá.

A capela ainda não está registrada na IECLB. O pastor regional da igreja luterana, Albérico Baeske, vem para a comunidade de Holanda no dia 23 de setembro de 1978 e repete a pergunta feita há 50 anos pelo pastor alemão de Luxemburgo: se agora os membros querem inscrever sua capela na IECLB. Quando ele diz que um pastor virá para Santa Leopoldina e que ele também será seu pastor, os membros e o conselho da igreja da Associação Evangélica da Holanda decidem se inscrever.

De julho de 1981 até março de 1982 o estudante de antropologia, Frans Buysse, mora na casa comunitária. Ele pesquisa a integração e a identidade da comunidade de Zeeland em Holanda. Sua presença e os diálogos com ele contribuem sobremaneira para a conscientização dos capixabas holandeses de que eles são descendentes dos Zeeuwen de Zeeuws-Vlaanderen. Frans nasceu na Terra de Cadzand e fala a língua das pessoas. Ele procura as famílias e conversa com elas em suas casas. Todos também gostam de passar na casa comunitária para conversar com ele. No período em que mora em Holanda ele participa de momentos triste e alegres. Depois de sua volta para Zeeland ele cria, com o apoio da Fundação ZEEBRA, um projeto que tem como objetivo dar uma cabra para as famílias pobres em Holanda. Também na Terra de Cadzand os trabalhadores e empregados frequentemente ganhavam uma cabra do fazendeiro.

Muitas famílias ainda não registraram e colocaram a propriedade em seu nome. O governo estimula o registro das terras com a frase: “Quem não registra não é dono.” Mas registrar é caro e tem que se contratar um advogado para provar o direito de posse. Um comerciante rico e letrado com conexões na política tem acesso fácil aos burocratas e consegue ter as oportunidades de registrar as terras, legal ou ilegalmente. Para toda a região da antiga colônia Santa Leopoldina é criado um fundo das Igrejas Reformadas na Holanda para a legalização das terras.

Visita do embaixador

Dois carros oficiais pretos sobem a estrada de chão para São João de Garrafão. O embaixador da Holanda, Sr. Th. M. Schaapveld, e sua esposa fazem uma visita oficial ao Espírito Santo no dia 11 de março de 1982. O embaixador já havia informado às autoridades em Vitória o seu desejo de encontrar os descendentes dos holandeses. Mas eles são de opinião contrária. Provavelmente tinham receios de um encontro no interior onde, assim que acaba o asfalto, também faltam serviços sociais, educação e assistência médica. Os problemas das famílias empobrecidas de agricultores se tornam visíveis e eles podem ser confrontados com um movimento da igreja que poderia incitar o povo contra o regime. O governo em Vitória sugere convidar alguns holandeses para um encontro num restaurante à beira do asfalto. O embaixador insistiu e fez a viagem para o interior em direção a São João de Garrafão com sua comitiva. Holanda fica muito fora da rota de sua visita. A primeira parada é em Rio Posmoser. Lá vinte agricultores pomeranos e holandeses estão reunidos para conscientizá-los dos problemas existentes em relação à legalização das terras, um problema que ainda está sem solução desde a chegada dos imigrantes em 1859.

No Armazém do povo em Garrafão os membros e os capixabas holandeses se reuniram para o encontro. Ao desembarcar, o embaixador recebe uma carta entregue pelo líder do grupo: *“Meus amigos holandeses, nós recebemos Sua Excelência com muita honra e satisfação. Mas, não podemos discutir bem nenhum assunto ou problema neste momento porque as maiores autoridades de nossa comunidade e município estão presentes.”* Com ‘maiores autoridades’ ele se refere ao prefeito, vice-prefeito e representantes dos comerciantes, os donos de vendas, que tentam impedir a legalização do armazém e agora estão na frente para apertar a mão do embaixador. O embaixador, os



No ‘Armazém do povo’

Isaack Louvers entrega sua miniatura do moinho de mandioca para o Embaixador Th. M. Schaapveld.



homens e mulheres tomam seus lugares em cima dos sacos de feijão e de farinha de mandioca. Depois de pequena hesitação, começa o diálogo. Quando o embaixador pergunta com muito interesse sobre a realidade na qual as famílias vivem, todos falam livremente em português, alemão, pomerano e holandês (zeeuws). Ele expressa sua admiração pelo que as famílias conseguiram construir com tanto sacrifício em Garrafão. As famílias do Armazém se sentem fortalecidas em sua luta com o inesperado apoio pessoal e político do governo holandês. Uma visita emocionante, como o próprio embaixador falou no final de sua viagem. No Armazém do Povo os ‘pequenos’ se tornam grandes e os ‘grandes’ pequenos.

Em Holandinha, na casa de Abrão Laurett, é feita uma reunião para a qual somente descendentes dos Zeeuwen são convidados, somente aqueles que ainda falam e entendem o zeeuws. Desta forma os holandeses se separam dos outros moradores de Holanda. Essa reunião entra para a história como ‘a reunião secreta de janeiro de 1982’.

O assunto é a aquisição de uma caminhonete, com apoio da Holanda, de modo que, eles mesmos possam levar seus produtos para o mercado e fiquem independentes dos vendistas. A caminhonete também pode levar doentes para Santa Leopoldina. Primeiro eles decidem que um jovem do grupo tire a carteira de motorista e também construir uma garagem. Eles vão então se tornar uma filial do Armazém do Povo em Garrafão. As decisões devem ser mantidas em segredo, longe do conhecimento dos “grandes”. As Igrejas Reformadas na Holanda e a Fundação ZEEBRA conseguem levantar o dinheiro para a compra da caminhonete. Um ano depois, em 1983, o caminhão é comprado e as primeiras bananas passam em frente à venda diretamente para a feira em Vitória.

*Esquerda: pastor/lavrador
Anivaldo Kuhn*



Pastor e lavrador

Para substituir os missionários, que se despedem dos capixabas holandeses em abril de 1983, Anivaldo Kuhn, descendente de imigrantes alemães, toma a iniciativa de trabalhar em Holanda como agricultor independente. Ele estudou teologia e fazia parte do grupo de teólogos que colocaram em prática a ‘pastoral da convivência’. Eles rompem com a estrutura das paróquias e vão viver e trabalhar como pequenos fazendeiros ou agricultores entre

as famílias pobres para praticar o pastorado junto com eles na mesma realidade. Anivaldo mora alguns dias ou semanas com uma família e depois com a outra e trabalha junto com elas na roça. Dessa maneira ele paga suas despesas e moradia. Divide as alegrias e as tristezas com eles. Faz reuniões de grupo com temas sobre a fé na realidade do dia-a-dia, visita doentes e faz enterros. Ele se esforça para que as pessoas conversem umas com as outras. Um pastor que mora com as famílias e trabalha com elas na roça é realmente excepcional e em toda a região se comenta o assunto. Com o passar dos anos cada vez mais pessoas em Holandinha começam a entender o objetivo da ‘pastoral da convivência’. Durante alguns anos ele também é ‘mestre da colônia’ em Holandinha com um espaço na casa comunitária, construída no local da primeira escola/capela de 1903.

Anivaldo casou-se com Maria, filha de José e Frederica Laurett. Em 1995 ele foi chamado para o pastorado na paróquia de Melgaço.

14. A grama pisada volta a se erguer sempre Holanda e Holandinha

Ainda hoje uma estradinha de terra de 22 quilômetros com muitas curvas perigosas leva da Barra do Mangaraí até Holanda e Holandinha. Em 1975 era preciso se levar um acompanhante para abrir e fechar treze porteiros no caminho. Com alguns dias de chuva, a estrada se transformava em atoleiros, ficava muito lisa e perigosa e a comunidade Holanda ficava totalmente isolada do mundo. A

*Estrada de Holanda
para Holandinha*





Posto médico de Holanda

entrada de Holanda como se fosse um cão de guarda, hoje está em ruínas. Depois da morte de João Reinholz, a venda foi fechada. Os pequenos agricultores de Holandinha vão com seu caminhão diretamente para a feira e as famílias fazem suas compras em Santa Leopoldina ou Vitória.

Aos pés do morro fica o posto de saúde e a escola. Izaura Simora, filha de Altamiro Simora e Catharina Laurett e uma das poucas que ainda falam o zeeuws, trabalha no posto de saúde. Ela presta os primeiros socorros, dá as injeções e os remédios necessários e visita doentes em sua motocicleta. Sandra Reinholz, filha do último dono de venda visita as famílias em Holanda como agente de saúde. Juntas elas estudam à noite para se preparar para a universidade.

A imponente venda de Holanda, hoje está em ruínas



A escolinha de 1942 foi demolida. Uma nova escola foi construída, que nos últimos anos se transformou numa grande escola para toda a região. São oito anos de ensino básico, quatro de ensino médio e à noite uma van parte para Santa Leopoldina transportando os alunos que se preparam para a universidade.

O caminho para Holandinha, sobre o rio Holanda, ainda passa perto da antiga casa do Coronel e da capela católica. Depois de mais ou menos cinco quilômetros, a estrada faz uma curva fechada. Para a direita o caminho leva até o cemitério.

Os túmulos dos pioneiros de Zeeland se foram. Como uma homenagem aos primeiros imigrantes, os moradores empilharam as pedras dos antigos túmulos como um monumento.

A entrada para a esquerda leva ao centro de Holandinha, formado pela capela Holanda, a casa comunitária, um pequeno bar e a casa de Ademar Krieger e Gení Calot (Calot é uma adulteração de Kallaart). Quarenta e três famílias, um total de 172 pessoas, moram nos morros de Holandinha e Holanda.

Não existem mais muitas lamparinas em Holanda e Holandinha. A noite, a luz fria da televisão ilumina as casas, das quais as últimas ainda estão recebendo energia elétrica. A maioria das casas de barro foram derrubadas e outras de pedra foram construídas. A sociedade ainda é formada de pequenos agricultores, meeiros e trabalhadores rurais independentes. Depois do período do café e da mandioca, os agricultores fizeram plantações de bananas com resultados muito incertos. Os mais velhos, que recebem uma aposentadoria do governo, vivem de suas terras e de pequena criação de animais.

Para as famílias de pequenos agricultores ainda é muito difícil sobreviver. Na feira a concorrência é grande e cada vez mais exigências são feitas em relação aos produtos. Eles se uniram na Associação dos Pequenos Agricultores de Holandinha. Os meeiros e os trabalhadores independentes ainda têm que trabalhar duro para sobreviver. Para os jovens não existe futuro em Holanda fora da agricultura. A luta continua. Os mais idosos como José Laurett e Frederica Gröner, que recebem aposentadoria do governo, vivem de sua terra e de uma pequena criação de animais.



*José Laurett e
Frederica Gröner*

A capela de 1928 foi derrubada. A madeira foi toda comida por cupins. Em seu lugar foi construída uma nova em 1996. É uma cópia fiel da antiga com o altar no meio. O bonito chão de azulejos foi doado pela comunidade Santa Leopoldina. Os bancos novos, a pia batismal e o altar de madeira maciça escura foram doados por uma Comunidade cristã na Holanda. O resto a própria comunidade conseguiu por meio de festas, presentes e ajudando na construção.

A casa comunitária, precisando de renovação, é usada pela Associação dos Pequenos Agricultores e pelo sindicato dos trabalhadores como local de eleições, festas, encontros de jovens e outras atividades. As pessoas ‘de baixo’, ‘de cima’ e ‘de trás’ do morro



Jovens com suas motos em frente à nova capela de 1996

têm uma convivência melhor. O terreiro entre a capela e a casa comunitária é usado para festas e para organizar campeonatos de futebol com times de Holanda, Tirol, Luxemburgo, Suíça, Califórnia e outras comunidades. Quando possível, os rapazes e moças compram uma mobilete, o melhor meio de transporte no interior.

Holanda e Holandinha estão ficando verdes. Nos morros árvores, que não podem ser derrubadas, crescem novamente. Vários córregos e cachoeiras correm pela paisagem. O silêncio, o ar puro e a temperatura agradável atraem turistas para Holanda e Holandinha. Quem sabe essa é uma nova possibilidade para o futuro dos jovens.



Depois do culto em frente da capela

Holandinha em números:

Em 2000, a Comunidade Holandinha conta com 172 habitantes, 43 famílias.

Uma média de 4 pessoas por família.

20 na idade de	0 - 10 anos
49	11 - 20 anos
18	21 - 30 anos
34	31 - 40 anos
18	41 - 50 anos
7	51 - 60 anos
18	61 - 70 anos
8	acima de 71 anos

Área: Aproximadamente 950 x 1000ha de terras cultivadas. Uma média de 23ha por família.

92.200 pés de café

44.800 bananeiras

1.500 limoeiros

25 - 30ha mandioca e aipim

15 - 20ha feijão preto

12 - 15ha milho

Igrejas: - Capela Católica com 11 famílias
 - Capela Luterana da IECLB com 22 famílias
 - Capela Luterana IELB (Missouri) com 10 famílias

Casa Comunitária: - atividades religiosas/eclesíásticas

- encontros de jovens

- festas

- seção eleitoral nas eleições

- reuniões da Cooperativa de pequenos agricultores de Holandinha

- encontros do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santa Leopoldina

- INCAPER, Instituto Capixaba de Assistência Técnica e Extensão Rural

Santa Leopoldina

A partir de Barra do Mangaraí, a estrada asfaltada que segue o curso do rio Santa Maria facilita a ligação com Santa Leopoldina, hoje uma bela cidade turística. A cidadezinha fica localizada entre morros cobertos por uma rica vegetação. Hoje, os caminhões pesados que passam pela estreita rua principal causam rachaduras nas antigas fachadas. Eles vêm carregados com frutas e verduras das regiões mais altas como Santa Maria de Jetibá e da 'Mata Fria', São João de Garrafão.

A Comunidade Santa Leopoldina se dedica à restauração das antigas fachadas. Na estreita rua principal ainda é possível ver as antigas e coloridas fachadas. Elas lembram o passado rico, quando se ouvia o barulho do movimento no porto. Pela quantidade de portas que existem nos armazéns e lojas é possível perceber como os comerciantes e compradores eram ricos e como o comércio florescia. O poeta Graça Aranha deu a Santa Leopoldina o bonito nome de: 'filha do sol e das águas'.



As belas fachadas em Santa Leopoldina

Mas, por trás das belas fachadas, se esconde o trabalho quase escravo dos milhares de imigrantes, entre os quais os Zeeuwen da Terra de Cadzand, que para lá foram levados com mentiras e ilusões, e passaram toda a vida presos a um sistema colonial, trabalhando com a enxada para preparar e cultivar suas terras, mas nunca puderam compartilhar das riquezas. As histórias dessas famílias de Zeeland são caracterizadas por decepção e ilusão, mas seus relatos deixam

ver que, apesar da exploração e opressão, sempre achavam forças para novamente se levantar e continuar lutando por uma vida mais digna. “Como grama que é pisada e depois se levanta novamente” dizia Izaak Lauwers.

São João do Garrafão

Até Garrafão a estrada é asfaltada até poucos quilômetros do centro. É uma prova da grande influência que os vendistas tinham nas decisões políticas. Eles achavam ser o centro de Garrafão e por isso o asfalto parava ali mesmo. Agora há eletricidade, telefone e agência dos correios.

Infelizmente o ‘Armazém do povo’ não existe mais. O caminhão que o armazém recebeu foi roubado depois de alguns anos e aconteceram desentendimentos na administração. Abrão Laurett conta com tristeza sobre a perda do Armazém. A escola primária foi expandida para uma escola com oito anos de ensino básico.

A Escola Família, Garrafão

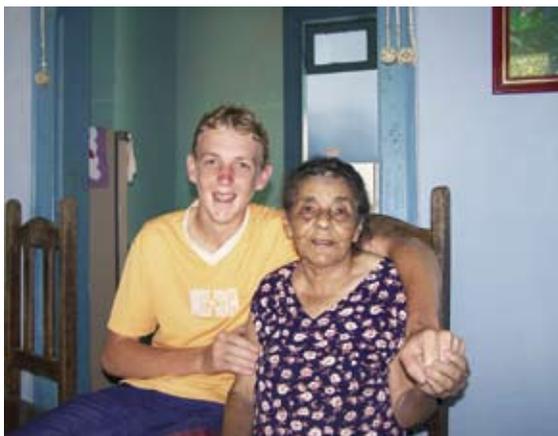


Isaias Hollander, cujos pais moraram em Pau Amarelo, é o professor.

Em 1990 a Escola Família Agrícola é fundada. Pastor Siegmund Berger é um dos fundadores. A atual diretora da escola agrícola é Leonora Boone, nascida em 1968, filha de Maria Pioto e Abraham Boone. Através de uma pequena bolsa, ela conseguiu a oportunidade de estudar na Fundação Diacônica Luterana e na escola de ensino médio em Lagoa Serra Pelada. Primeiro ela trabalhou na paróquia como obreira diaconal e professora na

escola básica. Depois disso foi nomeada professora e diretora da Escola Família Agrícola. Leonora estudou letras na universidade.

Leonora Boone: *“A Escola Família Agrícola começou com 20 alunos na casa de Isaac Lauwers. Quando Isaac não conseguia mais trabalhar na roça, ele colocou suas terras, casa e seu local de trabalho à disposição da escola família e foi morar no centro de Garrafão. Nós dávamos aulas em sua oficina e até mesmo no espaço de seu bonito moinho de mandioca. De vez em quando uma cobra aparecia na sala de aula.”*



Natanael Krieger com sua avó Calot (Kallaart)

De toda a redondeza alunos vêm para a escola família, que em 2005 havia se expandido para uma escola com 175 alunos, 12 professores, dos quais seis são descendentes dos holandeses. Os alunos ficam uma semana na escola e depois passam uma semana em casa onde têm que cumprir tarefas, preferencialmente em conjunto com a família. Um outro grupo de alunos então vem para a escola e ocupa seus lugares. Quando estes voltam para casa depois de uma semana, o primeiro time retorna. Dessa forma, a família inteira é envolvida e adquire conhecimento sobre novos métodos e novas técnicas para a agricultura. Assim, a escola família vivencia de perto a realidade na qual vivem as famílias de agricultores. As crianças não se afastam de casa e podem parcialmente continuar trabalhando na roça. São dadas aulas de informática e música.

A escola criou um grupo de danças folclóricas que faz danças holandesas com tamancos de madeira. Os jovens dançam até criar bolhas nos pés e são convidados para se apresentarem em vários lugares em toda a região. Um dos alunos da Escola Família Agrícola é Natanael Krieger da Comunidade Holanda. Ele está determinado a voltar para Holanda e se dedicar ao desenvolvimento da região.

De volta à Terra de Cadzand

A Igreja Reformada na Holanda (GKN) uniu-se à outra Igreja Reformada e à Igreja Luterana. Elas formaram a Igreja Protestante dos Países Baixos. (PKN) A PKN é parceira da IECLB em vários projetos no Espírito Santo.





Entrevista com Leonora Boone, Nieuwvliet

A partir de 1990, grupos da Holanda visitam regularmente a comunidade Holanda, o que criou um laço de amizade com os capixabas holandeses. Através dessas visitas é formado um ‘Círculo de Amigos’ na Holanda que mantém contato com diversas famílias em Holanda e Garrafão. Num programa de intercâmbio das Igrejas Protestantes na Holanda e da Igreja Luterana (IECLB) no Espírito Santo, em 2004 alguns descendentes dos emigrantes de Zeeland coloca-

ram os pés na Terra de Cadzand pela primeira vez desde 1858. São eles Ademar Krieger e Gení Calot de Holandinha e Leonora Boone de São João de Garrafão. A viagem passa pelo túnel embaixo do Westerschelde, sobre o qual passavam os navios que partiam de Antuérpia e levavam seus antepassados para o distante Brasil. Um momento muito emocionante. O passeio pela Terra de Cadzand é um confronto fascinante e por vezes emocionante com o passado. Leonora acaba pisando no exato lugar onde a família Boone morou e Ademar fica em frente a casa dos Lampiers, nome de sua avó e do marceneiro que desenvolveu a ‘cadeira de Lampier’ na Terra de Cadzand. No centro comunitário em Nieuwvliet, antigamente Sintepier, eles encontram moradores com os mesmos sobrenomes dos de Holandinha. Os jornais anunciam a visita dos holandeses capixabas em página inteira. No domingo de manhã eles são calorosamente recepcionados na antiga Igreja Reformada de Groede. O coral ensaiou uma canção brasileira. No final da celebração Leonora fala em zeeuws para a comunidade. As pessoas se ajeitam nas cadeiras quando escutam ela falando zeeuws. Aplauso ensurdecedor segue. As pessoas entenderam tudo: “Este é o ‘kezands’, a língua dos nossos ancestrais”. Eles estão de volta na igreja onde seus antepassados cantavam salmos, se despediram e oraram por uma viagem segura e um futuro próspero na terra das promessas: Brasil.

Epílogo

“Tem muito trabalho na Europa e possibilidade de ganhar dinheiro”, conta um homem em 2003 na igreja de Santa Teresa. “Como guia turístico eu tenho relações e posso arranjar trabalho, passaporte e passagem. Eu posso levar um pequeno grupo.” Marcilene Laurett vê uma possibilidade de sair da miséria. Ela quase não consegue manter suas duas filhas de catorze e doze anos e quer ganhar dinheiro para pagar os estudos das duas. Marcilene Laurett é descendente de Johannes Laurett e Suzanne Jacobs que partiram ainda

crianças, de Retranchement com seus pais em junho de 1860. Da mesma forma que Abraham de Groote, o guia turístico promete mundos e fundos na Europa. Os antepassados de Marcilene tiveram coragem de partir de seu país pelo futuro dos filhos e agora ela também toma a decisão de partir e assina o ‘contrato de travessia’ que o homem oferece. Ela faz um grande empréstimo para pagar pelo passaporte, pela viagem e pela mediação do guia, e deixa as filhas com uma irmã. Com mais três mulheres ela embarca com o recrutador. Não num navio, mas num avião. O recrutador comprou passagens para a Inglaterra com uma conexão em Amsterdam nos Países Baixos. Mas, chegando em Londres, as mulheres são impedidas de entrar no país e são mandadas de volta a Amsterdam.

Lá o guia dá a cada uma 300 cruzeiros para os primeiros dias e desaparece. Uma mulher vai junto com ele. A outra continua a viagem para a Espanha. Marcilene fica sozinha no aeroporto. O que fazer? Ela escuta um homem telefonando em sua língua e explica a ele toda a situação. O homem liga para uma igreja evangélica onde ela pode ficar nos primeiros dias. Depois a igreja providencia acomodação para ela numa pensão, onde pode ficar por um mês e trabalhar para pagar suas despesas e moradia. Então, através da igreja, ela consegue trabalho na casa de uma família.

Marcilene Laurett conta: *“Eles estão satisfeitos com meu trabalho nos serviços domésticos e como babá das duas crianças, pois estou sempre disponível. Primeiro eu tive que pagar o empréstimo que tinha feito. Eu tive que pagar muito mais do que realmente paguei! Depois de oito meses pude saldar a minha dívida. O mais difícil foi deixar minhas filhas para trás no Brasil. Quando ligava para elas, sempre tinha que chorar. Já estou trabalhando com esta família há quatro anos.”*

O recrutador chegou mais duas vezes com um grupinho de pessoas do Brasil. Ligou para Marcilene e lhe perguntou se poderia receber mais pessoas. Ela ignorou a conversa. Havia feito contato com a mulher que tinha ido para a Espanha, e descobriu que ela entrara para a prostituição.

Em 2006 chegaram em Amsterdam as suas duas filhas com dezessete e quinze anos. Elas estão indo para a escola e já estão bem integradas. Uma pretende estudar direito e, a outra, psicologia e moda, porque quer assumir uma lojinha de roupas no Brasil futuramente.

Marcilene Laurett: *“Agora as coisas vão bem comigo. Principalmente porque minhas filhas também estão aqui desde o ano passado. Nós temos que pagar muito dinheiro pela sublocação do apartamento. Conseguimos nos virar até bem. Mas vivemos na ilegalidade e só saio de casa para trabalhar ou para ir à igreja. A qualquer momento a polícia pode me pegar. Eu acho que tudo aconteceu dessa forma porque sou descendente de holandeses e Deus me colocou nesse caminho aqui na Holanda.”*

15. Os Capixabas Holandeses

O antigo arquivista e ‘kezander’, habitante de Cadzand, Dr. J. de Hullu (1864-1940), foi quem começou a compilar os nomes das famílias que partiram de Zeeuws-Vlaanderen para o Brasil, pesquisando em arquivos públicos e registros de membros de igrejas e anotando tudo em um caderno escolar. Dr. J. de H., como ele assina a sua obra, escreve: “Com a informação dada a mim por pessoas idosas e, através de registros encontrados em livros de membros e registros da população, fiz uma lista com os nomes dos emigrantes, pela qual eu não posso dar garantias, mas que mesmo assim, deixo aqui registrada.”

Em 1966 o padre franciscano Olavo Timmers, missionário no estado de Minas Gerais no Brasil, veio para a Holanda de licença. Ele trouxe uma lista com nomes de zeeuwen e belgas que ele havia copiado de um relatório da Companhia do Mucuri do ano de 1862.

Ex- secretário da comunidade de Aardenburg, Senhor G. A. C. van Vooren compila uma lista em um manuscrito não publicado chamado: “Emigrantes para o Brasil de West Zeeuws-Vlaanderen 1858-1862”, com um suplemento intitulado: “Emigrantes de Zeeland para o Brasil, vindos de Schouwen Duiveland, Zuid Beveland e Oost Zeeuws-Vlaanderen”.

Suas fontes são: a lista de nomes de Dr. J. de Hullu, os nomes que padre Timmers trouxe e o microfilme Zeeland 487370 do Arquivo Latter Day Saints em Salt Lake City, Utah, EUA. Essas listas compreendem um total de 760 pessoas e são a base para essa pesquisa.

Muitos nomes dos emigrantes conseguimos achar no Arquivo Público do Estado do Espírito Santo (APEES) em Vitória e nos

Terra nevada em Cadzand



arquivos das comunidades para onde os zeeuwen foram mandados. Quanto às pessoas não encontradas na lista do APEES, mas sim nos arquivos de Zeeland, não se sabe ao certo se aconteceu um erro no registro ou se faleceram na viagem.

Talvez as famílias que ainda não foram encontradas apareçam através da publicação dessa lista e mais pesquisas. Assim como aconteceu com o senhor Delmar François, do Rio Grande do Sul, Brasil. Ele foi à procura de suas raízes e descobriu que o pai de seu bisavô não era alemão, mas sim holandês. E Brigitte Brandenburg de Joinville no estado de Santa Catarina que, através de uma lista de falecimentos encontra alguns zeeuwen em Annaburg (Joinville).

Nomes de famílias que chegaram às colônias no Rio Grande do Sul nós encontramos em 'Povoadores do Rio Grande do Sul, 1857-1863' do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, EST Edições, Porto Alegre 2004.

Por ano de chegada:

1858	destino Colônia Rio Novo	60
	Colônia militar Urucu	77
	Santa Maria de Soledade	53
	Nova Petrópolis	17
	Joinville	56
	Desconhecido	73
1859	destino Colônia Santa Leopoldina	62
	Santa Maria de Soledade	8
	Colônia Sante Ângelo	5
	Desconhecido	13
1860	destino Colônia Santa Leopoldina	75
	Colônia Santa Cruz	7
	Desconhecido	49
1861	destino Santa Leopoldina	70
	Desconhecido	73
1862	destino Santa Leopoldina	36
	Desconhecido	26
Total		760

As listas mencionam de quais igrejas os membros saíram. 83,7% eram da Igreja Reformada da Holanda (Nederlands Hervormd – NH), 1,8% eram Luteranos (E.L.) e 14,5% católicos (R.K.).

De toda a Holanda também partiram no mesmo período muitos fugitivos religiosos. Eram pessoas que saíram da Igreja Reformada, a igreja do estado, e partiram em grupos para a América do Norte. Esse não era o caso dos zeeuwen de Zeeuws-Vlaanderen que emigraram para o Brasil.

O destino de 519 emigrantes conseguimos descobrir.

Dos outros 241 o destino ainda é desconhecido.

As fotos de famílias abaixo foram colocadas à disposição por descendentes de algumas famílias de emigrantes.



Izaak Fremouw, Janna van Schaffel e avó Pieterrella van Schaffellen-Risseeuw



Izaak Lempier e Aaltje van Schaffel



Casal Holandês



Família Louwers



Família Jacobs



?



João Boone e Pieternella van Schaffel



Casal Kallewaard



Bram Boone, Pedro van Schaffel, Jacob Louwers, um primo, João van Schaffel



?



?



?



Casal Heule-Lauret



Joana Boone-Lauret, Bertha e Catharina Boone



Casamento Abraão Lauret e Adalina Reinholz



Família João Boone e Sara van Rost (Aalst)



Festa de batizado família Louwers



*Abrão Smoor,
Elizabet Badke
e família
de seus filhos*



Família Lauret-van Schaffel na varanda a senhora Maria Lauret

Ano de 1858

Chegando à Colônia Rio Novo

Partiram de Antuérpia, a data é desconhecida, provavelmente com o navio belga ‘Cesar’ e tendo como capitão M. J. Coudere. Na lista do Arquivo Público do Espírito Santo (APEES) esse navio aparece junto ao nome do emigrante Albregts. No Rio de Janeiro os emigrantes embarcaram no barco a vapor Dom Affonso e foram levados para o porto de Itapemirim, onde chegaram no dia 24 de junho de 1858 e se estabeleceram na Colônia Rio Novo.

Albregts Johan	Joseph	41 anos	(não foi encontrado em nenhuma lista de Zeeland)		
Arends	Marcelis	36 anos	N.H.	Oosterland	
Arends	Adriana	30 anos			
Arends	Trijntje	10 anos			
Arends	Mien	4 anos			
Arnoudse	Jeremias	39 anos	N.H.	Oosterland	
de Waal	Peternella	35 anos			
Arnoudse	Peter	5 anos			
Arnoudse	Jacob	4 anos			
Arnoudse	Adriana	0 anos			
Bapeveld	Maria	24 anos	não casada	N.H. Zierikzee	
Boeke	Marinus Hendrik	20 anos		N.H. Zierikzee	
(Do Arquivo de Zeeland: falecido em 10/06/1870 em Rotterdam)					
Gastel van	Reinier	54 anos	cesteiro	R.K.	Zierikzee
Gastel van	Johanna	41 anos			
Gastel van	Anne C.	19 anos			
Gastel van	Johan Peter	16 anos			
Gastel van	Apoline	14 anos			
Gastel van	Algonde	13 anos			
Gastel van	Joseph	8 anos			
Gastel van	Mariet	7 anos			
Gastel van	Marienna	6 anos			
Geysen	Caspar	23 anos	solteiro		
Koopman	Jan	32 anos	N.H.	Ouwkerk	
Koopman	Cornelia	27 anos			
Koopman	Johanna	3 anos			
Koopman	Johan	0 anos			
Kooyman	Lambregt	48 anos	N.H.	Nieuwerkerk	
Hageman	Lena	44 anos	parteira		
Kooyman	Dirkie	17 anos			
Kooyman	Cornelio	13 anos			
Wuyens	Wilhelmine	23 anos	Filha de casamento anterior da mães casamento pai (viúvo) e mãe (viúva) no dia 03/04/1857		
Nijs	Adriaan	51 anos	ferrador	Zierikzee	
Nijs	Adriana	19 anos			

Riemann	Jacob	25 anos	solteiro	
Roest v.d.	Matthijs	31 anos	N.H.	Ouwerkerk
Roest v.d.	Cornelia	40 anos		
Roest v.d.	Dirk	19 anos		
Roest v.d.	Nicolaas	17 anos		
Roest v.d.	Mathijs	15 anos		
Roest v.d.	Johan	12 anos		
Roest v.d.	Pieterrella	9 anos		
Roest v.d.	Cornelio	6 anos		
Roest v.d.	Adriana	1 anos		
Poortvliet van van Oost	Adriaan	31 anos	N.H.	Nieuwerkerk
	Stophelina	41 anos		
Hollander	Clasina	20 anos		
Hollander	Maria	16 anos		
Hollander	Johan	14 anos		
Van Oost	Cornelio	7 anos		
Poortvliet van	Mariano	7 anos		
Poortvliet van	Cornelio	6 anos		
Poortvliet van	Cornelia	1 anos		
	Casamento pai (viúvo) e mãe (viúva) no dia 22-11-1855			
Visser	Jan	31 anos	N.H.	Oosterland
Laban	Neeltje	25 anos		
Visser	Willem	3 anos		
Visser	Adriaan	38 anos	N.H.	Oosterland
Visser	Pieterrella	29 anos		
Visser	Wilhelmina	4 anos		
Visser	Johanna	3 anos		
Visser	Cornelia	0 anos		

Chegada na Colônia Militar do Urucu:

Em junho de 1858, segundo um relatório da Companhia do Mucuri, chegaram 162 imigrantes holandeses e belgas no porto de São José do Porto Alegre na foz do rio Mucuri. Das quinze famílias holandesas registradas em listas brasileiras, duas não aparecem na lista de emigrantes de Zeeland: as famílias de Abraham Jonker e de Adriaan de Jong.

Brouwer	Gerhardus com esposa e 6 filhos	41 anos	N.H.	Renesse
Hagesteyn	Jacob com esposa e 5 filhos	39 anos	N.H.	Bommenede
Koole	Anthony com esposa e 1 filho	29 anos	N.H.	Zonnemaire
Koole	Cornelis com esposa e 6 filhos	37 anos	N.H.	Zonnemaire

Krijgsman	Leendert Kaatje e 4 filhos	44 anos	N.H.	Renesse
Maas van der	Pieter com esposa Joana e 2 filhos	38 anos	N.H.	Schouwen
Ree v.d. Roks	Jan Dina en 5 filhos	37 anos	N.H.	Zierikzee
Slabbekoorn	Hendrik com esposa e 5 filhos	35 anos	N.H.	Kruiningen
Turelure Syrier	Jan Johanna e 4 filhos	43 anos	N.H.	Nieuwerkerk
Vermeule	Hubrecht com esposa e 4 filhos	60 anos	R.K.	Schore
Vermeulen	Marinus com esposa e 2 filhos	32 anos	N.H.	Kruiningen
Wagemaker	Andries Kaale	31 anos, ber.: stamper meelstoof Cornelia en 3 kinderen	N.H.	Bommenede,
De With	Jacob com esposa e 4 filhos	40 anos	N.H.	Noordwelle

Chegada na Colônia Santa Maria de Soledade, no estado do Rio Grande do Sul (RS)

Segundo a lista de passageiros do porto do Rio Grande do Sul, as pessoas abaixo relacionadas chegaram no dia 4 de julho de 1858 com o veleiro Aurora de Antuérpia e foram enviadas para a colônia Santa Maria de Soledade, RS. Eles foram recrutados pela empresa Montravel, Silveira e CIA.

van As	Cornelis	41 anos	N.H.	Oosterland
Dorst filhos	Cornelis com esposa Marina Maria, Adriana, Jacob, Jeremias	33 anos	N.H.	Oosterland
Reeleman	Willem	26 anos	N.H.	Oosterland
Snijders	Johannes com esposa Pietertje filhos Adriaantje, Lena, Thomas Johannes com 2 anos faleceu durante a viagem	29 anos	N.H.	Oosterland
de Valk	Job com esposa Maria filhos Maria en Janna	45 anos, ferrador	N.H.	Nieuwerkerk

Verhoek	Johannes com esposa Jacoba filhos Wouter, Jacoba, Leendert, Frederik en Adriaantje	37 anos	N.H.	Oosterland
---------	--	---------	------	------------

Pessoas abaixo relacionadas chegaram no dia 05/09/1858 no porto do Rio Grande (RS) com o navio Monnickendam sob comando do capitão Flick. Recrutados por Montravel, Silveira e CIA tendo como destino colônia Santa Maria de Soledade.

van Dalen	Pieter com esposa Maria filhos Wilhelmina, Johanna, Cornelia, Adriana e Johannes	43 anos	N.H.	Haamstede
-----------	--	---------	------	-----------

Dierings	Jannis	22-04-1806	N.H.	Cadzand
Neufeglese	Cornelia	18-06-1806		
Dierings	Abraham	12-03-1836		
Dierings	Machiel	20-05-1840		
Dierings	Pieter	24-07-1844		
Dierings	Adriaan	26-03-1846		
Dierings	Izaak	15-05-1848		
Dierings	Suzanna	17-04-1854		
Dierings	Carolina	10-07-1829		Breskens

Vermeulen	Jacob	22-03-1821	açougueiro	N.H.	Breskens
Françoise	Maria	08-08-1821			
Françoise	Christiaan	08-10-1847			
Vermeulen	Willem Jannis	21-09-1851			
Vermeulen	Pieter Corn.	13-11-1855			

Chegaram no Rio Grande no dia 25/11/1858 com o navio Agatha de Antuérpia, recrutados por Montravel, Silveira e CIA destinados para a colônia Santa Maria de Soledade:

Verguts	Joh.Baptist com esposa Dorothea filhos Frans en Joh.Baptist.	31 anos	R.K.	Bosch Kapelle
---------	--	---------	------	---------------

No dia 26/01/1858 ainda chegou no porto de Rio Grande (RS) a família abaixo com o navio Anneberg e recrutada por Montravel, Silveira e CIA. Destinados para Santa Maria de Soledade.

Françoise	Cornelis	27-07-1826	ferrador	N.H.	Nieuwvliet
Boekhout	Fraancina	02-03-1825			
Françoise	Cornelis	01-06-1854			
Françoise	Jannis	07-01-1857			

Colônia Nova Petrópolis (RS)

No dia 28/11/1858 as seguintes pessoas chegaram ao porto de Rio Grande com o barco 'Princesa de Joinville'. Todos destinados à colônia Nova Petrópolis com uma quantia em dinheiro para compensar as despesas paga pelo governo.

Boone	Charles Josephus	08-02-1816	R.K.	Hoofdplaat
de Grootte	Maria	15-12-1824		
Boone	Levinus Petrus	13-03-1842		
Boone	Filomena	27-08-1848		

Boone	Gustavus	20-01-1852		
Boone	Agatha Francisca	07-11-1857		
Claijs	Jacobus	02-04-1819	R.K.	Hoofdplaat
Krebbekx	Maria Francisca`	21-05-1821		
Claijs	Petrus Augustinus	04-03-1849		
Claijs	Amelia	29-07-1850		
Claijs	Jacobus Bernardus	06-04-1858		
Krebbekx	Carolina	28-03-1813	R.K.	Hoofdplaat
Krebbekx	Bernardina Francisca	24-08-1838		
de Poorter	Pieter Johannes	1823	R.K.	Hoofdplaat
Krebbekx	Predantina	03-02-1828		
de Poorter	Leonadius	09-08-1851		
de Poorter	Augustinus	04-08-1853		

Colônia Dona Francisca (Joinville) (SC)

No estado de Santa Catarina, segundo um relatório de 1864 sobre a Colônia Dona Francisca (rua Pirahy) as seguintes famílias de Zeeland que partiram em 1858 forma reconhecidas.

Bogaard	Pieter	23-01-1813	N.H.	Cadzand
De Wagemaker	Tannetje	14-06-1820		
Bogaard	Sara Magdalena	21-12-1842		
Bogaard	Maria	13-11-1847		
Bogaard	Magdalena	02-08-1849		
Bogaard	Tannetje	23-04-1824		
Bogaard	Pieter Johannes	12-09-1855		
Bogaard	Anthonetta	13-04-1858		
van den Broecke	Adriaan	10-01-1815	N.H.	Cadzand
de Veij	Pieterrella	02-04-1815		
van den Broecke	Jacob	09-11-1840		
van den Broecke	Adriaan	02-07-1844		
van den Broecke	Leendert	02-09-1846		
van den Broecke	Cornelia	20-02-1842		
van den Broecke	Pieter	02-04-1850		
van den Broecke	Jannis	02-04-1850		
van den Broecke	Marinus	04-10-1851		
van den Broecke	Daniel	13-07-1854		
van den Broecke	Izaak	08-10-1857		
van den Broecke	Carolus	14-04-1838	R.K.	IJzendijke
Driessen	Philip	14-08-1818	R.K.	Schoondijke juli 1858
Bakkeljouw	Sophia Pieter.	21-01-1822		
Driessen	Petrus	24-12-1847		
Driessen	Charles Lois	15-08-1853		
Driessen	Emelia Maria	10-12-1850		
Driessen	Frederika	16-10-1853		
Driessen	Johannes Franc.	13-08-1856		

Noorthoek	Cornelis com esposa 6 filhos	47 anos	N.H.	Ouwerkerk, Schouwen D.
de Oude	Krijn com esposa 3 filhos	37 anos	N.H.	Haamstede, Schouwen D.
van Vessum	Jan com esposa 4 filhos	36 anos	N.H.	Ouwerkerk, Schouwen D.
Verkruisje Morel	Pieter Johannes Francisca	08-03-1805 28-05-1812	N.H.	Nieuwvliet
Verkruisje	Pieter Johannes	12-11-1841		
Verkruisje	Daniel	13-10-1847		
Verkruisje	Jacoba	22-09-1844		
Verkruisje	Suzanna	15-07-1853		
Wensch	Jacob	18-01-1815	N.H.	Cadzand
de Rooij	Janneke Maria	30-03-1831		
Wensch	Abraham	06-09-1850		
Wensch	Maria	04-05-1857		

Colônia Santo Ângelo (RS)

Chegaram ao porto de Rio Grande no dia 15/08/1859 com o navio Marquês de Caxias. Com o barco Rio Pardense chegaram à Colônia Santo Ângelo em 26/08/1858.

Valstar	Dirk com esposa 3 filhos	36 anos	N.H.	Kruiningen
---------	-----------------------------	---------	------	------------

Onde ficaram essas famílias?

Backs	Adrianus com esposa 9 filhos	33 anos	R.K.	Kruiningen
Boogert	Jan com esposa 5 filhos	42 anos	N.H.	Renesse
Hardekaas	Jacob com esposa 3 filhos	40 anos	N.H.	Noordwelle
Heerenthals	Pieter	31 anos	N.H.	's Heerenhoek
Hollenbert	Joos com esposa 1 kind	48 anos	N.H.	Waarde
van Immerseel	Josephus com esposa 5 filhos	34 anos	R.K.	Kruiningen
van Immerseel	Judocus com esposa 3 filhos	35 anos	R.K.	Graauw
van Kampen	Pieter com esposa 2 filhos	37 anos	N.H.	Haamstede
Knape	Jan	32 anos	N.H.	Renesse
Koole	Jan	70 anos	N.H.	Zonnemaire
Koole	Jan	21 anos	N.H.	
Leydekker	Johannes	26 anos	R.K.	Zierikzee
Must	Jacob	28 anos	N.H.	Zonnemaire

Oorse	Willem	36 anos	N.H.	Noordwelle
Otte	Marinus	28 anos	N.H.	Oosterland
	com esposa 1 kind			
Roudon	Pieter	40 anos	R.K.	Zierikzee
Schietekatte	Tonis	36 anos	N.H.	Bommenede
	com esposa 5 filhos			
van de Vate	Marina	44 anos	N.H.	Oosterland
van der Velde	Leendert	25 anos	N.H.	Renesse
	com esposa 2 filhos			
Versluys	Adriaan	43 anos	N.H.	Haamstede
	com esposa			
Vis	Lena	22 anos	N.H.	Zonnemaire

1859

Colônia Santa Leopoldina, Espírito Santo (ES)

Partiram, provavelmente, em março de 1859 no navio 'Gemse' de Antuérpia para o Rio de Janeiro. Chegaram no dia 16 junho de 1859 ao porto de Vitória.

Bancaert	Pieter	17-03-1806	R.K.	Groede	29-03-1859
Freijne*	Clementia S.	21-07-1830			
Bancaert*	Rosalía S.	26-09-1856			
Bancaert	Dominicus	30-06-1858			
	* não foram encontrados na lista do APEES.				
de Bruijne	Pieter Joannis	22-03-1824	R.K.	Groede	26-02-1859
Stoens	Maria Theresia	29-09-1823			
de Bruijne	Dominicus H	27-03-1856			
de Bruijne	Stephania	12-12-1857			
Senie*	Peter	01-03-1839	N.H.		
	*filho do casamento anterior da mãe				
la Gasse	Pieter	30-09-1821	N.H.	Zuidzande	25-02-1859
Tack	Sara Francisca	31-05-1823			
la Gasse	Matth.Jacobus	01-05-1855			
Timmerman*	Janneke	30-10-1844			
Tack*	Jac. Mattheus	26-04-1850			
la Gasse	Janis Daniel	19-03-1857			
	*filhos do casamento anterior da mãe				
la Gasse	Jannis	24-12-1828	N.H.	Zuidzande	25-02-1859
Crince	Magdalena	12-01-1821			
la Gasse Mattheus	13-09-1857				
Laire* Adriana	14-10-1792				
	*não foi encontrado na lista do APEES				
v.d. Gast	Jannis	21-03-1829	N.H.	Nieuwvliet	26-02-1859
v.d. Gast	Sara (irmã)	25-09-1835			
de Gillike Jannis	22-03-1828	N.H.	Nieuwvliet	26-02-1859	

de Kubber	Magdalena	29-03-1831		
de Kubber*	Jannis Josias	11-01-1851		
de Gillike	Magdalena	02-07-1854		
de Gillike	Abraham	31-01-1856		
de Gillike	Jacob	01-03-1858		
	*filho do casamento anterior da mãe			
de Gillike*	Abraham	28-11-1796		
Dekkers *	Maria	20-10-1801		
	*Na lista do APEES as idades são 17 e 11 anos mais novo			
van Hee	Pieter	30-07-1831	N.H.	Retranchement 24-03-1859
van Hee	Elizabeth	13-09-1837		
van Hee	Maatje	?		
van Hee	Pieterrella	?		
Jacobs	Jannis	26-05-1822	N.H.	Cadzand 19-02-1859
la Gasse	Cornelia	21-10-1824		
Jacobs	Adriana	09-02-1847		
Jacobs	Suzanna	28-10-1848		
Jacobs	Johannes	30-09-1853		
Jacobs	Izaak	18-03-1855		
Jacobs	Jannis	17-06-1857		
Lambregtsen	Arie	31-08-1820	N.H.	Groede 26-02-1859
Hermenet	Cornelia	? - ? -1818		
Lambregtsen	Cornelia	? - ? -1854		
Lambregtsen	Maria	? - ? - 1857		
Mabelus	Jacob	19-06-1813	N.H.	Zuidzande
Porreij	Maria Johanna	21-08-1823		
Mabelus	Cornelia	31-05-1849		
Mabelus	Pieter	10-06-1851		
Mabelus *	Maria	04-04-1854		
Mabelus	Jacob	31-05-1856		
	*não aparece na lista do APEES			
Theunisse	Izaak	08-06-1824	N.H.	Zuidzande 25-02-1859
de Visser	Janneke	15-03-1819		
Theunisse	Suzanne	22-02-1846		
Theunisse	Sara	30-12-1846		
Theunisse	Izaak	15-12-1848		
Theunisse	Janneke	07-02-1852		
Theunisse	Elizabeth	17-09-1857		
Verduijn	Jan	24-12-1824	N.H.	Nieuwvliet 26-02-1859
v. Houte	Maria Cornelia	30-11-1824		
Verduijn	Jannis	22-08-1848		
Verduijn	Abraham	05-05-1853		

Verduijn	Jacobus	10-01-1856
Verduijn	Izaak	26-01-1859

Segundo o Arquivo de Zeeland, Johannes Phil Risch faleceu na Colônia Santa Maria de Soledade. Essa família partiu no dia 29 de abril de 1859 de Groede.

Risch	Johannes Phil.	02-10-1819	E.L.	Groede 29-04-1859
Bril	Janneke	24-12-1819	N.H.	
Risch	Daniel Cornelius	16-05-1848	E.L.	
Risch	Janneke	01-10-1843		
Risch	Johanna Cath.	18-10-1949		
Risch	Maria Sara	28-06-1853		
Risch	Johannes Filipus	19-11-1855		
Risch	Lambertus Chr.	23-08-1857		

Onde ficaram essas famílias?

Goedhals	Elizabeth	19-03-1832	N.H.	Oostburg 24-03-1859
Goedhals	Pieterrella	25-01-1858		
van Grol	Lambertus	23-02-1833		
van Grol	Catharina	25-02-1836		
van Grol	Maria	22-07-1842		
van Grol	Pieter	19-08-1845		
van Grol	Anna	25-11-1855		
Hennekeij	Dina Magdalena	04-08-1808	N.H.	Nieuwvliet 26-9-1859
Hennekeij	Izaak	26-01-1859		
Jansen	Pieter	18-04-1809	N.H.	Retranchement 30-3-1859
de Meij	Nelia Francisca	10-11-1820		
Jansen	Anna Pieterrella	21-09-1844		
Jansen	Jacob	17-04-1852		
Jansen	Adriana Corn.	31-03-1855		
Jansen	Johanna Maria	28-11-1857		
van Lare	Abraham	13-02-1845	N.H.	Retranchement 29-03-1859
Scheerens	Maria	17-01-1836	N.H.	Retranchement 29-03-1859
Vinke	Jacomina	02-04-1821	N.H.	Retranchement 29-03-1859

1860

Colônia Santa Leopoldina (ES)

Partiram de Antuérpia no navio 'Race Horse' para o Rio de Janeiro. Com o barco 'Mucury' chegaram ao porto de Vitória no dia 5 de junho de 1860 tendo como destino Colônia Santa Leopoldina.

Andriessen	Izaak	01-01-1816	N.H.	Zuidzande 10-02-1860
van Ouwerkerk	Francina Corn.	30-03-1822		
Andriessen	Pieterrella Corn.	29-05-1847		
Andriessen	Cornelia	29-08-1848		
Andriessen	Pieter	12-06-1852		
Andriessen	Catharina	06-12-1853		
du Bois*	Izaak	18-07-1803	N.H.	Nieuwvliet 10-02-1860
du Bois	Pieter	09-03-1832		
du Bois	Francina	21-08-1857		

du Bois**	Izaak	04-12-1858		
	*conforme a lista do APEES nasceu em 1816			
	**não aparece na lista do APEES			
Boone	Izaak	19-10-1832	N.H.	Nieuwvliet 10-02-1860
du Bois	Sara	13-10-1835		
Boone	Izaak	28-06-1856		
Boone	Jannis*	19-08-1858		
Boone	Abraham	13-09-1859		
	*não aparece na lista do APEES			
Catseman	Jacob*	25-05-1800	N.H.	Ijzendijke 04-02-1860
Catseman	Jannis	08-06-1831		
Bruijsschaut	Elizabeth	11-10-1827		
Catseman	Catharina Jacoba	22-04-1826		
Catseman	Jacoba	29-04-1835		
Catseman	Janneke**	30-05-1851		
Catseman	Christiaan**	15-03-1854		
	*Jacob é na lista do APEES 10 anos mais jovem			
	**Não aparecem na lista do APEES. Christiaan Catseman faleceu aos 6 anos de idade em Antuérpia antes da partida.			
Eekhout	Jannis	06-09-1826	N.H.	Retranchement 10-02-1860
van Hee	Elizabeth	01-11-1831		
van Hee	Suzanna Francina	08-10-1858		
Fremouw	Izaak	10-11-1837	N.H.	Zuidzande 10-02-1860
Van Schaffel	Janna	10-02-1838		
Fremouw	Jannis	03-01-1860		
Hoevenaar	Abraham	03-10-1818	N.H.	Cadzand 10-02-1860
Baas	Catharina	01-04-1821		
Hoevenaar	Janna Catharina	01-04-1847		
Hoevenaar	Adriana	27-12-1850		
Hoevenaar	Katholijntje	16-09-1852		
Lampier*	Jozias	04-03-1810	N.H.	Zuidzande 10-02-1860
v. Ouwkerk*	Pieterrella Sara	31-07-1812		
Lampier	Izaak	31-08-1844		
Lampier	Francina	28-11-1845		
Lampier	Suzanna	26-09-1838		
Lampier	Pieter Jacobus	31-07-1850		
Lampier	Pieterrella Sara	17-01-1853		
Lampier	Kathalijntje	25-10-1854		
Lampier	Catharina	05-03-1857		
Lampier	Sara Pieterrella	30-08-1837		
Lampier	Elizabeth	13-12-1839		
Aalst van	Jannis	07-02-1837	parente	

Aalst van	Kathalijntje	06-05-1859		
	*5 anos mais jovem na lista do APEES			
Lauret *	Abraham Jannis	03-08-1800	N.H.	Retranchement 10-02-60
van de Gazelle*	Elisabeth	07-06-1811		
Lauret	Neeltje	08-05-1841		
Lauret	Anthony	30-10-1842		
Lauret	Josias	04-05-1846		
Lauret	Abraham Jannis	11-02-1848		
Lauret	Jannis	23-08-1849		
Lauret	Pieter	01-04-1852		
de Vleeschouwer	Jozina	15-03-1846	filha do casamento anterior da mãe	
	* na lista APEES pai 15 anos e mãe 7 anos mais jovens			
Louwers *	Pieter	15-02-1831	N.H.	Cadzand 10-02-1860
de Bruijne	Janneke Loisa	16-10-1830		
Louwers	Maria	22-12-1853		
Louwers	Pieter	04-12-1858		
	* Pieter Louwers faleceu no Rio de Janeiro e Janneke de Bruyne se casou novamente com Bram Hese de Santa Maria.			
Lucieer	Charles	04-04-1801,	alfaiate N.H.	Retranchement 10-02-1860
van Hee	Suzanne	22-02-1819		
Wisse	Suzanna Maria	22-09-1849,	filha do casamento anterior da mãe	
Risseeuw	Pieterrella	12-01-1812	N.H.	Zuidzande 10-02-1860
	Viúva de Izaak van Schaffel*			
van Schaffel	Abraham	? - ?-1840		
van Schaffel	Aaltje	21-01-1844		
van Schaffel	Pieterrella	08-10-1845		
	*na lista do APEES 5 anos mais jovem			
Zonville	Maria,	08-04-1814	N.H.	Zuidzande 10-02-1860
	Viúva de Jozias Marinus Smoor			
Smoor	Abraham Johannes	01-06-1842		
Smoor	Jozias Kornelis	30-11-1843		
Smoor	Agatha Emelia	01-01-1845		
Smoor	Jozina Johanna	27-07-1846		
Smoor	Johannes	26-09-1848		
Smoor	Jacobus Johannes	23-08-1854		
Smoor	Magdalena Maria	16-08-1852		
Theunisse	Maria	02-09-1830	N.H.	Zuidzande 08-02-1860
Theunisse	Willem	19-09-1856		
Theunisse	Jannis	14-09-1859		

Colônia Santa Cruz (RS)

Partiram de Antuérpia na escuna 'Express' através de Daniel Stienmann&Cia e com um contrato do governo da província. Depois de uma viagem de 91 dias chegaram ao porto de Rio Grande e partiram no sábado dia 15 de julho para a Colônia Santa Cruz.

Dattijn	Pieter Jacon	25-10-1826	N.H.	Groede 12-03-1860
de Visser	Maria	12-11-1826		
Dattijn	Elizabeth	05-09-1852		
la Gasse	Daniel	04-11-1823	N.H.	Oostburg 01-07-1860
Nortier	Maria	24-05-1831		
la Gasse	Abraham Anth.	17-09-1853		
la Gasse	Anthony Joh.	29-08-1855		

Onde ficaram essas famílias?

du Bois	Pieter	25-06-1826	N.H.	Zuidzande 18-12-60
van Hee	Johanna	29-03-1819		
du Bois	Abraham	10-12-1850		
du Bois	Jannis	28-03-1852		
du Bois	Maria Helena	10-06-1853		
du Bois	Suzanna	23-01-1855		
du Bois	Pieter	22-07-1857		
du Bois	Jozina	03-11-1858		
du Bois	Izaak	15-03-1860		
Dumez	Adrian	08-10-1807	N.H.	Nieuwvliet 24-02-1860
Deij	Cornelia	27-07-1811		
Dumez	Cornelia	13-11-1846		
Dumez	Jacob	01-01-1851		
Dumez	Adriana	01-05-1849		
Mabelus	Elizabeth	08-04-1849	N.H.	Zuidzande 10-12-1860
le Mahieu	Abraham	13-11-1826	N.H.	Cadzand 10-02-1860
la Gasse	Katharina	28-06-1815		
le Mahieu	Izaak	16-01-1854		
Israel	Katharina	09-08-1835		
Israel	Jacob	27-05-1837		
le Mahieu	Maria	15-10-1852		
le Mahieu	Abraham Louis	07-09-1854		
le Mahieu	Elizabeth	30-01-1856		
Israel	Johannes	18-03-1856		
De Maker	Izaak	06-04-1795	N.H.	Cadzand 05-03-1860
de Ruijsscher	Magdalena Joh.	25-05-1812		
Neuféglise	Joseph	25-11-1833	N.H.	Cadzand 10-03-1860
De Boo	Magdalena	06-11-1822		
Neuféglise	Abraham	16-11-1856		
Neuféglise	Joseph	19-07-1859		

Notebaart	Izaak	1812	N.H.	Breskens 12-03-1860
Kerwis	Wilhelmina L.	05-11-1818		
Notebaart	Magdalena A.	25-08-1842		
Notebaart	Suzanna C.	19-01-1845		
Notebaart	Janna	04-11-1850		
de Roo	Jannis	06-11-1816	N.H.	Nieuwvliet 09-03-1860
Hennekeij	Magdalena	22-09-1825		
de Roo	Jannis	29-07-1848		
de Roo	Catharina	17-10-1850		
de Roo	Jacob	17-05-1856		
de Roo	Jozina	20-06-1853		
Vonhout	Franciscus	29-08-1823	N.H.	IJzendijke 10-03-1860
Kroes	Francina	17-04-1819		
Vonhout	Pieter Johannes	24-08-1852		
Vonhout	Sara Johanna	08-11-1858		
Wattée	Cornelis	03-04-1830	N.H.	IJzendijke 29-03-1860
Smisaert	Sophia	13-03-1834		
Wattée	Eduard	20-02-1856		
Wattée	Leonie Clementia	06-11-1858		

1861

Colônia Santa Leopoldina (ES)

Partiram de Antuérpia no navio ‘Susanna’ em direção ao Rio de Janeiro. Chegaram ao porto de Vitória no dia 22 de abril de 1861 com o barco ‘São Mateus’:

Barra	Pieter	1815	R.K.	Schoondijke 31-01-1861
de Die	Johanna	4-04-1821	N.H.	
Barra	Sophia Catharina	20-08-1844	R.K.	
Barra	Angelina Johanna	06-08-1850	R.K.	
Barra	Catharina Maria	19-05-1852	R.K.	
Barra	Julia Sophia	31-12-1854	R.K.	
Barra	Pieter Johannes	20-05-1858	R.K.	
Barra	Louisa Cornelia	08-09-1859	R.K.	
Crince	Abraham	1833	N.H.	Groede 01-02-1861
Valkenier	Pieterrella	09-09-1840		
Israel	Jacobus	19-03-1835	N.H.	Zuidzande 18-12-1860
Israel*	Elizabeth	1839		
	* aparece na lista do APEES como sendo sua esposa e os dois foram inscritos em 1885.			
de Mersseman	Jozina Catharina	16-02-1838	N.H.	Oostburg 01-02-1861
de Mersseman	Catharina Jozina	26-12-1839		
de Mersseman	Jansje	08-12-1841		
Chambery	Pieterrella	29-08-1815	mãe das filhas Mersseman	

Smit	Jan (ter Veen?)	1816		
Valkenier	Abraham	19-08-1816	N.H.	Groede 01-02-1861
Smoor	Johanna	08-03-1819		
Valkenier	Jozias Cornelis	29-09-1842		
Valkenier	Agatha Amelia	23-08-1838		
Valkenier*	Pieter	11-11-1846		
Valkenier	Jacob	11-11-1850		
Valkenier	Johanna	03-06-1856		

* Casou em 1867 com Dina Maria den Hollander no dia 24-12-1912.
Afogou em New York, USA.

de Wagemaker	Pieter	27-01-1822	N.H.	Groede 03-02-1861
Wisse	Maria	29-12-1814		
de Wagemaker	Pieter Jacobus	06-08-1848		
de Wagemaker	Adriana Magd.	02-06-1844		
de Wagemaker	Tannetje	12-06-1850		
de Wagemaker	Maria	10-11-1851		
de Wagemaker	Abraham	30-07-1856		

Partiram de Antuérpia no navio ‘Miranda’ para o Rio de Janeiro. Chegaram ao porto de Vitória no dia 22 de abril de 1861 com o barco ‘São Matheus’, tendo como destino Colônia Santa Leopoldina.

Kallaart	Abraham	03-05-1822	N.H.	Groede 17-01-1861
Cauwels	Barbara Theresia	05-04-1830	R.K.	
Kallaart	Johannes	28-10-1850	R.K.	
Kallaart	Abraham	02-11-1854	R.K.	
Kallaart	Maria	11-09-1852	R.K.	
Kallaart	Eduardus	19-01-1858	R.K.	
Kallaart	Pieter Jacobus	1860		
Kallaart	Louise Johanna	1861		

de Ruijter	Jacobus	01-02-1819	R.K.	Groede 24-12-1860
Colpaart	Hendrika Baldina	06-05-1823	N.H.	
Colpaart	Pieterrella	02-04-1850	N.H.	
de Ruijter	Maria Theresia	08-07-1854	R.K.	.
de Ruijter	Johanna	30-04-1856	R.K.	
de Ruijter *	Rosalia	28-02-1858	R.K.	

* não aparece na lista do APEES

van de Velde	Jan	07-08-1813	N.H.	Groede 24-12-1860
Hermetet	Catharina	17-12-1821	N.H.	

Chegaram em 1861 em Vitória com navios desconhecidos:

Baas	Pieter	29-04-1831	N.H.	Retranchemen 17-12-1860
van Hoorn*	Pieterrella	15-02-1827		
van Hoorn*	Pieter	07-02-1859		
Baas	Jacoba	06-09-1860		

* na lista do APEES aparecem somente a mãe e o filho

Kallewaard	Jacob	13-02-1818	N.H.	Groede 17-12-1860
Scheive	Johanna	16-05-1828		
Kallewaard	Izaak	18-05-1845		
Kallewaard *	Suzanna	12-09-1846		
Kallewaard	Abraham	28-09-1859		
Scheive	Catharina	22-02-1855		
* não aparece na lista do APEES				
Schijve	Abraham	12-03-1807	N.H.	Zuidzande 18-12-1860
Jongman	Catharina	04-03-1805		
Schijve	Jannis	25-02-1831		
Schijve	Pieter	21-04-1837		
Schijve	Abraham	24-07-1841		
Schijve	Jacobus	14-07-1843		
Schijve	Johanna	16-05-1828		
Schijve	Elizabeth	11-12-1812	N.H.	Groede 17-12-1860
Boone	Abraham	26-12-1842		
Boone	Johanna	13-04-1843		
Boone	Johannes	31-08-1844		
Schijve	Elizabeth Adriana	04-01-1846		
Krijger	Pieter Johannes	14-06-1834		
Onde ficaram essas famílias?				
Alleyn	Franciscus	01-04-1801	R.K.	Groede ?-04-1861
Hanerlynck	Sophia Hendrika	05-10-1822		
Alleyn	Hendrikus	15-09-1846		
Alleyn	Johanna Sophia	04-02-1839		
Alleyn	Rosalia	06-05-1849		
Alleyn	Casilda Coleta	08-04-1854		
Alleyn	Sophia Bernardina	21-02-1857		
Alleyn	Franciscus	16-07-1859		
Alleyn	Barbara There	31-10-1860		
Borgo	Jacob	1824	N.H.	Breskens 08-05-1861
Van Est	Marie	29-03-1822		
Borgo	Cornelia	03-06-1849		
Borgo	Izaak	10-01-1851		
Borgo	Maria	21-04-1853		
Borgo	Johannis Carel	17-09-1854		
Crince	Pieter	29-11-1820	N.H.	Zuidzande 15-02-1861
le Feber	Pieterrella	18-06-1824		
Crince	Pieter	28-08-1847		
Crince	Pieterrella	17-03-1849		
Crince	Maatje	11-10-1851		
Crince	Suzanna	02-07-1854		

Crince	Jacob	04-11-1856		
Crince	Jannis	31-08-1859		
Crince	Pieter	31-07-1798	N.H.	Groede 23-03-1861
De Meulenaar	Maatje	? 1799		
Crince	Maria	24-06-1827		
Crince	Suzanna Maria	26-08-1828		
Faas	Leendert	05-03-1818	N.H.	Oostburg 01-02-1861
Stoppels	Jacoba	29-07-1824		
Faas	Adriaan	23-02-1851		
Faas	Leendert	28-04-1853		
Faas	Elizabeth	21-09-1856		
Faas	Jacobus	03-06-1860		
de Freijn	Pieter	12-05-1825	N.H.	Cadzand ?-04-1861
Burgel	Adriana	20-08-1822		
Burgel	Jacob	29-11-1849		
de Freijn	Elizabeth Cath.	22-05-1852		
de Freijn	Izaak	26-07-1854		
de Freijn	Catharina	14-11-1856		
de Freijn	Maria	30-06-1860		
den Hollander	Jan	04-07-1819	N.H.	Oostburg 15-12-1861
Steijaard	Elizabeth	20-10-1824		
den Hollander*	Dina Maria	29-01-1850		
den Hollander	Elizabeth	19-10-1852		
den Hollander	Adriana	26-01-1858		
den Hollander	Sara	30-03-1861		
* Casada com Pieter Valkenier em 1867, faleceu no dia 04-07-1909 em Sodus Wayn, New York USA				
Leman (Leemans)	Jan	1814	N.H.	Zuidzande 1861
le Fever	Pieterrella	27-09-1803		
Louret	Abraham	26-10-1817	N.H.	Cadzand 22-03-1861
Morel	Sara	06-12-1823		
Louret	Isaac	23-08-1846		
Louret	Daniel	23-08-1857		
Louret	Jacob	30-11-1849		
Louret	Abraham	09-01-1853		
Louret	Pieter	28-05-1856		
Louret	Suzanna	30-04-1858		
Louret	Jannis	26-06-1860		
van Roo	Jacob	21-10-1833	N.H.	Retranchement of Groede 17-02-1861
Haak	Francina	13-03-1828		
van Roo	Jacob	27-06-1856		

van Roo	Francina	27-05-1853		
van Roo	Pieter	26-03-1840		
Tas	Josephus Leopoldus	21-08-1827	R.K.	Groede 11-04-1861
de Lange	Barbara Therasia	16-03-1827		
Tas	Adelaida Francisca	10-03-1852		
Tas	Johannes Baptista	09-06-1854		
Tas	Stephanie	26-09-1860		
van Caluwe	Sophia Christina viúva de Jan Tas	11-10-1784		
Riteco	Sophia Francisca	06-01-1830		
Vermeulen	Pieter	05-10-1828	N.H.	Zuidzande 13-04-1861
van Lare	Maria	10-09-1830		
Vermeulen	Pieter	15-07-1853		
Vermeulen	Abraham	13-01-1861		

1862

Colônia Santa Leopoldina (ES)

Chegaram em navios desconhecidos a Vitória.

den Hollander	Marinus	22-05-1814	N.H.	Zuidzande
Verduyn	Elizabeth	08-11-1818		
den Hollander	Magdalena	16-06-1841		
den Hollander	Marinus	03-03-1848		
den Hollander	Adriaan	29-02-1852		
den Hollander*	Elizabeth	19-05-1843		
den Hollander*	Jannis	27-02-1846		
den Hollander*	Jozina Maria	17-02-1850		
den Hollander*	Izaak	03-12-1859		
	* não aparecem na lista do APEES			
Jansen	Jacob	31-08-1811	N.H.	Retranchement 18-12-1861
Vinke	Maria	26-10-1816		
Jansen	Neeltje	06-03-1842		
Jansen	Maria	21-04-1847		
Jansen	Willem	15-02-1850		
Jansen	Jacob	15-02-1850		
Jansen	Johannis	01-06-1853		
Jansen	Pieter	27-12-1856		
Jansen	Abraham	27-12-1856		
Vinke	Maria Cornelia	26-10-1815	N.H.	Retranchement
Vinke	Neeltje	06-03-1841		
Leenhouts	Izaak Jannis	18-10-1812	N.H.	Schoondijke
Mobelus	Elizabeth	04-03-1823		
Leenhouts	Suzanna Francisca	14-02-1850		

Leenhouts	Maria Johanna	27-02-1851
Leenhouts	Abraham Jannis	15-02-1856
Leenhouts *	Magdalena	23-12-1857
Leenhouts	Francina Johanna	30-04-1859
Boudrie	Adriaan Jacob	10-12-1847
	filho da mãe do casamento anterior	
	* não aparece na lista do APEES	

Segundo um ‘contrato de travessia’ encontrado no distrito Holanda, a família Heule-de Reu teria partido no navio primeira classe ‘Professor Surinaar’, com capitão Kuijper, no dia 22 de dezembro de 1861 de Antuérpia para o Rio de Janeiro.

Sua partida foi ao mesmo tempo com o pai da esposa, Abraham de Reu e sua família que emigraram de Cadzand para o Brasil. Provavelmente o pai e a mãe de Suzanna de Reu, os sogros de Pieter Heule com duas crianças viajaram com eles de Cadzand.

Heule	Pieter	31-01-1833	N.H.	Nieuwvliet
de Reu	Suzanna	24-11-1829		
Heule *	Abraham	14-09-1859		
Heule *	Johannes	10-11-1860		

De Reu *	Abraham	03-11-1798	N.H.	Cadzand
Callaert *	Catharina	13-01-1800		
De Reu *	Anna	22-06-1839		
De Reu *	Jacob	27-03-1842		

* não aparecem na lista do APEES

Segundo o registro de habitantes de Cadzand, a família de Abraham de Reu emigrou para a América do Norte. Seu filho, Jannis de Reu, foi para lá no dia 24 de outubro de 1854. Mas o microfilme 487370 do Latter Day Saints mostra que eles emigraram para o Brasil em 1861.

Onde ficaram essas famílias?

Casteleijn	Pieter	20-08-1833	N.H.	Schoondijke 12-4-1862
Lambrechts	Maria	09-04-1832		
Casteleijn	Jannis	27-01-1857		
Casteleijn	Maria	08-01-1859		
Casteleijn	Cornelia	21-10-1861		
van den Driessche	Fernandius	08-10-1820	N.H.	Hoofdplaat 20-12-1862
de Scom	Coleta	02-03-1831		
de Scom	Constantia	11-04-1860		
Elias	Jannis	06-11-1819	N.H.	Zuidzande 12-04-1862
de Smidt	Janneke	02-05-1827		
Elias	Jannis	27-06-1852		
Elias	Jacob	22-08-1854		
Elias	Pieter	14-08-1856		
Elias	Martinus	22-10-1858		
Elias	Abraham	13-06-1860		

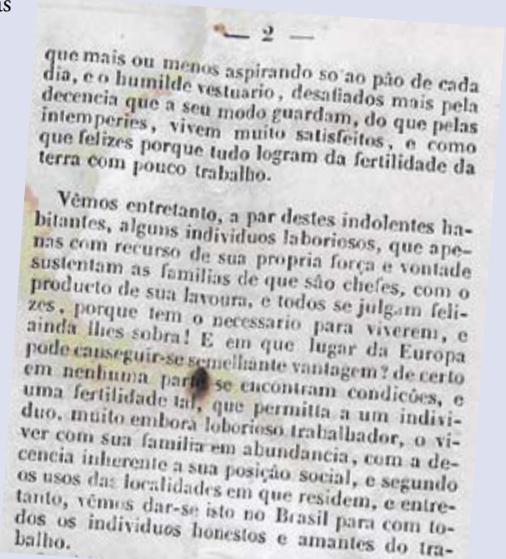
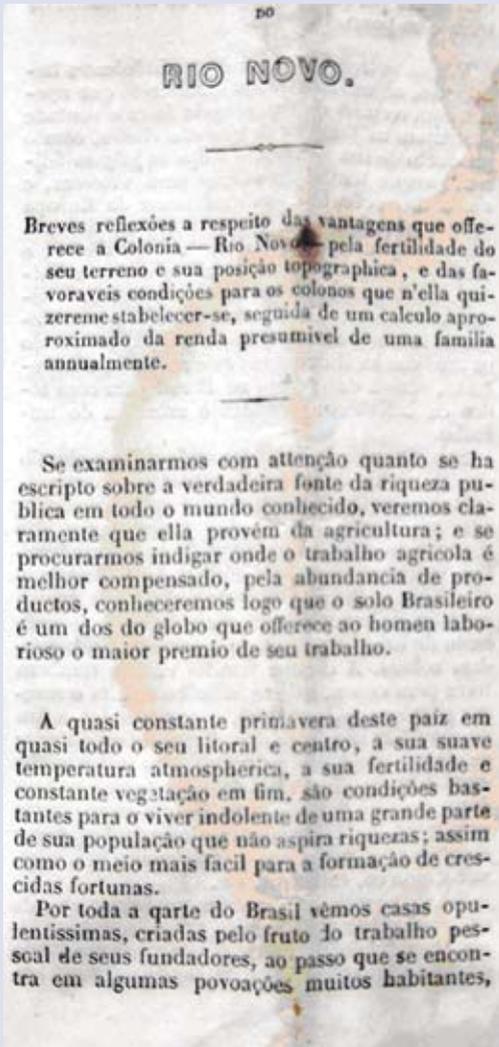
Ghijssels	Magdalena	08-03-1819	N.H.	Zuidzande 12-04-1862
Haars	Jacobus	31-12-1811	N.H.	Schoondijke 11-1862
de Meester	Jannis	01-09-1828	N.H.	Groede 1862
v.d. Luijster	Levina	25-09-1833		
de Meester	Albrecht	21-09-1859		
de Meester	Pieterrella Wilh.	11-12-1860		
Miens	Catharina	24-10-1795	N.H.	Retranchement 12-04-1862
Miens	Jannis	23-11-1820		
v.d. Veere	Pieterrella	18-10-1830		
Miens	Catharina	17-02-1858		
Miens	Pieterrella Klara	02-01-1861		

Anexo 1

Folheto de Caetano Dias, da Associação Colonial do Rio Novo

Em Rio Novo do Sul a família Rohr, descendentes de uma família suíça de emigrantes, possui um antigo baú. Este, no entanto, só poderia ser aberto depois de 100 anos da morte de seu proprietário, Daniel Rohr. Em 2006 os descendentes dos imigrantes da Suíça decidiram comemorar os 150 anos da chegada de seus ancestrais em Rio Novo. A família entendeu que essa seria uma boa oportunidade de abrir o baú. Lá dentro havia o folheto de Caetano Dias. Graças à família Rohr podemos traduzir e publicar este documento único que prova como as famílias foram trazidas para Rio Novo no Brasil.

Um extrato do folheto:



Tantas vantagens ao mesmo tempo, e tantos meios de viver felizmente e de adquirir fortuna, são por certo ignorados da maior parte das populações Europeas; as quaes, para viverem ali honestamente e remediar suas necessidades, trabalham sem cessar, sujeitas as privações inauditas: e quantas miserias accommettem essas populações quando faltam cereaes e trabalho para do seu fructo se manterem? Causam horror as narrações que a semelhante respeito nos fazem os viajantes que em taes occasiões se tem achado nas localidades onde se passam essas scenas de dôr.

Para suavisar a misera existencia de milhares de individuos que tanto soffrem nos diferentes pontos da Europa, e mesmo para melhorar a fortuna dos que ja possuem algum cabedal, achase o Imperio do Brasil com os braços abertos, e prompto a receber esses individuos e suas familias, as quaes com seus chefes, encontrarão a par do melhor acolhimento dos Brasileiros, o seu bem estar presente e a sua futura prosperidade, uma vez que ponham do seu lado o amor ao trabalho perseverança e boa diligencia.

Com estas condições poderão todos os individuos laboriosos lograr muita satisfação domestica, abundancia em suas casas eo crescimento quotidiano da sua fortuna; e na presença de tantas circumstancias favoraveis, porque, vos habitantes dos diferentes pontos da Europa, que viveis com tanto trabalho sem a menor espe-

rança de melhorar vossa sorte, e a de vossas famílias; sem um presente e sem um futuro, não vindes gozar no abençoado solo Brasileiro de tantas vantagens que elle vos offerece? Falta-vos resolução para deixardes a Patria? pois bem, considerai a Patria impossibilitada de manter tantos filhos, e que vos não podereis viver jamais no gozo do necessario; que não tereis jamais a vossa disposição os meios indispensaveis para vencer as muitas difficuldades da vida, que por mil modos vos acommettem, e obstem a que vivaes, ja não digo felizes, mas regularmente; e conhecereis a necessidade de passardes pela dôr, que tantos outros tem passado, de separar-vos do lugar que vos vio nascer, a fim de virdes gozar, durante o resto dos vossos dias, das vantagens que a todos offerece este vasto paiz, onde achareis de prompto a entrada do vosso bom futuro, e de vossas familias. Apos estas considerações estou certo, que concordareis na retirada.

Falta-vos os meios para realizar a empreza da vossa mudança? pois bem, eu por mim ou por intermedio de outrem, vos fornecerei esses meios para retribuides com suavidade pelo fructo de vosso trabalho: eis tudo quanto agora precisaes, e depois que chegardes a mim, tereis os meios que vos hão de ser precisos para comecardes os vossos estabelecimentos de que tereis certamente uma renda superior a vossa despeza bem regulada: e tereis sobras para satisfazerdes os vossos compromissos, e accrescentardes cada vez mais as vossas nascentes fortunas.

Nas margens dos rios Itapemerim, Novo, Itapoama, Iconha e seus confluentes ribeiros, acha-se fundada uma Colonia sob os auspicios da Associação Colonial do Rio Novo; e tal Colonia esta disposta para receber em seu seio, todos os individuos de ambos os sexos que da Europa, indistinctamente, Ilhas da Madeira, Canarias e outras, quizerem fazer parte da população da mesma Colonia.

Das favoraveis condições para os Colonos, offerecidas pela Associação.

1.^a — Dar-se-ha por adiantamento, por intermedio de casas commerciaes das Cidades maritimas da Europa, o dinheiro necessario parao embarque das familias e outros individuos que quizerem fazer parte da Colonia — Rio Novo, — sempre que o engajamento fôr feito por conta immediata ou intervenção de qualquer forma da Associação Colonial do Rio Novo; e o importe das passagens até a mesma Colonia: no caso porem de ser o engajamento contractado em qualquer dos Portos do Brasil, com qualquer importador, adiantar-se-ha a importancia porque se contractar, e a passagem de qualquer de taes Portos para a Colonia; assim como as mais despesas indispensaveis.

2.^a — Entregar-se-ha a cada familia que fôr chegada a Colonia, logo, ou no menor espaço de tempo que fôr possível uma area de terra que contenha de quarenta a cincoenta mil braças quadradas, a qual lhe ficara pertencendo logo por titulo de fôro perpetuo que se lhe passara.

3.^a — Nesta area de terra achara a familia: 1.^o de dez à vinte mil braças quadradas de matto derribado, por ser serviço difficil de fazer à quem chega desde logo; 2.^o ua easa commoda para habitação da mesma familia; 3.^o os indispensaveis utencilios; 4.^o ass possiveis plantações de cafezeiros, mandioca, milho, feijão, etc.

4.^a — Fornecer-se-lhe-ha o preciso milho feijão, arroz, em quanto não colherem estes mantimentos da primeira sementeira ou plantação que fizerem, que devera ser na primeira estação apropriada depois que chegarem; e no caso de acharem feitas as plantações regular-se-ha o fornecimento até a colheita dellas: a farinha de mandioca tambem se lhe fornecera nos primeiros quatro mezes.

5.^a — Fornecer-se-lhe-hão outros indispensaveis até chegarem os seus primeiros productos, de que tiran o necessario para pagamento dos debitos que por taes avances tiverem contrahido.

— 10 —

6. — Além das vantagens que ficam ennumeradas, ficara a disposição das familias : 1º o preciso terreno junto ao engenho ou engenhos que a Associação hade ter, para que plantem canna de de que tirem o assucar e aguardente que podem ; 2º o moinho, ou moinhos que existirem para que reduzam à farinha o milho e arroz que quizerem ; 3º os engenhos de preparar o café que tiver de transportar, ou vender preparado na Colonia ; 4º as conduções de que necessitarem para conduzir seus productos dos seus estabelecimentos para o Porto exportador.

5º O engenho de serrar taboado para que tenham este genero sem o comprar, e aproveitem as muitas madeiras que existen nas terras que se lhe destinam. 6º — O engenho de fazer oleo de baga de mamõno, para que aproveitem este importante producto que com tanta abundancia se da. 7º — A fabrica de farinha de mandioca. 8º — Outras quaesquer officinas de Associação para utilisarem o que dellas lhes fôr preciso.

7. — Estabelecidas as primeiras familias em numero sufficiente, diligenciar-se-ha a existencia de um pastor catholico para celebrar o santo sacrificio da missa todos os domingos e dias santos.

8. — Sera garantido o culto religioso seguido pelos colonos que não forem catholicos, facilitando-se-lhes o serem acompanhados por seus respectivos pastores.

9. — A todas as familias que se estabelcerem na Colonia, se fornecerão aves, e porcos para o começo da creação de taes especies.

10. — De todas estas vantagens poderão gozar as pesoas solteiras que na Colonia se casarem e formarem familia.

11. — A todas as familias estabelecidas na Colonia, em torno dos centros coloniaes, sera permitido o trabalho a meias com a Associação no tratamento de cafezeiros que tomarão a seu cuidado, e na colheita de seus fructos ; e assim tambem no plantio de cannas para o fabrico do assucar e da aguardente, em quanto as terras que tomarem por fôro perpetuo não lhes fornecerem productos com que possam remir suas precisões e pagar seus debitos : desde modo lhes pertencerá metade do café que colherem nos cafezeiros que se pozerem a seu cargo para tratar ; e metade do assucar pue se fizer das cannas que plantarem

— 11 —

e tratarem, devendo no serviço da moagem da canna observar-se o respectivo regulamento da Colonia.

12. As pessoas que não fizerem parte das familias, terão trabalho certo da Associação, para ganhar subsisteucia, percebendo na actualidade, os adultos capazes de todo o serviço, de oito a doze mil réis por mez util e dias isolados nessa mesma proporção ; e os menores que poderem trabalhar perceberão de quarto a oito mil réis por mez util, e dias isolados na mesma proporção ; uns e otros deixarão um terço de seus ganhos para pagamento dos seus debitos ; a taes pessoas se concedera a vantagem da condição antecedente logo que possam residir sobre si, em casa propria.

13. Todos os individuos da colonia pertencentes as familias estabelecidas que se empregarem nos serviços da Associação, ganharão o mesmo ordenado ou jornaes estipulados na condição antecedente.

14. Os individuos solteiros, que se mostrarem dignos de attenção por seus bons costumes, que forem trabalhadores diligentes e economicos ; e se acharem com animo de cultivar por si, e por meio de engajamentos que façam, uma arêa de terra igual as que se destinam as familias e de que tratam as concessões 1.ª e 3.ª, ser-lhe-ha ella concedida com os mesmos onus e vantagens a que ficarem sujeitas as familias.

Das retribuições dos Colonos a Associação Colonial do Rio Novo.

1. — Pela primeira condição sera levada ao debito de cada familia ou individuo isoladamente, a importancia que se dispender, a qual começara a vencer juro de seis por cento ao anno, seis mezes depois da chegada da mesma familia ou individuo.

2. — Pela segunda condição ficarão os possuidores das arêas de terra, de que ali se trata, obrigados a um modico fôro annual, o qual sera perpetuo.

3. — Pela terceira condição serão os possuidores das ditas arêas, obrigados aos modicos valores das bemfeitorias que existem feitas por conta e a

— 12 —

a expensas da Associação, para mais facilmente se estabelecerem os mesmos possuidores; taes valores serão embolçados à proporção que se fizerem as colheitas, na porção que se estipular; e nesse ajuste se permite a possível equidade.

4.^a — Pela quarta condição nada a Associação percebera até a época da primera colheita de mantimentos; mas dessa época por diante sera debitada a familias o individuos que viverem sobre si isoladamente o importe dos mantimentos que selhes fornecer de qualquer especie.

5.^a — Pela quinta condição se lhes fizerem os supprimentos que se lhes fizerem desde logo.

6.^a Pela sexta condição ficara para a Associação:

1.^o Um terço do assucar e aguardente que fizerem no engenho da Associação quando não se der o caso da condição 11.^a.

2.^o — Um decimo da farinha que fizerem, de milho ou de outros grãos, nos moinhos da Associação.

3.^o O preço que regularmente se pagar nos paiz pelo preparo de cada arroba de café nos engenhos da Associação.

4.^o — As conducções que necessitarem para levar seus productos ao Porto — de Piuma — serão compensados por um modico estipendio que se convencionar.

5.^o — A metade do taboado que serrarem nos engenhos da Associação.

6.^o — Um decimo do oleo de mamômo que fizerem no engenho da Associação.

7.^o Um decimo da farinha de mandioca, polvilho e tapioca que fizerem na fabrica da Associação.

8.^o — Os preços que regularmente se pagarem no paiz por outras quaesquer cousas que necessitarem de quaesquer officinas que a Associação possuir.

7.^a — Pela setima condição nada se exige porque a Associação esta certa de que o Governo do Brasil, como primeiro interessado na mantensa illa da Santa religião de Jesus Christo, concorrera para que a Colonia—Rio Novo— nao soffra falta por este lado.

8.^a — Pela oitava condição, nada se exige igualmente pelos mesmos principios inherentes os

— 13 —

Governo Brasileiro, no que toca a respeitar as crencas dos colonos que correrem ao Brasil, para um dia serem seus subditos se assim o desejarem.

9.^a — Pela nona condição, nada se exigira das familias e pessoas solteiras, que viverem em economia separada.

10.^a — Por todas as mais condições, ficam estabelecidos os onus que nellas se declara; e para que nao hajam duvidas em contas e ajustes de objectos, haverá um livro, cuja guarda ficara a cargo de cada familia e dos mais habitantes, onde se lançarao todos os debitos e creditos das mesmas familias, e individuos; et neste livro (cada familia tera um) se ajustara sempre as contas. Cada familia ou seu chefe, e cada individuo com economia separada saldara seu debito no menor espaço de tempo possível, e em cada ajuste de contas, assignarao documentos em forma, como for mais conveniente dos saldos que ficarem devendo.

Calculo do rendimento que provavelmente tera uma familia annualmente.

Em quanto os cafezeiros plantados nas áreas de terra pertencentes as familias colonas, não produzirem, poderao supprir os cafezeiros da Associação onde os colonos poderao colher de meias, e tambem podera supprir o fabrico do assucar em maior escala; mas quando assim nao fosse, ainda assim, a renda produzida pelos outros objectos da lavoura sera muito superior a despeza, e dara sobra para occorrer a parte dos compromissos dos mesmos colonos: em todo o caso, vér-se-hao os mesmos colonos no meio da abundancia em todo anno, e salvos das necessidades que os flagellam na Europa. E se alguma familia tiver la alguma fortuna, mas que nao tenha meios de a fazer augmentar, tera toda a facilidade de prosperar na Colonia—Rio Novo— onde podera obter por afóramento perpetuo os terrenos que necessitar para cultural-os por si, e

Em quanto os cafezeiros plantados nas áreas de terra pertencentes as familias colonias, não produzirem, poderao supprir os cafezeiros da Associação onde os colonos poderão colher de meias, e tambem podera supprir o fabrico do assucar em maior escala; mas quando assim nao fosse, ainda assim, a renda produzida pelos outros objectos da lavoura sera muito superior a despeza, e dara sobra para occorrer a parte dos compromissos dos mesmos colonos: em todo o caso, vêr-se-hao os mesmos colonos no meio da abundancia em todo anno, e salvos das necessidades que os flagellam na Europa. E se alguma familia tiver la alguma fortuna, mas que nao tenha meios de a fazer augmentar, tera toda a facilidade de prosperar na Colonia—Rio Novo—onde podera obter por afóramento perpetuo os terrenos que necessitar para cultural-os por si, e

Em quanto os cafezeiros plantados nas áreas de terra pertencentes as familias colonias, não produzirem, poderao supprir os cafezeiros da Associação onde os colonos poderão colher de meias, e tambem podera supprir o fabrico do assucar em maior escala; mas quando assim nao fosse, ainda assim, a renda produzida pelos outros objectos da lavoura sera muito superior a despeza, e dara sobra para occorrer a parte dos compromissos dos mesmos colonos: em todo o caso, vêr-se-hao os mesmos colonos no meio da abundancia em todo anno, e salvos das necessidades que os flagellam na Europa. E se alguma familia tiver la alguma fortuna, mas que nao tenha meios de a fazer augmentar, tera toda a facilidade de prosperar na Colonia—Rio Novo—onde podera obter por afóramento perpetuo os terrenos que necessitar para cultural-os por si, e

— 16 —

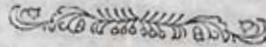
por meio de seus enajados. Por semelhante modo uma tal familia ipenas remediada na Europa, tornar-se-ha proprietaria, mais ou menos importante na Colonia, em muito pouco tempo. O que deste modo avuçamos, poderiamos provar com grande numero de exemplos.

A' vista pois de todo o expellido, fica demonstrado e é indubitavel, que as vantagens especificadas, convidam as populações a procural-as, e as que quizerem fazer parte da Colonia—Rio Novo—acharao exacto tudo quanto aqui fica exarado.

Rio de Janeiro, 14 de Fevereiro de 1855.

O Director da Associação Colonial do Rio Novo.

CAETANO DIAS DA SILVA.



Anexo 2

Contrato de travessia

Contrato de travessia achado no baú de Jacob Jansen na casa de Floriano Heule e Carolina Kuster.

COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO REGULAR AMÉRICAS NORTE E SUL STEINMANN & CIA EM ANTUÉRPIA

Entre os abaixo assinados STEINMANN & CIA ou seus representantes Abraham de Grootte em Nieuwvliet e Pieter Heule em Nieuwvliet foi fechado no dia de hoje o seguinte contrato:

Parágrafo 1

Os abaixo assinados, a serem listados, comprometem-se aqui, sob as condições a serem mencionadas, de partirem no dia 22 de dezembro de 1861 de Antuérpia com o navio primeira classe Professor Surinaar, sob comando do capitão Kuyper, para o Rio de Janeiro.

Heule, Pieter
29 anos Nieuwvliet

De Reu, Susanne
31 anos Nieuwvliet

Heule, Abraham
2 anos Nieuwvliet

Heule, Jannis
1 ano Nieuwvliet

Preço do frete até o destino: (não está preenchido)

Observações: (não está preenchido)

Parágrafo 2

Os custos da travessia são

como mencionados acima (não está preenchido)

Incluído nesse valor estão..... (algo está apagado) a serem pagos na América. Crianças abaixo de 1 ano estão isentas.

Parágrafo 3

Cada adulto tem direito a 200 libras e cada criança a 100 libras de bagagem; não é cobrado o transporte da mesma.

Parágrafo 4

Os passageiros devem estar pontualmente no lugar indicado antes da partida e também durante a viagem sempre antes da hora da partida do NAVIO ou do TREM devem estar presentes no lugar da partida, podendo ser multados.

Parágrafo 5

Os passageiros devem se encontrar no (a)..... (não está preenchido) em Antuérpia e em seguida se registrarem no escritório dos senhores STEINMANN & CIA para lá receberem as informações necessárias.

Parágrafo 6

A bordo é fornecido aos passageiros:

a. Espaçosos dormitórios no entrecobertas, ou salões I ou II a escolher.

b. Água potável, luz, e se necessário, também medicamentos.

Parágrafo 7

Por sua vez, os passageiros devem providenciar roupa de cama, cobertas, pequenas porções de comida e bebida e assim por diante e pro-

duto de higiene pessoal. Aqueles que assim quiserem podem adquirir esses produtos através do escritório por um preço bem acessível.

Parágrafo 8

Para a viagem para AMÉRICA DO SUL (Rio de Janeiro, Rio Grande e outros portos no Brasil), a monarquia belga prescreveu a seguinte lista de provisões: Provisão suficiente para uma pessoa adulta para uma viagem de 84 dias para a América do Sul:

36 libras torradas

18 libras arroz

18 libras cevada

12 libras trigo

16 libras feijão e ervilhas

De acordo com as circunstâncias alguns desses itens podem ser substituídos por outros que, no entanto, devem sempre somar 64 libras.

12 libras bacon

12 libras carne salgada

60 libras batatas

2 ½ libras café

2 libras sal

2 ½ libras vinagre

c. Água potável será distribuída diariamente em quantidade suficiente e por intermédio e concordância do capitão os passageiros receberão água quente ou café pela manhã e sopa à noite.

d. Crianças de 1 a 8 anos receberão metade, de 8 a 14 três quartos da comida.

e. De acordo com a estação a direção do porto pode substituir legumes por batatas desde que na proporção de

que por 1 libra de legumes será dado 5 libras de batatas. f. Todos os mantimentos deverão ser entregues ao capitão em quilos, onde 1 quilo corresponde a 2 libras.

Parágrafo 9

Segundo as leis do estado de Nova Iorque, não será permitida a entrada de emigrantes acima dos 60 anos, nem inválidos, mutilados, insanos, surdos, mudos, cegos, viúvas com crianças pequenas, órfãos com menos de 13 anos, moças sem maridos e com filhos. O mesmo se aplica àqueles que não possuem meios de viajar ao interior, como determinam os direitos civis em Nova Iorque. Todas as conseqüências de declarações falsas, omissão de informações, bem como em relação à idade das crianças, serão sofridas pelos passageiros.

Parágrafo 10

Os passageiros são obrigados a seguir as regras do capitão durante a viagem, bem como respeitar as leis dos países pelos quais passarão como as leis dos EUA relativas à imigração e estar de posse de todos os documentos necessários.

Parágrafo 11

O nome do passageiro deve constar na bagagem e em todos os documentos. Se for de interesse do passageiro, todos os seus pertences podem ser segurados contra incêndio e outros perigos no mar.

Parágrafo 12

Se as circunstâncias assim exigirem, é permitido ao

passageiro fazer a viagem em outro navio que não o especificado no contrato sem custos adicionais.

Parágrafo 13

Caso ocorra algum acidente durante a viagem através do qual seja impossível manter o curso, os passageiros serão levados por outros meios de transporte ao seu destino.

Parágrafo 14

Se o navio não puder partir na hora determinada, os passageiros recebem diariamente 1,50 francos por cada adulto e 75 centavos por cada criança como indenização ou, se preferirem, alojamento e alimentação gratuita.

Parágrafo 15

Ao fechar o contrato, uma entrada de 20,00 francos deve ser paga, relativo ao recibo de quitação I. Antes da partida o restante deve ser pago aos senhores STEINMANN & CIA em espécie.

Parágrafo 16

O passaporte deve ser providenciado pelo passageiro e guardado com cuidado. O escritório assume a responsabilidade pela travessia, mas não pode ser responsabilizado pelos pertences desaparecidos.

Parágrafo 17

O contrato acima não pode ser quebrado e nem transferido para outros cujos nomes não estejam mencionados. Se o mesmo for alterado ou um novo contrato for fechado com um terceiro partido, aquele que o quebrado deve pagar a metade da quantia acordada como indenização

por danos causados e será responsabilizado por demais prejuízos.

Parágrafo 18

Depois de este contrato ter sido lido por todos, aprovado, duplicado e assinado por todos, as duas partes recebem uma cópia do mesmo com a recomendação de que todas as condições acima descritas sejam seguidas.

.....

de

de 185.....(não está preenchido)

ESCRITÓRIO CENTRAL:
STEINMANN & CIA

Autorizado neste,
(estava assinado) pp.

Abm. De Groote JC

Assinatura do emigrante:

.....

(não está preenchido)

Anexo 3

Colônias no sul do Brasil

Algumas famílias de Zeeland que aparecem na lista dos que partiram (veja anexo 1) foram encontradas do sul do Brasil nas colônias relacionadas abaixo.

Fig.22

Colônia Santa Cruz no estado do Rio Grande do Sul (RS)

Em 1849 os primeiros colonos da Alemanha chegaram a Santa Cruz. A terra pertencia a João Antônio Farias da Rosa. A colônia se caracterizava pelas plantações de tabaco, cujas primeiras sementes chegaram de Cuba em 1851. Já em 1864 a colônia tinha uma agência dos correios. A correspondência era entregue uma vez por mês através de um sistema de revezamento. A colônia veio a se transformar na cidade Santa Cruz do Sul e é conhecida como a cidade do tabaco.

Colônia Santa Maria de Soledade, RS

Procurando por seus ancestrais, o senhor Delmar François descobre que o pai de seu bisavô não era alemão, mas holandês, segundo consta na certidão de falecimento. A história de Delmar François: “Trata-se de Cornelis François com sua esposa e dois filhos. O mais novo, Jannis François, que no Brasil se chama João, é meu bisavô. Eu comeci a

pesquisar quais holandeses chegaram ao Rio Grande do Sul entre 1858 e 1859 e declararam ser holandeses. Alguns, assim como meu bisavô, teriam chegado com outra nacionalidade. Outros talvez tenham escrito os nomes errado. Por isso eu me interessei pelo assunto. O porto no qual os emigrantes chegaram é o grande porto do Rio Grande do Sul que fica na cidade de Rio Grande. Sempre foi um porto muito importante e navios chegavam lá diretamente da Europa. Os emigrantes desembarcavam lá e, em barcos menores, seguiam para a capital Rio Grande do Sul, pela Lagoa dos Patos. Santa Maria de Soledade era uma região que ficava a aproximadamente 100 Km de Porto Alegre. Hoje em dia existem várias pequenas cidades nessa região.

No período entre 1857-1863, o Brasil se preparava para uma guerra contra os argentinos, em especial contra o General Rosas. Por isso o governo decidiu buscar colonos, especialmente alemães, para povoar a margem esquerda do rio Jacuí e servir de defesa contra um ataque argentino e também para produzir alimentos para as tropas imperiais. Os colonos tinham a viagem paga pelo governo. Eles recebiam terras e ajuda de custo. Para recrutar os colonos, empresas foram contratadas, entre as quais a Montravel, Silveira e Cia., que abriu um escritório

em Antuérpia. Assim que os colonos chegavam, era anotado quem os havia contratado porque as agências recebiam comissão pelos colonos que contratavam. Aqueles que vieram à custa do governo recebiam isenção dos custos extras. Pelo que parece, Montravel, Silveira e Cia. não foram muito honestos. Eles tinham a tarefa de recrutar fazendeiros, especialmente alemães. Meu bisavô não era nem alemão e nem fazendeiro. No registro de entrada no país ele consta como sendo alemão. Na segunda metade de 1859 a agência perdeu o contrato para recrutar. No dia 6 de fevereiro de 1855 o governo imperial vendeu um grande pedaço de terra para o vice-cônsul da França, conde de Montravel, que por sua vez se comprometeu a colonizar essas terras num período de cinco anos. Devido a problemas financeiros ele fundou a empresa de colonização Montravel Silveiro Cia. A terra de 16 léguas (1 légua=6000 metros) às margens do rio Caí destinada a Montravel recebeu o nome de Colônia Santa Maria de Soledade, hoje em dia comunidade São Vendelino. Em 1859 a colônia tinha 1240 pessoas. 904 alemães, 201 holandeses, 81 brasileiros, 40 suíços, 13 belgas e 1 francês. Destes, 622 eram católicos e 618 protestantes. Montravel não conseguiu povoar a colônia somente com suíços,

como planejava. A colônia se transformou num mosaico de grupos étnicos.

Acima do rio Caí mais uma colônia foi fundada em 1858 por Sellin e Bartholomeu, Nova Petrópolis.

Colônia Nova Petrópolis, RS

Novos projetos foram tirados do papel. Entre os quais a colônia Nova Petrópolis no dia 7 de setembro de 1858. Os rios Caí e Cadeia serviam para o transporte e o desenvolvimento da região. A colônia Nova Petrópolis foi planejada em detalhes. A terra foi dividida em lotes de aproximadamente 50 ha. perto de linhas marcadas, ao longo das quais eram abertos caminhos que recebiam nomes. Havia também uma Picada Holanda. A cada dez quilômetros um pequeno povoado foi construído que serviria como apoio ao 'hinterland'. No centro é colocada a 'Stadtplatz', a sede colonial que, hoje em dia é a cidade de Nova Petrópolis. Os emigrantes que foram mandados para cá eram na maioria alemães, mas havia também alguns holandeses.

Colônia Dona Francisca no estado de Santa Catarina (SC)

O cônsul geral de Hamburgo, Arthur Guiger, procurador da Sociedade Colonizadora, assistido por Hermann Liebich, recebeu no Rio de Janeiro no dia 5 de maio de 1850 o direito

para colonizar as terras da princesa Dona Francisca. Um contrato foi assinado entre a Sociedade Colonizadora de Hamburgo e o príncipe e a princesa de Joinville (ele, filho do rei da França e ela, irmã do imperador Dom Pedro II) no qual essas 8 léguas de terras são passadas para a Sociedade para serem colonizadas. A Sociedade Colonizadora de Hamburgo era formada por banqueiros e empresários que esperavam grandes lucros com a exportação de pessoas para a colônia "alemã" que tinha que servir aos seus interesses comerciais alemães. Quando os primeiros imigrantes chegaram da Europa, a região era ocupada por indígenas e algumas famílias ricas portuguesas que moravam em suas fazendas cheias de escravos vindos da África. A princípio foram imigrantes alemães que povoaram a colônia. Mais tarde vieram imigrantes de toda a Europa entre os quais também alguns Zeeuwen. Em 1877 a colônia tinha 12.000 habitantes. Colônia Dona Francisca é atualmente a maior cidade do estado de Santa Catarina, Joinville. No cemitério Ananaburg em Joinville, onde os pioneiros da colônia Dona Francisca estão enterrados, Brigitte Brandenburg encontrou pistas de holandeses há alguns anos. Brigitte Brandenburg: "O que chamou a minha atenção foi o grande número de óbitos entre os filhos dos imigrantes

em 1858. Em uma certa família Noordhoek cinco crianças com idades de 9, 8, 7, 4 e 3 morreram em 1858." Movida por esse drama ela foi à procura da origem dessas famílias. Com pesquisadores da imigração para Joinville ela procurou por razões porque não havia listas de chegada desse grupo de imigrantes para a colônia Dona Francisca. Mas eles negam que exista alguma fonte de onde se possa descobrir a origem dessas pessoas. Até que o senhor Delmar François do Rio Grande do Sul nos contactou. "Estou feliz que agora sei mais sobre esse 'mistério'." escreve Brigitte Brandenburg.

Em Joinville ainda moram descendentes das famílias Verkruyssen, van Vossen, Mehret, Friedrichsen (casado com uma mulher de Zee-land). Os colonos receberam um lote de terra um ao lado do outro em uma região rodeada de morros, entre os quais há um pequeno vale. Uma região maravilhosa, mas imprópria para a agricultura.

Fig. 23

A maioria dos descendentes de imigrantes saiu dessas terras no final do século XIX. Algumas famílias se mudaram para Iratí no estado do Paraná. A região, hoje, é uma área de proteção ambiental protegida intensivamente, pois lá existe uma nascente que abastece a cidade de Joinville com água.

Fig. 24

Colônia Santo Ângelo, RS

O governo da província do Rio Grande do Sul, tendo como presidente Ângelo Muniz da Silva Ferraz, fundou em 1855 a colônia Santo Ângelo, com o nome do presidente. No dia 1 de novembro de 1857 os pri-

meiros imigrantes chegaram, em sua maioria pomeranos. Cada família e homem solteiro a partir de 18 anos recebeu um pedaço de terra de mais ou menos 48 ha. para cultivar. A colônia cobria uma área de 55 mil hectares e tinha uma população de

4000 habitantes em 1875. O centro da colônia hoje em dia fica na comunidade de Agudo, no coração do estado do Rio Grande do Sul. A comunidade tem 16.000 habitantes.



Mapa Rio Grande do sul e Santa Catarina

Anexo 4

"Ministério da Agricultura, Indústria e Commercio
 Directoria Geral de Estatística
Recenseamento do Brazil
 Realizado em 01 de setembro de 1920

Esse recenseamento mostra como os descendentes dos Zeeuwen haviam se espalhado pelo Estado do Espírito Santo já em 1920.

É bom salientarmos que naquela época a região Norte do Estado ainda não fora desbravada, com exceção de uns poucos núcleos de colonização italiana no município de São Mateus e no atual município de Nova Venécia, onde se encontravam antigas fazendas cafeeiras, originárias da época da escravidão. Toda a região ao sul do Rio Doce está presente neste recenseamento, sendo que vários municípios tiveram seus nomes modificados e muitos outros foram criados e/ou desmembrados do município mãe.

Devemos levar ainda em consideração que nessa época o Estado do Espírito Santo não tinha definido ainda sua fronteira com o estado de Minas Gerais, desde o limite sul até o extremo norte. Esta região foi motivo de muitos litígios entre os dois estados gerando mais conflitos. Essa área ficou denominada então, por muito tempo, de "Região do Contestado". Tal situação só foi resolvida definitivamente no ano de 1963. E é este o formato que permanece até a presente data.

Relação dos proprietários dos estabelecimentos ruraes recenseados no estado do Espírito Santo:

Censo 1920

Cachoeiro de Santa Leopoldina:

José Barra	Mangaraí-Holanda	Abrahão Lawers	„
Antonio João Laurett	„	Jeremias Laurett	„
Abrahão Hulle	„	Antonio Laurett	„
Abrahão Siny	„	Frederico Lahass	Jequitiba
Abrah.Jeremias Laurett	„	João Bohn	Alto Santa Maria
Pedro Hulle	„	Isaac Bohn	„
Ignacio Laurett	„	Pedro Lauvers	„
Abrah.Antonio Laurett	„	Augusto Jacob	Santa Maria
Joana Kalevort	„	Ricardo Jacob	„
Franz Simor	„	Augusta Jacob	„
João Antonio Bonne	„	Francisco Lahass	„
Isaac Laurett	„	Alvina Roos	„
Ignacio A.Laurett	„	João Lahassa	Pedra Preta
Pedro Silva	Pau Amarelo	Abrahamo Lauret	„
João Silva	„	João Lauret	„
Jacob Silva	„	Pedro Callot	Rio Claro
João Hiance	„	Abrahão Schaffel	„
Antonio Hiance	„	Jacob Schaeffel	„
Francisco Callot	Luxemburgo	Pedro Lawers	„
Pedro Schaffel	Santa Maria	José Lawers	„
	de Jequitiba	Emilio Hulle	Alto Batatal
Suzanna Schaffel	„	Abrahaão Bohne	Rio Pontage
		Pedro Zampieri	Santa Lucia
		Pedro Zampieri de Pedro	„

José Marius Simor	Boqueirão
João Simor	„
Isabel Simor	„
Fernando Banckert	Chapeu
Ignacio Hiance	Rio das Pedras
João Kallott filho	Rio das Farinhas
Mathias Banckert	Rio das Farinhas
Jorge Banckert	Rio das Farinhas
Pedro Lahas	Caramuru
Jacob Kalwart	Caramuru
Adrião Leenhouts	Rio de Chapeu
Ignacio Laurett	Rio das Pedras

Santa Tereza:

Henrique Hüller	Calderão
Alberto Hüller	„
Abrão Simoor	Varzea Alegre
José Simoor	„
João Lagas	São Jacintho
José Simoura	Tancredo
Pedro Simoura	„

Domingos Martins:

Carlos Hollunder	Chapeu
Rodolpho Hollunder	„
Carlos Lampier	Campinho
João Lampier	„
Augusto Lampier	Santa Rosa
Frederico Lampier	„
Isaac Lampier	Chapeu
João Lampier	Gallo
Henrique Lampier	Santa Rosa
João Lahas	Melgaço
Guilherme Lahas	„
Henrique Lahas	Melgacinho
Godofredo Hollunder	Sapucaia
Hendrique Hollunder	„
Fernando Hollunder	„

Cariacica:

Pedro Schaffel	Beriricas
Pedro Bone	Pau Amarelo
Abrahão Silva	„
Marinho Hollanda	„
Abrahão Bone	„

Bôa Família - Itarana-Itaguaçu:

João Boone	São Francisco
Otto Boone	Corr. São Francisco
João Isaac Jacobsen	Vallão Grande
Pedro Marino Hollander	„
Abrahão Jacob	„
João Jacobsen Junio	Bella Vista
Abrahão Boni	São Pedro
Antonio Pedro Lourette,	Estrada da Lage
Pedro Andriz	Laranjal
João Lagasce	„
Pedro Boni	Aguas do Laranjal
Abr.João Hollanda	Laginha
Antonio Boni	Laranjal
Isaac Boni	„
Jaco Jacob	Santa Joana
Isaac Jacob	„
Abrahão Andriz	Queira Deus

Afonso Claudio:

Abrahão Lampier	Corr. Crisciuma
Gustavo Kriger	Barra da Rocha
Augusta Chaffel	Horizonte

Linhares:

Emilio Boone	Corr. Boa Esperança
Alberto Jacob	Rio Santa Joana
Henrique Jacob	„
Guilherme Jacob	„
Isaac Joaquim Jacob	„
João Jacob	„
Augusto Jacob	„
Germano Jacob,	Afluente do Rio
	S.Joana
Gustavo Carlos A Lampé,	Rio Baunilha
Jacob Lampier	Linha do Guandu
Oswaldo Hulle	„
Pedro Laurett	Bonfim

Alfredo Chaves:

Herdeiros de Pedro Bona,	Bom Destino
Maria Bona	Baunilha

Bibliografia

- Aalbregtse, M.A., Lief en Leed in het Land van Cadzand, volksgebruiken bij geboorte, huwelijk en overlijden, Europa Bibliotheek, Zaltbommel, 1976
- Aguiar, Arnalda Christina de, e outros, Rio Novo do Sul, nosso povo, sua historia, Prefeitura Municipal Rio Novo do Sul.
- Alunos e professores do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Santa Leopoldina, Meu Município, 2000.
- Arndt, Atilio, 120 anos Comunidade Evangélica de Confissão Luterana, Rio Pardido, Santa Teresa, ES, 2004.
- Avé-Lallemant, Dr Robert, Reise durch Nord-Brasilien im jahre 1859, Leipzig, 1860
- Broecke-de Man, E.J. van den, Dialect in West Zeeuwsch-Vlaanderen, Pieters, Groede.
- Buysse, Frans, De Zeeuwse Gemeenschap van Holanda, Brazilië 1858-1982, een antropologische studie over integratie en identiteit; Bijdragen tot de Geschiedenis van West Zeeuws-Vlaanderen, nr 13 – Heemkundige Kring West Zeeuws-Vlaanderen, 1984.
- Cabral de Mello, Evaldo, Hoe duur was de suiker, De Groene Amsterdammer 20-05-2000.
- Conselho Sinodal de Comunicação, Na rota da migração, O Semeador, junho 2004.
- Costa, João Ribas da, Canoeiros do Rio Santa Maria, Prefeitura de Santa Leopoldina, Fundação Ceciliano Abel de Almeida, UFES, 1982.
- Doel, H.W. van den, tradução Rosa M. Andrade Borges, História dos Países Baixos, Ministério de Negócios Estrangeiros, Den Haag, 1998.
- Driest, Frans van den, Rino Visser, Zeeuws Platenboek, R&B Lisse, 1999.
- Everaert, John, Landverhuizers op doortocht, Antwerpen en de transatlantische migratie 1843-1914, Pandora, 2002.
- Fonseca, Ivan Claret Marques, Nanuque, seu povo, sua história, Nanuque – Minas Gerais, 1986.
- Franssen, G.W.T.M. en Schuurman, A.J., De ontwikkeling van de scheldeloop, Michiel Mispelon, Gedenkboek, Emigranten uit West Zeeuws-Vlaanderen
- Fundação João Pinheiro, A colonização Alemã no Vale do Mucuri, São Paulo, 2002.
- Fundação João Pinheiro, A colonização Alemã no Vale do Mucuri, Conselho editorial sob supervisão de Bernardo Novais da Mata Machado, Belo Horizonte, Junho 1993.
- Gaede, Valdemar, Quando soarem os sinos, Romance, um testemunho de fé e luta sobre o povo Pomerano, Publicação da Pastoral Popular Luterana – PPL – IECLB
- Heijer, H.J. den, De geschiedenis van de WIC, Zutphen, 1994, 2002.
- Horta Duarte, Regina, Olhares Estrangeiros, Viajantes no vale do rio Mucuri, Revista Brasileira de História, Universidade Federal de Minas Gerais. ISSN 0102-0188
- Hullu, dr J. de, naamlijst van enige personen, Zeeuws Archief
- Hutson, Tony, Vierkant getuigde schepen, Hollandia bv, Baarn, 1979.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Conselho Nacional de Estatística: Sinopse Estatística do Município de Santa Leopoldina, ES, Rio de Janeiro, 1948.
- Kill, Miguel A., Geografia e história do Espírito Santo, Estudos sociais, Vitória, Livraria Ancora, 1974
- Kuhn, Anivaldo, Pastoral de Convivência, Posicionamento Teológico, Bacharel em Teologia, Vila Velha, 1994.
- Kuhn, Anivaldo, Dat kan ik mij noch denge, Disso ainda me lembro, Entrevista com Antônio Laurett (89) em Jequitiba ES, 2003.
- Land, Ton, De schoonheid van Zeeland,
- Medeiros, Rogério, Espírito Santo, Encontro das Raças, suplementos de “A Tribuna” no Vitória ES. 1994; Reproarte Gráfica e editora Rio de Janeiro, 1997.
- Osório Costa, Luciana, A Colônia Rio Novo (1854-1880) Dissertação, Prof. Orientador Dr Emanuel Soares da Veiga Garcia, São Paulo, 1981
- Otoni Teófilo, Notícias sobre os selvagens do Mucuri, Organização Regina Horta Duarte, Universidade Federal de Minas Gerais, 2002.
- Otoni, Teófilo, Retalhos de uma história, setembro de 1998 – 145 anos.

- Pacheco, Renato José Costa, *Assimilação de Alemaes no Esp. Santo*, blz. 185
- Pacheco, Renato, *Os primeiros Anos, conflito nas colônias agrícolas espírito-santenses 1827-1882*.
- Pacheco, Renato, *Fuga de Canaã, decadência de uma família alemã no Brasil*, Fundação Ceciliano Abel de Almeida, Universidade Federal do Espírito Santo, 1981.
- Penha Smarzaró Siqueira, Maria da, *O desenvolvimento do Porto de Vitória, 1870-1940*, Codesa, Vitória, 1995.
- Poissonnier, I.H.J., *Sociale initiatieven in West Zeeuws-Vlaanderen in het begin van de negentiende eeuw*, Mededelingenblad Heemkundige Kring, jaargang 34, nr 125, 2001,
- Ratelband, K, *De Westafrikaanse reis van Piet Heyn 1624-1625*, Walburg Pers, Zutphen, 2006.
- Risseeuw, P.J., *landverhuizers naar Noord Amerika, de afgescheidenen en van Raalte*
- Rocha, Levy, *Viajantes Estrangeiros no Espírito Santo*, Editora de Brasília SA, 1971.
- Rölke, Helmar Reinhard, *Descobrimos Raízes, aspectos Geográficos, Históricos e culturais da Pomerânia, Projeto resgate da História e da Cultura Alemã*, UFES, 1996.
- Rothe, Max, *en anderen, Breve Histórico 100 Anos de Colonização Alemã em Teófilo Otoni Minas Gerais, 1856-1956*.
- Saint-Hilaire, Auguste De, *Viagem ao Espírito Santo e Rio Doce*, Universidade de São Paulo, 1974
- Schwartz, Francisco, *Famílias de Santa Leopoldina, Vitória Artgraf* 1994
- Seide, Frederico Hardmann, *consul de Alemanha, Alemãos no Espírito Santo, proeve voor definitieve versie*, 1982.
- Silva Lopez, Almerinda da, *Albert Richard Dietze um artista fotógrafo Alemão no Brasil do século XIX*,
- Slager, Kees, *Landarbeiders, verhalen om te onthouden*, Uitgeverij Link.
- Stella de Novaes, Maria, *História do Espírito Santo*, Fundo Editorial do Espírito Santo, Vitória – ES,
- Stella de Novaes, Maria, *Os Holandeses no Espírito Santo, história e folclore*, Vitória, 1957
- Stichting Behoud Dorpskerk Cadzand, *Historie van de Mariakerk en het eiland Cadzand*,
- Straaten, Harald S. van der, *Hollandse pioniers in Brazilië*, Franeker, van Wijnen, 1988
- Sweers, Erik, *De Nederlandse slavenhandel in de 17^e en 18^e eeuw*, Histocasa, 15-10-2004
- Timmers O.F.M., *Frei Olavo, Theophilo Benedicto Ottoni - Pioneiro do nordeste, mineiro e fundador da cidade de Teófilo Otoni, Lembrança do 100^e aniversário de sua morte, Teófilo Otoni* 1969.
- Timmers, Frei Olavo, *O Mucuri e o Nordeste Mineiro no passado e seu desenvolvimento*¹, Amsterdam.
- Timmers, Frei Olavo, *Publicaties in Varia Zelandiae*, 7^e jaargang, 1967.
- Von Tschudi, Johann Jakob, *Viagem á província do Espírito Santo, Imigração e Colonização Suiça 1860; Coleção Canaã*, Volume 5, Arquivo Publico do Estado do Espírito Santo,
- Volbrecht, Edgar e Maria en Dario e Roswita Schaeffer, *Igreja de Jequitibá, Um século de existência*, Vitória, 1982.
- Vooren, G.A.C. Van, *Zeeuwse emigranten naar Brazilië*,
- Vooren, G.A.C. Van, *De bevolking*, Mededelingenblad Heemkundige Kring West Zeeuws-Vlaanderen jaargang 19, nr 70 en 71, 1986.
- Wernicke, Hugo, *Viagem pelas Colônias Alemãs do Espírito Santo*, Coleção Canaã, Arquivo Publico do Estado do Espírito Santo.

Fotos e ilustrações

Capa e parte interna da capa:

Mapa topográfico da colônia Santa Leopoldina traçado pelo diretor da colônia, engenheiro Coelho Cintra. 1872. Coleção: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo (APEES).

Foto de família: Pieterella van Schaffel-Risseeuw, sua filha Janna, seu genro Isaac Fremouw e os filhos. Eles partiram em 1860 de Zuidzande com o filho Jannis de um ano.

Foto da entrada para Holanda na estrada entre Vitória – Santa Leopoldina

Mapa de Santa Leopoldina, IBGE, 1978

Pag.

07	<i>Quadro de A. Storck</i> , Museu Marítimo de Amsterdã
10	<i>Ria Steinbauzer</i> , quadro de Benedito Calixto, coleção Convento da Penha.
13, 25, 33, 43, 47	<i>Mapas</i> . Coleção Arquivo Público do Estado do Espírito Santo (APEES)
44, 56	<i>Victor Frond</i> , Biblioteca Nacional; coleção APEES.
36	<i>Walter Garber</i> , coleção APEES.
52, 58, 64	<i>Albert Richard Dietze</i> , Biblioteca Nacional, coleção Thereza Christina Maria, 1875.
27, 30, 46, 52, 73, 74	Fotos retirados de: <i>Dr Jerônimo de Souza Monteiro</i> , presidente do Estado, ao Congresso do ES, 1910.
19	Desenho da coleção Robert Vervoort. Fonte: Amigos Red Star Line. (Linha Estrela Vermelha)
20	<i>Basil W. Bathe</i> , <i>Seven centuries of sea travel</i> (sete séculos de viagens marítimas). Fonte: Museu Marítimo Roterdã.
34	<i>Walter Schieber</i>
70, 78, 91, 96, 99,	<i>Ben Kool</i>
111	<i>Debora Neys</i>
72	Desenho: <i>Rino Visser</i>
86, 100	<i>Marc Faasse</i>
87	<i>Rein v.d.Helm</i>
101	Ilustração: <i>Arquidiocese de Vitória</i>
114	<i>Junior Wanguestel</i>
14, 55, 117	<i>Cor J. de Boer</i>
Demais fotos:	<i>Margje Eshuis e Ton Roos</i>

Diagramação

Edição comemorativa aos 150 anos da imigração Holandesa no Espírito Santo. Setembro 2008

ISBN: 978-90-8788-055-2

Titel original: “Op een dag zullen ze ons vinden”,
traduzido do holandês por Ruth Stefanie Berger

Edição Holandesa: ISBN: 978-90-8788-048-4

Editora Koninklijke BDU Uitgevers, Barneveld, Países Baixos

www.bduboeken.nl

Leiaute e formatação: Joop Brons

O livro foi publicado graças o apoio da

Kerk in Actie

Publiciteitsfonds Provincie Zeeland en
Prins Bernhard Cultuurfonds Zeeland

Consulado Geral dos Países Baixos em Rio de Janeiro

Prefeitura Municipal Santa Leopoldina, Espírito Santo, Brasil

Arquivo Público do Estado do Espírito Santo (APEES)

Frans P. M. Buysse, Buysse Immigration, www.emigratie.nl

Fundação Holandinha em Vista,
e-mail: holandinhaemvista@gmail.com

Co-edição Koninklijke BDU Uitgevers e Coleção Canaã
do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo - Brasil



Coleção Canaã

Volume 9



All rights reserved. No part of this book may be reproduced, stored in a retrieval system, or transmitted, in any form or by any means, electronic, mechanical, photocopying, by print, recording, or otherwise, without the prior written permission from the editor.